

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

**Silvana Negro Barboza**

Fatores de permanência de mulheres no casamento em  
situação insatisfatória: um estudo compreensivo

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

SÃO PAULO  
2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

**Silvana Negro Barboza**

Fatores de permanência de mulheres no casamento em  
situação insatisfatória: um estudo compreensivo

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação de Profa. Dra Rosa Maria Stefanini de Macedo

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

---

---

---

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que passam ou passaram por situações idênticas, e não conseguem de alguma maneira fazer algo para mudar isso, porque não enxergam uma saída ou um caminho diferente a trilhar.*

*Em especial a duas mulheres que fizeram parte de minha vida e cujas experiências vividas me despertaram o interesse no tema, mulheres essas tão especiais que já se encontram em outro plano exercendo outras tarefas.*

## *Agradecimentos*

*Agradeço primeiramente a Deus pela vida.*

*Agradeço meu marido pelo incentivo para iniciar mais este projeto e pela paciência durante todo o tempo.*

*À minha orientadora pelo “empréstimo” de todo seu conhecimento e experiência na realização dessa minha dissertação e, por muitas vezes, me conhecer melhor que eu mesma.*

*Às mulheres por mim entrevistadas que consentiram em abrir suas “feridas” para colaborar com minha pesquisa.*

*Aos colegas que conheci durante essa caminhada e que de alguma maneira colaboraram, ora com livros e conhecimentos, ora dando força e apoio. Muitas pessoas passaram por meu caminho nesses quase três anos e agradeço a todas elas.*

*Aos professores que durante o curso tive o prazer e a honra de conhecer, e que ajudaram a ampliar meus conhecimentos e me abriram novos horizontes, que me possibilitaram realizar essa pesquisa.*

*A todos que fazem parte de minha vida familiar e profissional, e que durante esse tempo estiveram junto de mim e entenderam minhas angústias e meu estresse.*

*E à minha mãe (in memoriam) que desde sempre não mediu esforços para que eu estudasse, enfrentando todas as dificuldades pelo caminho, e me deixou como legado a força e a persistência para nunca desistir, mesmo quando tudo parecer estar perdido.*

*“Passam os séculos e os homens,  
mas, repetem-se os fatos e suas causas”*

*Gaspar Barlaeus*

BARBOZA, Silvana Negro. **Fatores de permanência de mulheres no casamento em situação insatisfatória: um estudo compreensivo.** 2009. 173f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi compreender os motivos que levam uma mulher a permanecer em uma relação insatisfatória. Para tanto foram apresentados alguns desses motivos e através de uma pesquisa qualitativa realizada com cinco mulheres de idade entre 37 e 59 anos, separadas e que permaneceram durante um período com seus parceiros insatisfeitas, segundo as mesmas. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, construção de genograma e linha do tempo. A partir da análise das narrativas das entrevistadas formaram-se categorias e sub-categorias que permitiram selecionar alguns dos motivos que levaram as entrevistadas a permanecerem casadas apesar da insatisfação relatada. Todos os motivos apresentados tais como: gênero, crenças quanto ao casamento e separação, individualidade e conjugalidade, transgeracionalidade, são bastante relevantes e muitas vezes facilmente percebidos tanto por elas quanto pelas demais pessoas de seus relacionamentos, exceto a transgeracionalidade, que é algo não tão facilmente visível e somente com uma atenção especial dada às histórias delas e de suas antecessoras (mãe e avó) foi possível identificar e perceber o quanto essa história se repete. Concluindo acho importante uma ampliação do olhar, quando da busca de auxílio por parte dessas mulheres, para a questão da transgeracionalidade, de modo a ajuda-las a perceber que muitas vezes as culpas que sentem não são suas, mas herdadas de um algum outro membro da família, como um segredo a ser preservado.

Palavras-chave: transgeracionalidade, conflito conjugal, casamento, gênero.

BARBOZA, Silvana Negro. **The permanence factors of women in a marriage within unsatisfactory situation: a comprehensive study.** 2009. 173s. After-graduation (Clinical psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

## **ABSTRACT**

The objective of this work was to understand the underlying reasons which lead a woman to maintain an unsatisfactory relationship. In order to achieve this goal, some of them were hereby presented using qualitative research carried out with five subjects whose age varied between 37 and 59 years old, separated after having lived within an unsatisfying relationship, according to their own statements. The data was gathered by the use of semi structured interviews, as well as by constructing a genogram and a timeline. Based on the analysis of the narrative outcomes of the interviewed women, categories and sub categories which allow selecting some of the reasons which led those women to remain married in spite of the reported dissatisfaction were devised. All motives presented by them such as: gender, beliefs concerning marriage and separation, individuality needs, conjugal experience and transgenerationality are very relevant and, at times, easily perceived both by the women and by the other people of their relationship. All but the transgenerationality, which is not so easily visible, and except when there is an especial attention to their antecessor stories (mother and grandmother) and to their own stories. In those cases it was possible to identify and notice to what extent the same story is repeated. In conclusion, it is important to widen the look to the issue of transgenerationality, when women in such situation search for help, in order to help them realize that sometimes the guilt they feel are not their own, but inherited from some other family member, like a secret to be kept.

Key words: transgenerationality, marital conflict, marriage, gender.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Gênero.....	19
1.2 Casamento e Separação.....	24
1.3 Conjugalidade.....	35
1.4 Transgeracionalidade.....	38
<b>2 MÉTODO.....</b>	<b>45</b>
2.1 Participantes.....	46
2.2 Instrumentos.....	47
2.3 Procedimento.....	51
2.4 Análise de Dados.....	52
2.5 Considerações Éticas.....	54
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>55</b>
3.1 Perfil, linha do tempo e genograma.....	55
3.1.1 Entrevistada - Regina.....	56
3.1.2 Entrevistada - Sandra.....	59
3.1.3 Entrevistada - Milena.....	62
3.1.4 Entrevistada - Aline.....	68
3.1.5 Entrevistada - Barbara.....	71
3.2 Análise das entrevistas.....	75
3.2.1 Gênero.....	75
3.2.1.1 Papel esperado dentro do casamento.....	75
3.2.1.2 Papel desempenhado dentro do casamento.....	77
3.2.1.3 Papel esperado do marido.....	78
3.2.2 Casamento.....	80

3.2.2.1 Sonhos.....	80
3.2.2.2 Expectativas.....	81
3.2.2.3 Planejamento.....	83
3.2.2.4 Realização.....	86
3.2.3 Conjugalidade.....	88
3.2.3.1 Comunicação.....	88
3.2.3.2 Individualidade.....	91
3.2.3.3 Compromisso dentro da relação.....	93
3.2.3.4 Questões de igualdade.....	95
3.2.3.5 Identidade conjugal.....	98
3.2.4 Transgeracionalidade.....	99
3.2.4.1 Padrões geracionais.....	100
3.2.4.2 Expectativas familiares.....	102
3.2.4.3 Semelhança do marido com o pai.....	104
3.2.4.4 Relacionamento dos pais.....	105

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....107**

**REFERÊNCIAS.....110**

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. Caracterização do grupo pesquisado.....	46
Quadro 2. Subcategorias sobre Gênero.....	52
Quadro 3. Subcategorias sobre Casamento.....	53
Quadro 4. Subcategorias sobre Conjugalidade.....	53
Quadro 5. Subcategorias sobre Transgeracionalidade.....	54

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Símbolos do genograma.....	48
Figura 2. Símbolos dos relacionamentos sociais no genograma.....	49
Figura 3. Símbolos dos relacionamentos emocionais no genograma.....	50
Figura 4. Genograma – Regina.....	56
Figura 5. Linha do tempo – Regina.....	56
Figura 6. Genograma – Sandra.....	59
Figura 7. Linha do tempo – Sandra.....	59
Figura 8. Genograma – Milena.....	62
Figura 9. Linha do tempo – Milena.....	62
Figura 10. Genograma – Aline.....	68
Figura 11. Linha do tempo – Aline.....	68
Figura 12, Genograma – Bárbara.....	71
Figura 13 - Linha do tempo – Bárbara.....	71

## **ANEXOS.....117**

A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	118
B. Roteiro de Entrevistas.....	119
C. Transcrição das entrevistas.....	120
D. Parecer do Comitê de Ética.....	173

## 1 INTRODUÇÃO

Mesmo com todos os estudos realizados para compreender a submissão, opressão, violência e a dominação a que são submetidas, ou se submetem algumas mulheres, ainda não se esgotaram as pesquisas sobre o tema. Muitos dos estudos de hoje em dia buscam o motivo de muitas mulheres permanecerem em relacionamentos onde não há amor, desejo, paixão ou qualquer outro sentimento que os justifique.

A partir do movimento feminista desencadeado nos Estados Unidos, na década de sessenta, seguido de países da Europa e posteriormente do Brasil, deu-se ênfase a muitas injustiças cometidas em relação às mulheres. A discriminação salarial a que são submetidas, a dupla jornada de trabalho enfrentada por muitas, a falta do cumprimento de direitos trabalhistas e denúncias de violência doméstica começam a tomar vulto e despertar o interesse tanto da mídia quanto de pesquisadores.

Costa (2006), buscando entender tal paradoxo, observa que a maior ambição do ser humano sempre foi a felicidade. Ela já fazia parte do pensamento dos gregos que acreditavam que a Grécia ocupava o centro da Terra, era chata e redonda, sendo o Monte Olimpo seu ponto central, e que abrigava seus deuses. Ao norte, habitava uma raça que desfrutava de uma primavera eterna e uma felicidade interminável, não conhecendo guerras, sofrimentos, velhice e trabalho. No sul, diziam que havia um lugar maravilhoso e abençoado, conhecido como Campos Elíseos, onde vivia o povo chamado Etíope, também feliz e virtuoso que compartilhava seus banquetes com os deuses do Olimpo. Como se não bastasse, fantasiavam que no lado em que o sol se punha, havia um lugar aonde iam todas as pessoas favorecidas pelos deuses para desfrutarem a imortalidade da bem-aventurança.

Numa perspectiva mais contemporânea, Seligman (2004) define felicidade como um sentimento resultante do prazer, do engajamento e do significado positivo dado às coisas.

Assim, a pergunta que todas as pessoas se fazem é: O que devo fazer para ser feliz? O que é felicidade? Como pode ser definida? Será pessoal o conceito de felicidade? Cada pessoa tem sua felicidade própria? Será a

felicidade uma sensação de contentamento, de alegria?

Como filosofia em grego significa amor pela sabedoria, tradicionalmente ela era encarregada de responder a esta questão. Para os gregos o saber contribuía para a felicidade, mas ainda assim faltavam respostas. Para estes filósofos a felicidade era uma satisfação duradoura, algo além de uma alegria passageira, portanto, não haveria um momento de felicidade, já que a felicidade seria a satisfação permanente e para sermos felizes deveríamos satisfazer todos os nossos desejos, harmoniosa e adequadamente, distribuídos ao longo da vida.

As questões sobre a felicidade acompanham o homem em sua trajetória, não sendo diferente para o homem contemporâneo que igualmente demonstra ter preocupações a este respeito. Freud, em sua obra, O mal estar na civilização (1929/1989), questiona o que os homens querem da vida, para em seguida responder que eles se esforçam para obter a felicidade, ser feliz e assim permanecer. No entanto, ainda segundo este autor só é possível identificar uma vida prazerosa experimentando o desprazer.

Para Costa (2006), estabelecer a origem da felicidade faz com que algumas pessoas invistam material e emocionalmente tudo. O homem se recusa a aceitar a finitude da vida por se opor a seus planos de felicidade eterna. Na tentativa de resolver esse impasse foram criadas as religiões que criam a ilusão de uma nova vida depois da morte, fazendo assim com que a felicidade encontrada possa continuar ou ao menos ser encontrada em outra vida.

Na sociedade contemporânea ser feliz tornou-se uma obrigação. Fazemos de tudo para sermos felizes e buscamos a felicidade em todos os lugares. “A depressão é o mal de uma sociedade que resolveu ser feliz a todo preço” (BRUCKNER, 2002, p. 49).

Ainda segundo Bruckner, (2002) “...infelicidade não é somente infelicidade: é pior ainda, é o fracasso da felicidade” (p. 77), e isso nos faz sentir vergonha quando não estamos felizes.

Contudo, se, ao invés de pagarmos esse alto preço, a felicidade se sustentar em uma base permanente, como é o caso de um sentimento interno, ela tenderá a ser mais estável (COSTA, 2006).

Segundo Moraes (1999), ainda existem algumas mulheres vivendo uma

união que consideram infeliz, tolerando infidelidades, indiferenças, na ilusão de que esse sacrifício salve o alicerce da família e traga benefícios aos filhos. Muitas vezes permanecem casadas, simplesmente por não se acharem capazes, ou não terem vontade de abrir mão do provedor.

Por outro lado, segundo pesquisa realizada por Ruiz (2009) em 35 países, baseada em entrevistas e estudos sobre famílias entre 1994 e 2007, o Brasil é o país que mais aceita o divórcio; 85% dos entrevistados entendem que quando o casamento está mal, a saída é a separação. De um modo geral, o perfil médio dos entrevistados a favor do divórcio é o de mulheres maiores de 25 anos, com formação superior e pouco participantes de cerimônias religiosas.

## **Justificativa**

Mesmo com o crescente número de aceitação do divórcio e em sua maioria partindo de mulheres, muitas delas têm dificuldade em enfrentar uma separação. Têm dificuldade também de lidar com a quebra da identidade conjugal construída durante o casamento, muitas vezes consolidado por várias gerações, e iniciar uma nova etapa que envolve redefinir sua identidade individual.

Apesar da decisão de separação ser predominantemente feminina, em geral são elas que buscam alternativas para manter o relacionamento. Muitos casais procuram a terapia para conseguir “se separar bem” e acabam se deparando com o desejo inconsciente de não se separar (FERES-CARNEIRO, 1995).

Embora a separação muitas vezes possa ser vista como a melhor solução para certos casais que não conseguem lidar com suas dificuldades de relacionamento, ela é sempre vivenciada como uma situação extremamente dolorosa, havendo um luto a ser elaborado (FERES-CARNEIRO, 1998).

De acordo com Moraes (1999), a separação vem perdendo aquele sentido de tempos atrás. Hoje, é mais aceito o fato de alguém se separar e procurar outra pessoa, portanto, não há mais sentido em suportar uma relação infeliz por medo de se separar e não encontrar outro parceiro.

A fidelidade desejada não se funda na colocação do parceiro como centro da vida nem na ignorância do que haja em volta do casal. Só o amor não sustenta uma relação. Inúmeras vezes uma pessoa pode amar alguém e ser obrigada a abandoná-la por faltar respeito ou a mínima afinidade de valores, interesses e metas.

Ainda segundo Moraes (1999), a mulher contemporânea busca maior qualidade na relação amorosa e não necessariamente um casamento eterno, embora esse seja o sonho da maioria. Esperar relacionar-se visando apenas uma longa duração da relação trará eventualmente altas doses de ansiedade tanto na escolha quanto na manutenção de um vínculo.

Com tantas dúvidas e questionamentos sobre as atitudes a tomar, indecisão entre o esperado e o desejado, tantas mulheres buscam nos consultórios compreender o que as leva a permanecer no casamento quando nada mais há de sentimentos de conjugalidade.

Um dos motivos que justificam esse trabalho é a busca de atendimento em consultório por parte de mulheres com dificuldades no relacionamento conjugal e que tentam compreender esses relacionamentos e certos comportamentos apresentados. Em geral tem muita dificuldade em fazer mudanças nesses comportamentos.

Já houve épocas em que o casamento era considerado indissolúvel, consagrado pela Igreja e unido por Deus. O laço matrimonial se sustentava neste pacto e não na livre escolha. Hoje, homens e mulheres podem escolher com mais liberdade seus cônjuges, em contrapartida também se separam com mais facilidade.

Essas novas possibilidades de arranjos matrimoniais fazem parte de um contexto social em reorganização, pois a família está sempre em construção.

Contemporaneamente, observa-se que algumas mulheres protagonizam cenas de mudança, emprestando seu coração e alma para expressar vivências cheias de conflito, culpas, questionamentos, arriscando corajosamente maneiras menos convencionais de encaminhar suas questões amorosas e conjugais. Nem todas vivenciam o casamento de acordo com as expectativas sócio-culturais que ainda predominam em nossa época.

Segundo Moraes (1999), as pioneiras nestes novos tempos certamente sentem uma grande necessidade de buscar caminhos alternativos na trajetória

amorosa. Essas mulheres sabem que a luta por um mundo harmonioso, livre e ético, inclui a busca desses valores em todas as esferas da vida e, privilegiadamente, na relação amorosa.

Estar só representa uma das fases da vivência amorosa. O risco de quem está só é, na verdade, o encontro e o apaixonamento. Quem está mergulhado na paixão corre três riscos: prolongar a felicidade desde que o par tenha recursos de propiciar satisfação afetiva mútua; cair numa relação desgastante de onde tanto podem surgir um novo patamar de crescimento, quanto (à) a estagnação sustentada pelo medo e pela dependência; o rompimento, simplesmente (MORAES, 1999, p.19).

Muitos desses comportamentos se devem à transmissão intergeracional, que se dá principalmente de modo inconsciente, fazendo com que o sujeito nem ao menos perceba os conteúdos herdados culturalmente e o modo como se coloca dentro dessa relação, apesar de todas as mudanças pelas quais tem passado o casamento nos últimos tempos.

O conceito de transmissão intergeracional demonstra a herança passada de geração em geração, de seus legados, rituais, tradições, de maneira consciente ou inconsciente, por isso, apesar da maior facilidade de separação, muitas mulheres ainda encontram dificuldades em tomar atitudes diferentes daquelas transmitidas pelas gerações passadas. Essas diferenças de atitudes podem ou não ao longo do tempo ser superadas, mas uma separação, por exemplo, pode marcar um indivíduo na família por ter tido uma atitude diferente dos demais.

## **Objetivo geral**

Essa pesquisa tem por objetivo compreender os motivos que levam uma mulher a permanecer em uma relação conjugal insatisfatória.

Uma breve explanação sobre as ideias que respaldam a atitude de muitas destas mulheres que permanecem em um casamento insatisfatório



pode auxiliar na compreensão deste objetivo.

Sob a perspectiva da transgeracionalidade, Bowen (1978 citado por MARRA, 2008), afirma que o sistema familiar é uma realidade tridimensional, na qual relações familiares passadas manifestam-se no presente a fim de se desenvolverem no futuro.

Conforme o pensamento de Moreno (1994) existe um núcleo de relações que se estabelece intergeracionalmente em torno de cada indivíduo, que se constituirá em expressões de afeto (amor, desamor) entre as pessoas.

Sob o ponto de vista psicológico, Elkaim (1990) explica que vivemos em um mundo ambíguo, meio real e meio fictício, e nem sempre vivemos com pessoas com quem gostaríamos ou trabalhamos com quem quereríamos. Nossas vidas se cruzam com pessoas que nos fazem sofrer e com muitas delas estamos em um processo transferencial. Vivemos com essas pessoas relações complementares, funções e expectativas expressas por motivações ou regras familiares, que muitas vezes são mais tácitas que explícitas.

Por um enfoque religioso, Moreno (1994) aborda o mito da destinação e da religião que nos traz o mito do Pai Celeste que decide onde deveremos ser colocados, em qual planeta, país e família. Ainda para ele nossa existência não é fruto de fator genético-social e sim da escolha mais adequada para nós.

Sob o ponto de vista sócio-cultural, observa-se que há 30, 40 anos atrás muitas mulheres consideravam o horizonte de suas mães muito limitado ao casamento e maternidade. Consideravam ainda que o casamento não era uma escolha, e sim a única opção que lhes era dada desde o nascimento. Para a classe média a moça cursava a Escola Normal (curso apelidado de “Espera marido”) e ao término ia direto ao altar (MORAES, 1999).

Como bem mostra o filme “O Sorriso de Monalisa” (2003), mesmo que estes casamentos fossem baseados no ideal romântico, o que contava na escolha do parceiro não era tanto a paixão, mas sim ser “um bom partido” para constituir família e com capacidade de assegurar o futuro da esposa e dos filhos.

Segundo Moraes (1999), talvez essa ausência de possibilidade de escolha justifique porque tantas mulheres pós-meia-idade utilizam o termo “aguentar o marido”. Ainda de acordo com o pensamento dessa autora, a maioria dessas mulheres acomodou-se e sente dificuldade em buscar algo

diferente do que está acostumada. Como as mulheres em sua maioria só tinham os papéis de mãe e esposa, ao casar atingia-os, e isso facilmente era confundido com realização. A consolidação da família exigia um investimento na duração do casamento, a qualquer preço, às custas de qualquer sacrifício. Havia necessidade de encontrar segurança material e afetiva proporcionada pelo homem. Enquanto supostamente as gerações mais antigas pareciam suportar muito sofrimento, as gerações mais novas parecem ser menos tolerantes a frustrações e agravos.

Certamente, hoje em dia, ainda existem mulheres que vivenciam o casamento revestido de seus valores mais tradicionais. No entanto, observa-se que esta instituição passa por mudanças; se ainda existem mulheres que desejam encontrar um homem que resolva seus problemas, também existem outras que procuram por um parceiro que as complete sendo companheiros.

Para este segundo grupo de mulheres o casamento já não é mais encarado como algo duradouro, muito menos seguro, muito embora qualificado como arquetípico, o encontro amoroso é tratado como inerente à natureza humana, possibilitando superar a angústia da finitude, numa vivência de eternidade, transcendendo o tempo e o espaço.

O amor traria às pessoas sentido para si mesmas. Particularmente as que se veem como insignificantes obteriam em uma relação amorosa o senso de importância que lhes falta. Para Moraes (1999), as realizações obtidas em outros domínios da vida não suprem carências, mas a presença do amor facilita outras realizações na vida.

Dias (2000), menciona determinadas configurações conjugais que se criam a partir de vínculos entre os parceiros que ele denominou de: amoroso, compensatório ou de conveniência. O fato de cada um dos membros do casal estar ligado ao outro por um vínculo diferente, faz com que haja uma crise conjugal.

Para muitas pessoas as relações são vividas com base na conveniência e na necessidade. Ter um teto compartilhado e um ombro para apoio emocional pode ser a prioridade. Tomando-se a classificação proposta por Dias (2000) como base, observa-se que hoje há tantas maneiras de se viver o matrimônio quanto sair dele também, dependendo dos vínculos que priorizam cada um dos cônjuges.

Muito embora se saiba da existência de casamentos que sobrevivem devido à forma como estes vínculos são estabelecidos, ainda assim se observa, no Brasil, um crescente número de divórcios que, inclusive, são evidenciados estatisticamente,<sup>1</sup> Em contrapartida, também os casamentos continuam acontecendo, porque ele ainda é visto por algumas pessoas como o desejo de estabilidade, realização de sonhos e encontro da identidade.

Independente da percepção que algumas mulheres possuam sobre a própria insistência no casamento, tanto os estudos quanto a prática clínica apontam que se trata de um fenômeno complexo que é passível de sofrer a influência de vários aspectos associados às diferentes dimensões humanas.

Para tanto, há neste capítulo teórico, um item sobre gênero e as mudanças ocorridas com esse conceito ao longo do tempo; um item onde apresentamos um histórico sócio-cultural sobre o casamento e separação, com suas mudanças, evoluções e a permanência dos padrões que retrata, considerando-se que ainda existem conceitos fixados e comportamentos cobrados principalmente para com as mulheres; outro item que aborda a conjugalidade e o quanto ela interfere nas decisões da separação e concluindo a apresentação teórica, um item que apresenta a transgeracionalidade, os segredos de família e a maneira como eles atuam sobre o comportamento, mesmo que de maneira inconsciente, elegendo a lealdade como um de seus principais valores.

O segundo capítulo trata do método, que se efetivará por meio de diversas visões sobre a família desde seus antepassados até os dias atuais. Instrumentos como o genograma<sup>2</sup> e a linha do tempo<sup>3</sup> serão utilizados, o primeiro para incluir todos os elementos da família (nuclear e extensa além dos outros significativos), e o segundo para incluir os problemas e acontecimentos

---

<sup>1</sup> A taxa de divórcio em 2007, no Brasil chegou a 1,49 por mil ( 1,49 divórcios por cada mil habitantes). Dados levantados na pesquisa “Estatísticas do Registro Civil”. Segundo técnicos do IBGE, a elevação das taxas de divórcio revela uma gradual mudança de comportamento da sociedade brasileira, que passou a aceitar o divórcio com maior naturalidade e acessar os serviços de justiça de modo a formalizar as dissoluções. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) – acesso em 22/07/2009.

<sup>2</sup> Genograma: Instrumento utilizado para coleta de dados desse estudo, cuja conceituação encontra-se à p.47.

<sup>3</sup> Linha do tempo: Instrumento utilizado para destacar datas e fatos importantes, cuja conceituação encontra-se à p. 51

relevantes relacionados com o ciclo vital.

No terceiro capítulo apresentamos um breve perfil das entrevistas, suas histórias e os resultados obtidos através da análise das entrevistas feitas com as mesmas e a interpretação a partir dos referenciais teóricos apresentados.

O quarto capítulo encerra apresentando as considerações finais.

## **1.1 Gênero**

As questões de gênero tem uma grande importância quando falamos de família e casal, por serem um aspecto da identidade do homem e da mulher que qualifica seus comportamentos (MACEDO, 2009).

A partir dos anos sessenta no exterior e dos anos setenta no Brasil, tomou impulso as mudanças sobre a posição de homens e mulheres. O que a princípio era uma luta pela igualdade em termos de lei e direitos trabalhistas para as mulheres, chegou rapidamente às relações interpessoais, refletindo nas relações sociais e políticas, hábitos, seu papel na família e junto ao sexo oposto.

A mulher passou a ter mais liberdade, inclusive, sexual. Essa nova mulher tende cada vez menos a esperar que o homem seja provedor, e ainda que ele o seja, isso só não basta. Na medida em que a mulher obtém mais condições de auto-suficiência, coloca em questão as antigas crenças nas quais se baseava a dependência feminina frente ao homem (MORAES, 1999).

Observa-se que a questão de gênero foi estudada por diversos ângulos, cada qual associando ao termo o significado que parecia corresponder com maior exatidão aos aspectos referentes às diferenças existentes entre homens e mulheres. Portanto, pode-se observar o termo gênero associado às seguintes concepções:

- Gênero como uma variável binária: homem X mulher, a diferença sexual entre eles como a determinante na diferença em sua forma de comunicação. Essa conceituação não leva em conta o contexto sócio-histórico-cultural de cada indivíduo, “rotulando-o”

apenas pelo seu sexo.

- Gênero como papéis dicotomizados: homens e mulheres têm papéis definidos pela sociedade, que determinam a forma como se veem e são vistos. Esse novo conceito apesar de apresentar um avanço ainda os classifica pelo sexo e não leva em conta fatores culturais como credo, raça, etnia.
- Gênero como uma variável psicológica: surgem agora a masculinidade e a feminilidade em uma escala onde cada um fica em um extremo e o considerado ideal estaria no equilíbrio entre os dois pontos. Mas, surge a questão do que é ser mais masculino e mais feminino.
- Gênero como tradução de sistemas culturais: homens e mulheres vivem em mundos separados e desde a infância são educados para essa diferença. Essa ênfase na diferença acaba por se esquecer das semelhanças entre eles.
- Gênero como uma variável relacional: leva em conta o sistema social em que o indivíduo está inserido permitindo transitar entre a feminilidade e a masculinidade de acordo com a situação em questão. Permite a pluralidade de (de homens e mulheres) orientações sexuais, o que inclui homossexuais, bissexuais e transsexuais.

Assim como evoluiu o conceito de gênero evoluiu também o papel da mulher na sociedade. Com a independência econômica e podendo usufruir de seu próprio dinheiro, a mulher ganhou maior autonomia e, conseqüentemente, mais segurança no relacionamento conjugal. Com profissão e ganhos garantidos ao final do mês, o antes chamado sexo frágil não mais precisa garantir seu sustento financeiro e nem necessita mais permanecer em um casamento infeliz (COSTA, 2006).

Para Moraes (1999), ainda hoje persistem idéias relacionadas com as diferenças de gênero, como a de que o homem resiste mais a se envolver emocionalmente do que a mulher, ou de que a mulher liberada assusta os homens.

Segundo Jablonski (2007), papéis mais tradicionais estariam sempre competindo com as escolhas mais contemporâneas, o que leva a uma

confusão acerca de que paradigmas seguir. Isto leva o casal a formular expectativas irrealizáveis, gerando sentimentos mútuos de incompreensão, ressentimento e finalmente rejeição. Os casais parecem vivenciar um conflito entre as propostas igualitárias modernas e as práticas hierárquicas tradicionais.

Ao mesmo tempo em que algumas mulheres exigem um novo comportamento masculino, contestam as expectativas sobre seu comportamento. Assim, algumas mulheres passaram a ter voz ativa nas definições dos papéis sexuais e das diferenças de gênero. De um modo geral, a mulher passou também a falar o que quer para si e o que espera do parceiro. Ainda que confusa, a mulher contemporânea tenta abrir um maior espaço para suas reivindicações, com uma clara indicação de que daqui pra frente, a história poderá ser escrita por uma parceria igualitária tanto de homens quanto de mulheres

Para Moraes (1999), a mulher contemporânea se encontra num momento difícil, de transição em busca de sua identidade mais plena. Rompidas as rígidas amarras dos ideais patriarcais, aos poucos ela começa a expressar o feminino.

Jablonski (1988) continua a oferecer sua contribuição, afirmando que um estudo das condições da mulher ao longo do tempo mostra o estado de escravidão e semi-escravidão a que a mulher tem sido submetida. Tal estado perpassa desde a mulher ateniense que tinha uma participação social muito pequena e sempre acompanhada do marido, assim como as brasileiras do tempo colonial, a mulher japonesa considerada de segunda classe, as africanas mutiladas sexualmente, as muçulmanas proibidas de serem vistas, até as hindus sacrificadas quando o marido morre. Estas abominações acontecem em tantas outras culturas que sempre trataram a mulher como um ser inferior e destinado a servir “seu amo”. Ainda segundo o mesmo autor, muitas mulheres se sujeitam a tudo isso a partir da culpa que lhes foi imputada na civilização cristã pela expulsão do paraíso, que mostrou a mulher como alguém fraco, incapaz de resistir às tentações e, conseqüentemente, não confiável.

Esses conceitos estão mudando com a mulher participando mais ativamente no mercado de trabalho, assumindo posições de destaque no cenário político, econômico e social, ainda não o suficiente para ganhar igual

aos homens e diminuir as dificuldades para assumir papéis profissionais que requeiram dedicação total.

Para Jablonski (1988), a mulher vive uma divisão entre assumir o papel que foi ensinado por suas mães e avós ou seguir um novo caminho inovador. Qualquer escolha que faça, a deixará com a sensação de estar em débito com a outra, não cumprindo seu dever por completo e fazendo com que paralise.

Nicolaci-da-Costa (1985), menciona a luta entre esses dois modos distintos e o mal-estar da família causado por isso. De um lado o padrão familiar e de outro o novo sistema, mais coerente com os novos tempos. O conflito entre esses dois modos de ser, colocam a mulher em uma posição desconfortável e dificulta seu posicionamento frente a uma crise do casamento, uma vez que não sabe bem qual papel deva assumir.

Retomando a questão das diversas concepções de gênero, Dario (2002) acresce às definições de gênero outros dois aspectos: como um elemento resultante das relações sociais baseadas nas diferenças entre os dois sexos e como um modo de dar significado às relações de poder.

Vindo ao encontro das pesquisas de Dario (2002), Abreu (2005) enfatiza que os estudos sobre gênero buscam, ainda hoje, compreender o fenômeno no que diz respeito à submissão, à opressão e à dominação da mulher frente ao homem. Esses estudos procuram mostrar a igualdade entre os gêneros, analisar o atual papel da mulher frente a tantas mudanças, e ainda mostrar o papel que cabe ao homem frente a esta nova mulher.

O movimento feminista, referido na introdução deste trabalho, desencadeado nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, chegou ao Brasil e se desenvolveu porque as mulheres se sentiam desqualificadas em suas tarefas domésticas e começaram a buscar mais liberdade. Apesar de receber quase sempre tratamento desigual, as mulheres se relacionam direta e intimamente com seus opressores, os membros do grupo masculino dominante na sociedade (ABREU, 2005).

Segundo Rocha-Coutinho (1994), somente parte das mulheres conseguirão sua liberdade, porque sempre haverá mulheres que farão os trabalhos menos qualificados.

Essas relações ainda hoje são culturalmente legitimadas, permitindo ao homem assumir esse papel de opressor, enquanto a mulher assume seu papel

de oprimida (ABREU, 2005).

O movimento feminista, ao discutir o feminino, conseqüentemente, acabou por rediscutir o masculino. Segundo Jablonski (1995), a mudança nos papéis exercidos pela mulher leva os homens a ter um sentimento de perplexidade e confusão, uma oportunidade para repensarem seu papel, quer seja para reafirmá-lo, ou para reformulá-lo.

A igualdade entre os sexos que se consolidou com a inserção da mulher no mercado de trabalho tem como consequência uma maior participação masculina nas tarefas do lar, fazendo com que a mãe passe de dona de casa a dona da casa (GOLDENBERG; TOSCANO, 1992).

Todas essas mudanças fizeram com que a sexualidade feminina começasse a ser vista sob um novo enfoque, a mulher passa a ter desejos e necessidades sexuais, às quais o homem deve satisfazer. Para tanto se utilizará da pílula e de outros métodos contraceptivos que ajudarão a dissociar o prazer sexual da procriação. Assim, ela pode pela primeira vez na história, viver sua sexualidade e buscar seu prazer sem se preocupar com uma gravidez indesejada. Porém, na década de oitenta do século passado, com o surgimento da AIDS<sup>4</sup> e sua proliferação a sexualidade volta a ser associada com a afetividade e os parceiros passam a ser estáveis, rompendo o ciclo de liberdade sexual da mulher (ABREU, 2005).

Para Macedo (2009) o panorama atual da discussão sobre gênero está caracterizado por um processo de mudança decorrente de reflexões, por parte de mulheres e homens, sobre suas condições.

Muito mais do que a desigualdade entre sexos, existe a crença, e as questões culturais que impedem ainda hoje homens e mulheres de se verem como seres humanos iguais, com direitos e deveres, podendo fazer suas escolhas e assumir a responsabilidade por elas.

Quando crenças tradicionais sobre o papel do homem e da mulher são modificadas, pelas mudanças sociais, surgem críticas e resistências.

Realmente o que podemos afirmar é que “as diferenças e desigualdades

---

<sup>4</sup> AIDS, Síndrome da imunodeficiência Adquirida (*sigla do inglês: Acquired Immunodeficiency Syndrome*) se manifesta após a infecção do organismo humano pelo vírus da Imunodeficiência Humana, o HIV (*sigla do inglês – Human Immunodeficiency Vírus*). [www.aids.gov.br/data](http://www.aids.gov.br/data), acesso em 24/07/2009.



de gênero não foram abolidas, mas sim estão sendo, constantemente, redefinidas e redimensionadas” (ABREU, 2005, p. 19).

E com todas essas mudanças de papéis em ambos os gêneros, as conseqüências são sentidas nos casais de hoje, que passam por dificuldades para se entender no que diz respeito ao papel de cada um dentro do relacionamento (MACEDO, 2009).

A importância da categoria gênero é tratar da masculinidade e feminilidade independente de sexo, eliminando a questão do poder, da desigualdade.

## **1.2 Casamento e Separação**

Segundo definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup>, CASAMENTO é o ato, cerimônia ou processo pelo qual é constituída a relação legal entre o homem e a mulher. A legalidade da união pode ser estabelecida no casamento civil ou religioso, com efeito civil e reconhecida pelas leis de cada país. No Brasil, um indivíduo só poderá casar legalmente se o seu estado civil for solteiro, viúvo ou divorciado.

A dissolução da união legal pode ocorrer de duas maneiras: pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio.

Ainda segundo o IBGE, SEPARAÇÃO JUDICIAL é a dissolução legal da sociedade conjugal, desobrigando as partes de certos compromissos, entre eles, o de viverem juntos.

Para Costa (2006), o casamento é um ato marcante no qual duas pessoas de diferentes origens e experiências, reúnem e redefinem-se na tentativa de construir uma relação em que possam desfrutar os prazeres da vida a dois e continuar seu desenvolvimento.

O casamento por amor, ao contrário do que se pensa, não é algo do passado, mas algo recente na humanidade. Na Antiguidade, ao invés da busca pelo amor, os gregos buscavam três tipos diferentes de mulher: a escrava, a

---

<sup>5</sup> <http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2005/notastecnicas.pdf>> Acesso em: 31/03/2009

cortesã e a esposa propriamente dita (COSTA, 2006).

Nas sociedades patriarcais, escravagistas e também no feudalismo não havia escolha do parceiro sexual. Na Idade Média não existiam casamentos por amor.

De acordo com o pensamento de Costa (2006), ainda hoje em muitas culturas, existem casamentos arranjados visando a interesses econômicos ou políticos. Há vários exemplos de famílias que se encontram unidas há várias gerações sustentando e aumentando seu patrimônio econômico, e outras em que o casamento não é possível devido à rivalidade entre elas, além dos preconceitos relacionados à cor, religião, raça, entre outros.

Antes das religiões monoteístas conhecidas atualmente, havia a chamada “religião doméstica” (COSTA, 2006, p. 34) caracterizada pela adoração de inúmeros deuses. O culto não era público, mas processado dentro de casa e não havia regras comuns nos rituais. A primeira instituição estabelecida por essa religião doméstica foi o casamento.

Segundo Vainfas (1992), a partir do século XVI e XVII, aumenta a participação do Estado na atividade dos indivíduos e o Estado Moderno passa a institucionalizar a família, usando meios que garantam a sua permanência a partir de uma moral rigorosa. Essa concepção de família com regulamentações patrimoniais, de sucessão e de sobrenome, recebeu amplo apoio da Igreja, sobretudo quando esta passou a controlar como o casamento deveria ocorrer e a definir o modelo cristão de família.

Ainda hoje, a moral cristã sustenta a indissolubilidade do casamento, a monogamia, a fidelidade e se posiciona contra tudo que ameaça esse modelo, tais como a contracepção, aborto, uniões livres, homopaternidade.

O casamento nem sempre foi como é hoje no mundo ocidental. Motivações sócio-econômicas criaram a necessidade de ritualizar a união entre duas pessoas e esta união passou a ter um valor sagrado para o cristianismo, lutando contra a moral cristã incipiente e as práticas ditas “pagãs”, de concubinato e divórcio, tão comuns no Mundo Antigo (CECCARELLI, 2007, p. 314).

No Brasil durante o Império, o que determinava o estado conjugal da população era o vínculo religioso, católico e indissolúvel. A partir de 1870, deu-se a organização do registro civil pelo Estado, e a igreja era obrigada a enviar à

autoridade civil todos os registros matrimoniais. O casamento civil foi criado no período da República, na Constituição de 1891, como sendo totalmente desvinculado do religioso e o único a ter validade jurídica e civil.

Durante toda essa evolução do casamento, o papel da mulher dentro dele transformou-se, aqui no Brasil. Biasoli-Alves (2000), destaca três principais mudanças em relação ao papel da mulher no Brasil no século XX:

- O espaço em que é permitido que a mulher transite;
- O mundo do trabalho, quando a mulher parte do trabalho doméstico e se profissionaliza;
- O papel da mulher no casamento.

Nas duas primeiras décadas do século XX, as famílias de origem decidiam quando e com quem a moça deveria se casar. Nos poucos casos em que houve infração destas regras, as relações foram rompidas e o casal foi excluído do convívio familiar. No passado, as moças conheciam seus futuros maridos através dos pais e acatavam a sua opinião, aceitando uniões que satisfaziam os critérios que definiam um bom casamento. Em 1942, o Artigo 315 do Código Civil estabeleceu o desquite, uma dissolução da sociedade conjugal, pela qual se separam os cônjuges e seus bens, sem quebra do vínculo matrimonial. Neste mesmo ano, houve a regulamentação da anulação do casamento (ABREU, 2005).

Nas décadas de 50 e 60 do século passado, os pares começavam a se conhecer fora do domínio da família de origem, o que leva, gradativamente, ao momento em que a escolha do parceiro é livre, obedecendo a um movimento inverso: são os pais quem devem aceitar o que os filhos determinaram e o que consideram melhor para si mesmos.

Em 1977, já no regime militar foi instituído o divórcio (Lei 6.515, de 26/12/1977) lei esta que permitiu que os divorciados contraíssem um novo matrimônio.

Ao longo da história verificou-se a mudança do modelo tradicional de casamento que obrigava as pessoas a permanecerem juntas por toda a vida. A possibilidade do rompimento do casamento surgiu a partir da emancipação feminina, liberdade sexual e a valorização do amor no relacionamento conjugal (COSTA, 2006).

Conforme aponta Jablonski (2001), no Brasil houve um declínio no

número de casamentos formais, no período entre 1980 e 1994. Houve uma diminuição de 38% na taxa de nupcialidade, índice que mede a evolução dos casamentos registrados em cartório. Em 1995, um em cada quatro casamentos realizados nos últimos dez anos havia sido desfeito.

O tamanho da família diminuiu e cresceu o número de uniões conjugais sem vínculos legais e de arranjos monoparentais. Entre outros motivos, existem casamentos onde não existe espaço para filhos, porque o casal estabelece uma relação de exclusividade absoluta entre ambos. Muitas vezes, o casal entende que o nascimento do filho tira a privacidade e impede a intimidade física dos pais, eliminando a relação marido e mulher e resumindo-se as tarefas de pai e mãe.

As maiores transformações vêm ocorrendo no interior do núcleo familiar, demonstradas pelas mudanças da posição ocupada pela mulher e pelos novos padrões de relacionamento entre os membros da família. A família passa de hierárquica para uma família mais igualitária.

Berger e Kellner (1970) ressaltam que a função do casamento é de ser um instrumento de construção, que cria para o indivíduo uma determinada ordem que dá sentido à sua vida. O casamento ocupa um lugar muito importante entre as relações mais significativas validadas pelos adultos na sociedade contemporânea.

Com base nas fantasias, nos conflitos, nas necessidades e nos anseios armazenados no inconsciente desde os nossos primeiros dias de vida, é possível afirmar que “o amor até pode se fazer de cego, mas, na verdade, possui uma pontaria quase infalível” (COSTA, 2006, p. 34).

As razões que apresentamos para casar com uma determinada pessoa geralmente não revelam as nossas verdadeiras motivações, até porque a maioria das pessoas não sabe conscientemente porque o faz, mas exerce uma influência marcante em nossas decisões.

Em casamentos do passado muitas vezes o parceiro tinha que funcionar como aquele disponível para satisfazer completamente o outro. Havia um aumento de expectativas, uma extrema idealização do outro e uma super exigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal.

Segundo Costa (2006, p. 36), o casamento, como resultado de uma “*face oculta*” oferece um enorme potencial de conflito, o que faz com que a

maioria das pessoas que buscam terapia de casal, o façam por estar em situação conjugal complicada. No entanto pobres e ricos continuam se casando, o que mostra que também há aspectos positivos no relacionamento a dois.

Na prática observa-se que certo nível de tensão é necessário entre os cônjuges para evitar o tédio que também é um fator de conflito conjugal. Embora o casamento envolva compromissos, provações e renúncias, também deve ser fonte de prazer, divertimento e felicidade.

Em pesquisas de Magalhães (1993) realizadas com homens e mulheres entre 26 e 55 anos, fica clara a diferença na concepção de casamento para homens e mulheres. A maioria dos homens definiu casamento como sendo a constituição da família, e a quase totalidade das mulheres entrevistadas definiu casamento como relação amorosa.

Os resultados desta pesquisa ainda mostram que as mulheres se veem no casamento, como mães e como pessoas realizadas, enquanto os homens de ambas as faixas etárias, se veem como companheiros, muito presentes e compartilhando a vida familiar com a mulher. Quanto às expectativas em relação ao casamento, os homens se mostram satisfeitos com o que tem e sem muitas necessidades de mudanças, enquanto as mulheres, apesar da satisfação com o casamento, mostram um desejo de melhorar na interação conjugal, desejando mudanças na relação consigo mesma e com o cônjuge.

O contrato secreto do casamento não diz nada da felicidade ou da infelicidade do relacionamento, nem mesmo se os cônjuges se amam ou se odeiam, ou se permanecerão juntos ou não pelo resto de suas vidas, mas se constitui na verdadeira aliança do casamento. Apontar o responsável pelo sucesso ou insucesso de um casamento geralmente é um dos motivos do conflito.

A estabilidade do casamento decorre principalmente da reciprocidade e da complementariedade da relação. Quando um dos cônjuges altera uma ou mais cláusulas deste contrato, estabelece-se o chamado conflito conjugal.

O casamento é diferente de todas as outras relações. Os cônjuges tomam a decisão de viver juntos dali em diante, de se apoiarem reciprocamente no bem e no mal, na saúde e na doença. Há também decisões a serem tomadas sobre o círculo de amigos a frequentar, sobre a vida social,

sobre o relacionamento com as famílias de origem. O casamento não diz respeito apenas aos vínculos interpessoais entre duas pessoas, mas também a todo o sistema com o qual essas pessoas estarão interagindo daí em diante.

Apesar das mudanças ocorridas, o casamento continua sendo um dos sonhos que o ser humano mais ambiciona realizar, mesmo após o fracasso de uma ou mais experiências. A relação conjugal faz parte do processo de desenvolvimento do indivíduo, que necessita de um parceiro para complementá-la (JABLONSKI, 2003).

Mas há uma clara distinção entre o querer casar e permanecer casada. A própria sociedade cria nos indivíduos uma expectativa difícil de ser alcançada, quando torna paixão, amor e casamento como sinônimos. Faz a maioria das pessoas acreditar na indissolubilidade do casamento, criando uma armadilha e gerando expectativas que não poderão ser cumpridas, causando grandes frustrações.

Existe um movimento que objetiva manter a relação marital, apesar das crises e dos momentos de insatisfação conjugal. As pessoas muitas vezes optam por lutar para manter os vínculos, após verificar que parentes e amigos se separaram e não resolveram seus conflitos.

Segundo Ribeiro (2008), as facilidades junto à família e amigos que o casal tem quando se prepara para o casamento, o envolvimento e a alegria, a receptividade das instituições sociais desaparecem no momento da separação. O que antes foi uma conspiração a favor do enlace, agora se transforma em barreira.

O casamento é mais do que uma cerimônia, é necessário que cada um dos cônjuges deixe sua família de origem e construa junto com o(a) parceiro(a) uma nova família. Muitas vezes um dos cônjuges passa o dia na casa dos pais, fazendo as refeições e encontra-se com o outro cônjuge somente à noite para dormir em sua casa, que foi dada e decorada pelos pais, caracterizando o casamento apenas como uma autorização para que eles mantenham relações sexuais.

A maioria dos conflitos entre os cônjuges está relacionada a conflitos familiares, por isso é de grande importância a criação de uma nova família separada da família de origem.

Uma das características de um relacionamento feliz é quando os

cônjuges conseguem compartilhar atividades e interesses comuns mantendo interesses particulares e a partir daí conclui-se, para que uma relação seja feliz é necessário que marido e mulher compartilhem seu tempo, afeto, interesses, (mantendo sua individualidade) aceite a história do outro e os segredos que por algum motivo o outro deseja preservar. Tudo isto faz com que cada um seja complemento do outro, ao invés de ser uma extensão (COSTA, 2006).

Nas relações conjugais duradouras e consideradas felizes, observa-se uma predisposição a lidar com os conflitos e decepções que surgem, e a permanência do encantamento e do desejo inicial, mesmo com idade avançada.

Muitas vezes os casamentos ocorrem principalmente para se obter determinadas satisfações que somente podem ser obtidas com um relacionamento duradouro, juntamente com auxílio e amparo. Por isso muitas pessoas que não sentem esse auxílio nem esse amparo queixam-se do casamento.

Em várias pesquisas feitas por Jablonski (1988) sobre as atitudes entre homens e mulheres de classe média do Rio de Janeiro, solteiros, separados e casados abrangendo distintas faixas etárias, em que buscava respostas sobre vantagens e desvantagens da vida de casado, importância do amor e da sexualidade, impedimentos para uma possível separação e papéis exercidos por homens e mulheres, os resultados apontaram conclusões de que apesar da crise do casamento, os jovens parecem mesmo dispostos a se casar.

Embora conscientes das dificuldades envolvidas, traduzidas pelo crescente número de divórcios, não parecem preocupados em buscar soluções, pois acreditam que com eles será diferente.

Em pesquisas posteriores de Jablonski (1998, 2001) os resultados obtidos confirmaram os principais resultados da pesquisa anterior, sendo que um dos principais aspectos citados como ruins no casamento é a perda de liberdade e privacidade.

Profundas mudanças sócio-econômicas e culturais vêm trazendo o casamento contemporâneo à atual crise, demonstrado pelos dados divulgados pelo IBGE, após pesquisa efetuada em 2006, que indica aumento de 1,4% nas separações judiciais e 7,7% nos divórcios.

Se por um lado a taxa de divórcio é um demonstrativo da insatisfação

existente e das mudanças pelas quais vem passando a instituição casamento, e se as pessoas não querem permanecer casadas, isso não significa que não queiram se casar ao menos uma vez. Essa vontade se faz evidente, principalmente, nas mulheres e é fruto das pressões sociais sofridas por elas tidas como “solteirona, que ficava para *titia*” (JABLONSKI, 1998, p. 83) sentindo-se ridicularizadas. As pressões sociais permanecem principalmente para o sexo feminino, fazendo com que uma mulher que chegue aos 40 anos, sem nunca ter se casado ou se unido maritalmente a alguém seja vista com reservas e desconfiança.

O relacionamento sexual influi e é a parte mais vulnerável da relação conjugal. Muitos casamentos se mantêm apenas porque o sexo é bom entre os parceiros, enquanto que as dificuldades sexuais estão entre as causas mais frequentes de desajustes conjugais. De acordo com Freud (1913/1989), o amor sexual é sem dúvida um dos principais aspectos da vida.

O relacionamento sexual tem sido apontado como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias, principalmente nas relações pais/filhos e mães/filhos (BRAZ et al., 2005).

Um dos problemas comuns no relacionamento conjugal é o desejo infantil de cada um dos cônjuges de ser amado incondicionalmente esquecendo-se do dar e ficando apenas no receber, “no amor maduro é necessário manter a chama do outro acesa para que ele não permita que a nossa se apague” (COSTA, 2006, p. 45).

Segundo artigo publicado na revista “ISTO É” (set/2000), pelas jornalistas Sara Duarte e Valéria Propato, baseada em pesquisa de opinião, existem 10 itens que devem ser observados para o indivíduo não ficar sozinho:

Diálogo: às vezes os casais acham que se conhecem tão bem que não precisam nem revelar seus pensamentos, o que acaba gerando comunicações distorcidas;

Cumplicidade: é necessário espaço para discutir o amor, ódio, fracasso e sucesso e estimular o parceiro a crescer;

Dedicação: grande parte dos desajustes surge da dependência dos cônjuges em relação à família de origem;

Individualidade: é essencial cada um manter seu espaço;

Sexo: quanto mais prazeroso for o sexo, mais feliz o casal será;



Paciência: conflitos são inevitáveis e o casal precisa estar ciente dessa realidade;

Apoio: fazer de tudo para manter o desejo e a admiração recíproca;

Amizade: ter um grupo de amigos para dividir experiências;

Filhos: não deixar a relação ser dominada por eles;

Felicidade: a relação deve ser fonte de prazer, felicidade e alegria.

Outro dos motivos de conflito entre casais é o adultério, que até alguns anos atrás era uma característica predominantemente masculina, mas que hoje é praticado por ambos os cônjuges. As motivações do adultério podem ser geradas pelo próprio relacionamento conjugal, muitas vezes, gerando diferentes tipos de triângulos amorosos conforme cita Costa (2006).

Consentido: muitas vezes um dos cônjuges mantém com o outro uma relação marcadamente materna e tolera que se ligue a um terceiro, desobrigando-o de uma vida sexual;

Piedoso: onde existe uma limitação física ou psíquica que é reconhecida pelo que se deixa enganar;

Perverso: o outro é induzido a desempenhar um papel que satisfaça suas fantasias;

Maturativo: existe uma indução à infidelidade, com o objetivo de buscar o modelo desejado;

Tampão: pelos relacionamentos extraconjugais o indivíduo atenua o medo de ser abandonado pelo cônjuge;

Oculto: característico daqueles indivíduos que apresentam uma marcada divisão de personalidade, que os leva a ter relacionamentos simultâneos;

Triângulo amoroso por competição: quando o homem se sente excluído, por exemplo, quando a esposa está grávida ou se dedicando exclusivamente ao filho recém nascido;

Incestuoso: quando os cônjuges possuem aproximadamente a mesma idade e um deles busca alguém que represente pai/mãe ou quando se casa com alguém que represente pai/mãe e busca um parceiro para satisfação sexual;

Vingativo: ocorre quando a pessoa sente-se frustrada ou maltratada pelo cônjuge e faz de tudo para que ele tome conhecimento de sua infidelidade;

Reconstrutivo: o indivíduo reencontra-se com alguém ligado ao passado e através de relacionamento extraconjugal tenta preencher lacuna em sua vida afetiva. (COSTA, 2006, p. 40).

O fato da mulher ter ingressado no mercado de trabalho e começado a contribuir com o sustento da família, tornou dupla sua jornada de trabalho. A disparidade de papéis vivenciados pelas mulheres, uma vez que há uma promessa por parte dos homens de igualdade de funções, mas que não acontece, ocasiona uma expressiva fonte de conflitos. Muitas mulheres sentem-se traídas e sobrecarregadas, já que não há divisão igualitária das tarefas do lar e dos filhos, e isso faz com que a mulher sinta-se cada vez mais solitária em suas funções (JABLONSKI, 2002).

Conforme os estudos de Ceccarelli (2007, p. 312), na organização familiar dita “tradicional” os papéis do homem e da mulher pareciam já bem definidos: ao “cabeça do casal” o pai, cabia trabalhar fora, dirigir o carro e levar a família para passear nos finais de semana e a mãe, “a rainha do lar”, ficar em casa e cuidar de tudo para que todos estivessem bem. As eventuais desavenças do casal nunca eram vistas como ameaças, pois afinal estavam unidos para sempre, “para o melhor e para o pior”, pelos laços sagrados do matrimônio. Todos pareciam felizes. Esse modelo ainda continua sendo muito usado como referência nas organizações familiares e em discussões sobre família, como se fosse o único capaz de sustentar a ordem social e de ser saudável. Mas não é uma organização social suposta natural que cria o modelo, mas sim o modelo uma vez construído, que gera a organização social apresentada como natural. Os papéis de pai e mãe, variam de acordo com a cultura, assim como o significado de família.

Existem também as dificuldades na separação porque os cônjuges compraram objetos domésticos e juntos montaram uma casa. Cultivaram a ilusão de que seria duradoura, e acreditar que com o divórcio se possa acabar de uma vez por todas com uma vida em comum que se tornou insuportável é reduzir demais o conflito. Muitas vezes, o divórcio significa apenas a continuidade do casamento, sob outra roupagem (WILLI, 2005).

Esses conflitos ocorrem porque o casamento reúne duas pessoas com experiências e valores diferentes, necessidades e expectativas que, na maioria das vezes, não serão totalmente atendidas. O conflito quase diário em um relacionamento conjugal é considerado inerente ao casamento. Quando esses conflitos ficam difíceis de serem administrados, cria-se a crise do casamento. O desajuste conjugal nem sempre é suficiente para levar a uma dissolução dos

casamentos que, muitas vezes, duram vários anos e até mesmo por toda a vida de um casal, apesar dos conflitos vividos diariamente.

Quando um casal entra em crise e essa crise transcende a rede social (amigos íntimos e familiares próximos), a pressão social da rede tende a manter o casal unido. Em geral, esses amigos e familiares buscam soluções e oferecem conselhos, mas se a crise permanece ou se amplia os membros começam a se aliar a um ou a outro membro do casal, definindo cada um como vítima e carrasco (SLUZKI, 1997).

A própria sociedade age de forma bastante ambivalente com relação ao casamento, estimulando ao mesmo tempo o casal para que fique unido ou para que não fique. Quais fatores podem ser vistos como impedimento à separação? Segundo pesquisa de Jablonski (1988), sem dúvida os filhos são vistos como verdadeiros freios quando um casal pensa em se separar. O medo do impacto da dissolução conjugal junto aos filhos parece inibir ou dificultar aqueles que optaram por se separar. Existem também outros motivos para evitar uma separação, que são os chamados motivos sociais, tais como família, religião, medo do sofrimento, sentimento de culpa e falta de coragem, sendo que segundo a pesquisa a religião não mais parece ser uma barreira para o divórcio.

Os filhos representam grande impedimento a uma separação, tanto que pesquisas como a de Jablonski (1988), comprovam que o número de separações entre casais sem filhos é muito superior ao de casais com filhos, sendo a falta de coragem o sentimento preponderante para mulheres e sentimento de culpa para os homens.

Muitos casamentos fracassados permanecem incólumes para evitar o sofrimento dos filhos, por preceitos religiosos ou por imposições familiares. A dificuldade de adaptação na separação ou mesmo em uma nova família, na maioria das vezes, são dos pais que acaba atingindo os filhos. Os filhos não devem ser responsabilizados pela permanência de um casamento, nem na decisão de um novo casamento, pela necessidade de manter uma família. Essa decisão deve ser única e exclusiva dos cônjuges, onde pese o respeito pela individualidade, o amor e a liberdade (COSTA, 2006).

Um casamento recente, sem filhos, pode ser facilmente anulado, mas o casamento mais longo ou do qual nasceram filhos, não se apaga facilmente,

nem pelo divórcio, porque já há outras pessoas envolvidas.

Há ainda a necessidade da criação de um lugar para a madrasta e o padrasto com responsabilidades mais bem definidas, uma vez que hoje em dia há tantos recasamentos e esses membros ficam sem lugar para ocupar (BERNSTEIN, 2002).

As diversidades das famílias são tão grandes, que os antropólogos não procuram mais classificar as sociedades em termos de civilização, mas tentam evidenciar as invariáveis a partir das quais as diversidades culturais são criadas.

Discutir família traz outro problema que é a questão da interação dos grupos. Interrogar-se sobre a família é necessariamente, questionar os fundamentos que sustentam a ordem social e questioná-los não é simples, pois, qualquer mudança é vista como ameaça para a estabilidade social.

Para uma relação sadia é necessário que cada um acolha a individualidade do parceiro. O resultado é que essa relação permanece vital e viva e haverá sempre novas possibilidades emergindo.

### **1.3 Conjugalidade**

Segundo Dihel (2002), o termo conjugalidade:

[...] aparece como um neologismo da palavra conjugar, que dá a idéia de união, de ligação entre duas pessoas, sem necessariamente, a existência de um contrato formal entre elas. O surgimento de neologismos como conjugalidade se deve, em parte, às amplas e profundas transformações sociais e culturais pelas quais vem passando a família na atualidade (DIHEL, 2002, p.138).

O termo conjugalidade inclui, além de pessoas civil ou religiosamente casadas, as novas formas de relacionamento, muitas ainda sem um nome específico (ABREU, 2005).

Segundo Platão, no início possuíamos os dois sexos, mas, para diminuir a onipotência que esta completude conferia aos homens, Zeus os partiu em

dois e desde então os humanos procuram encontrar no outro sua parte separada.

Casamos, para reconstruir nossa bissexualidade, mas logo brigamos porque o companheiro deseja manter sua individualidade e não aceita ser a parte nossa que falta. Essa decepção é recíproca, por isso, é tão comum marido e mulher reclamarem um do outro.

Segundo Nicolaci-da-Costa (2002), o processo de transformação social é tão acelerado que têm surgido novos arranjos matrimoniais e fazem parte de um contexto social em reorganização (especialmente se pensarmos que a família não é um fato natural, mas sim uma construção cultural). O casal contemporâneo depara-se com uma série de possibilidades de viver sua conjugalidade, sendo que muitas vezes em nada se assemelham ao que costumamos chamar de casamento tradicional.

A importância dada hoje ao amor, à individualidade, à independência emocional e econômica, à maternidade e paternidade, mas também ao prazer sexual, fizeram com que as relações conjugais sejam mais cobradas. Em função dessa mudança de valores, onde antes havia a repressão do desejo, hoje há uma facilidade em revelar seus desejos e os preconceitos antes ditos, hoje ficam escondidos.

Hoje existem novos modelos, como os casais que decidem viver junto sem legalizar a união; casais que vivem em diferentes locais; homens ou mulheres que preferem ter filhos e permanecer solteiros; casais homossexuais com filhos através da adoção ou da inseminação artificial, entre outros possíveis arranjos (DIHEL, 2002).

Na contemporaneidade, as relações conjugais são constituídas em torno da construção de identidades dos cônjuges. O compromisso de cada um na relação é o seu desenvolvimento individual e a relação permanece enquanto for prazeroso e útil para cada um. Mas, quanto maior a busca do individualismo, mais o casal pode fragilizar-se (FERES-CARNEIRO, 2001).

O reconhecimento das potencialidades individuais não é necessariamente uma ameaça à relação, mas é imprescindível ter uma comunicação aberta e livre entre os membros, que gere intimidade suficiente para uma interação conjugal. Para que seja possível tal intimidade é necessário haver igualdade entre os parceiros e uma comunicação emocional de cada um

consigo mesmo e com o outro. Essas tensões existentes entre a individualidade e a conjugalidade no casamento contemporâneo são descritas por diferentes autores (CAILLÉ,1991; GIDDENS,1992; SINGLY,1993).

A mulher, perdendo sua família de origem e passando a fazer parte da família do marido, tornou-se destituída de uma identidade própria e até bem pouco tempo atrás, eram comuns os casos de mulheres que, mesmo após a separação permaneciam ligadas à família do ex-marido, inclusive morando na mesma casa. A maior independência e individualidade econômica e emocional da mulher modificou significativamente esse quadro nos últimos anos, e o casamento passou a ser verdadeiramente um relacionamento amoroso de conotação sexual, ao invés de dependência econômica e afetiva (COSTA, 2006).

Essa mudança é responsável pelo engano que se comete de acreditar que os casamentos de agora são piores do que os do passado, eles apenas são diferentes, porque as pessoas são diferentes e os costumes também. Houve uma mudança nos relacionamentos conjugais que passaram a exigir mais, principalmente por parte das mulheres que não aceitam mais abrir mão de suas vidas em uma relação que se tornou sem prazer ou sem afetividade. Elas agora buscam seu lugar no relacionamento em vez de aceitar passivamente o lugar que cultural e socialmente lhes era destinado.

A submissão escondia o sofrimento dos cônjuges, dando a impressão de que as relações eram mais consistentes.

Os casamentos afastaram-se da religiosidade e isso permitiu que as separações fossem feitas sem culpa, sem o estigma de um grave pecado, capaz de impedir o ingresso do indivíduo no reino dos céus. Além disso, as gerações atuais já nasceram e cresceram dentro de casas com pais ou outros parentes próximos divorciados.

No processo de separação a identidade conjugal construída durante o casamento vai se desfazendo.

Desconstruir a conjugalidade após a separação e, simultaneamente, reconstruir a identidade individual, é um processo lento e vivenciado com dificuldade pelos ex-cônjuges. A vivência de uma maior liberdade se mistura com o sentimento de solidão, tornando os primeiros tempos após a separação, particularmente, difíceis para homens e mulheres (FERES-CARNEIRO, 2003, p. 372).

## 1.4 Transgeracionalidade

Desde os primórdios da psicoterapia de família, na década de 50 do século passado, algo sempre presente diz respeito à transmissão psíquica entre gerações, observável através do sofrimento psíquico de um membro da família, tido então como seu porta-voz (ALMEIDA PRADO; GIOVANNINI, 2001).

Desde o final dos anos 70 do último século, surgem trabalhos como os de Abraham e Torok (1978), voltados especificamente para a transmissão psíquica entre gerações. Mais recentemente, a partir dos anos 90 também do século passado, são retomados com mais intensidade, tanto no que diz respeito à patologia quanto à influência das questões familiares na produção criativa.

Almeida Prado (2000) questiona situações em que os pais não podem por capacidade psíquica insuficiente elaborar suas vivências e acabam correndo o risco de transformá-las em uma lacuna sobre um descendente, em geração sucessiva ou alternada.

Assim no que diz respeito à constituição psíquica de certos sujeitos, pode-se verificar que a história vivida por seus antepassados, parece ter um grande peso em sucessivas gerações, maior até que a história propriamente vivida pelo sujeito.

A experiência clínica mostra que principalmente os segredos, ocorridos em um tempo anterior ao nascimento do sujeito e histórias que aparentemente não lhe pertencem, são marcantes em seu psiquismo. Portanto, é necessário ir além da investigação das experiências pessoais e rastrear fatos anteriores que podem ter deixado marcas desde gerações anteriores. Tais fatos referem-se a vivências que podem ter comprometido quem as viveu, por motivos de vergonha, humilhação, sofrimento, ódio ou ainda situações de perda e luto não superados (ALMEIDA PRADO; GIOVANNINI, 2001).

Quando ocorreram em gerações anteriores fatos traumáticos, reais ou imaginários, que são mantidos em segredo há um temor de que sua revelação cause uma decadência ou desgraça, vivida como um verdadeiro risco de vida. Desta forma, a sombra do ocorrido permanece atuando como um eco do

passado, sobre sujeitos das futuras gerações, que pagam o preço da transmissão silenciosa que perdura.

Abraham e Torok (1987) referem-se à lembrança enterrada sem sepultura legal, quando algo que não foi vivido pelos pais por medo ou vergonha e se torna uma herança para a criança, como um fantasma.

A pessoa quando nasce já tem uma história que a precede, da qual é herdeira ou, às vezes, prisioneira. Essa história já existia antes, no desejo ou pelo menos no imaginário de seus pais, que por sua vez, também trazem consigo uma pré-história. Os encontros, as escolhas, não se dão por mero acaso, mas a partir de modelos anteriormente herdados. Também foi assim com os pais dos pais, e assim sucessivamente, até perder-se de vista onde tudo começou (ALMEIDA PRADO; GIOVANNINI, 2001).

Ao focar a transmissão psíquica entre gerações, Kaes (1996) sustenta que o sujeito mesmo antes de nascer já está inserido num conjunto intersubjetivo, sendo ele um intersujeito. A constituição do psiquismo do bebê depende do que viveram ou desejaram viver seus pais, pois no início a mente do bebê ainda não se individualizou da mente da mãe, como se tivessem uma mente comum.

Os mitos fazem parte da própria estruturação familiar, mas também podem estar presentes em sua desestruturação. A transmissão do mito familiar é marcada, principalmente pelos não ditos, pelo negativo, que podem constituir mal-entendidos fundamentais, sintomas e tabus. Tal transmissão é inconsciente, podendo se manter oculta por algum tempo, mas sempre passando para as gerações seguintes: [...] “reconhece-se a fumaça, mas só não se sabe onde está o fogo” (ALMEIDA PRADO; GIOVANNINI, 2001, p. 104).

A psicanálise desde muito tempo fala da sensação de vazio que muitos se queixam, como efeito da transmissão psíquica de aspectos negativos da mente dos pais para os filhos.

Há quem defenda, que a mãe pode transmitir ao bebê traumas não resolvidos, vivências não compreendidas, inclusive que uma perturbação mental possa estar vinculada a gerações anteriores.

[...] o que não está, o que falta, o que é negado, reprimido, é o que se



transmite: a tara de um antepassado, o suicídio de outros se mantém ocultos, se silenciam. Os pacientes pagam o preço da transmissão silenciosa desse negativo que anda, perdura e regressa” (MISSENARD, 1991, p.15).

Há ainda o fenômeno que permite ao progenitor fazer uso do espaço psíquico do filho, sem discriminá-lo de si próprio. O filho, vulnerável por suas necessidades fica sujeito ao que os pais dizem ou calam, perdendo a liberdade de interpretar suas próprias verdades familiares e vinculares. Torna-se depositário, cativo de um luto não elaborado, de um segredo ou de uma vergonha que o obriga a viver uma história que, ao menos em parte não é sua.

A esse fenômeno Faimberg (1996 citada por TRACHTENBERG, 2005, p. 61) denomina “telescopagem” entre gerações. O sujeito é um sujeito do grupo e se constitui segundo dois determinantes convergentes:

1. O primeiro é o resultado do funcionamento de seu próprio inconsciente;
2. O segundo é a exigência imposta à psique por sua ligação com a família, instituições e grupos sociais aos quais pertença, entre outros domínios.

Como assinalou Freud em Totem e Tabu (1913/1989), nada do que tenha sido retido poderá permanecer completamente inacessível à geração seguinte. Haverá marcas, ao menos em sintomas, que continuarão ligando uma geração à outra, ou em um sofrimento que seguirá sendo de origem desconhecida: [...] “sabemos que os mortos são poderosos soberanos, mas talvez fiquemos surpresos de saber que podem ser tratados como inimigos” (FREUD, 1913/1989, p. 72).

Em “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, Freud (1914/1989), assinalou que a transmissão se organiza a partir do negativo, a partir do que falta, falha. Segundo Kaes (1996), não é somente a partir do que falta e falha que se organiza a transmissão, mas sim a partir do que nem chegou a vir a acontecer.

A preocupação com as repetições de padrões no grupo familiar e o trabalho clínico na área da terapia familiar ampliaram a visão sobre o que seriam relações significativas. A família trigeracional tem sido usada para a observação da transmissão e repetição de padrões. Apesar de na maioria das vezes, não haver convivência entre os membros, as relações continuam

significativas, chegando mesmo à relação significativa com parentes mortos, o que segundo Cervený (2000), pode significar a relação perpetuada por meio dos mitos.

O grupo familiar pode ser visto não apenas como membros com comportamentos particulares, mas como um conjunto que funciona como uma totalidade. O comportamento de cada membro afeta e é afetado pelo comportamento dos outros. No sistema familiar cada membro influencia os outros, sendo ao mesmo tempo influenciado por eles. Aceitar simplesmente a repetição como resultado de modelos paternos é muito reducionista. O sistema familiar é muito mais amplo e inclui as gerações passadas, onde se inicia a transmissão dos padrões interacionais, podendo não passar diretamente de uma geração a outra, mas em gerações alternadas (CERVENÝ, 2000).

Ainda segundo Schutzenberger (1997) as relações são um laço muito mais significativo que os modelos transgeracionais da comunicação, são relações que devem dar conta da justiça e é através dessas relações que os antepassados nos transmitem e transmitiremos para a posteridade.

Em seu texto “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”, Freud (1910/1989), iniciou um trabalho, hoje bastante ampliado sobre a influência dos modelos parentais (família nuclear) na escolha conjugal e no estabelecimento dos vínculos conjugais e familiares, transmitidos de uma geração a outra. Ali começa o estudo para identificar como são feitas as escolhas amorosas por homens e mulheres.

Kaës (2001) considera a identificação como o maior processo da transmissão psíquica entre gerações. O que se transmite é preferencialmente aquilo que não se pode lembrar, que envergonha, que falta, a doença, os objetos perdidos. Mas, não se transmite apenas o negativo, transmite-se também o que ampara e assegura a continuidade das gerações futuras.

Correa (2000) faz uma distinção entre dois tipos de transmissão psíquica geracional:

1. intergeracional cujo material psíquico é transmitido pela geração mais próxima e que passará à seguinte;
2. transgeracional cujo material psíquico apresenta vazios e lacunas na transmissão.

A história familiar herdada das gerações anteriores está presente na

formação do psiquismo do indivíduo e, dependendo do modo como ele a recebe, pode se tornar um prisioneiro ou herdeiro dessa herança. Assim ocorre também na formação psíquica do casal, que tem em sua constituição, todos esses movimentos desencadeadores e determinantes das escolhas e da manutenção dos pares conjugais. É comum a comparação entre a formação do casal e suas famílias de origem, sendo que, na maioria dos casos, há sempre uma desvalorização do parceiro conjugal, quando comparado com o da parentalidade. As escolhas do pares muitas vezes se baseiam na dificuldade de elaboração do complexo edípico, o que não permite uma conjugalidade plena e torna a família fortemente influenciada pela transmissão psíquica transgeracional (GOMES, 2007).

Na prática clínica com casais, observa-se a presença de vínculos patológicos na escolha e manutenção dos pares. A busca por uma relação de complementaridade e compreensão que transformam a vivência a dois numa experiência única e indiscriminada, são muitas vezes idealizadas com base no amor romântico presente nos livros, filmes, novelas, como sendo a felicidade eterna buscada nas relações amorosas indissolúveis e tão difícil de ser conquistada (GOMES, 2007).

Ao se partir do pressuposto que a família possui uma história que vai muito além de sua família atual, começaram a ser utilizados os genogramas<sup>6</sup>. Carter e McGoldrick (1995), observando as diversas etapas do ciclo de vida e a forma como as pessoas lidam com as crises, muitas vezes agindo da mesma maneira que seus antepassados, como se tivessem recebido uma herança, acrescentaram ao tema um olhar multigeracional.

Diversos autores buscam compreender o funcionamento do mito familiar e como eles atuam.

Segundo Rosa (1997), o mito define regras, crenças e os papéis dentro da família, ditando sua forma de funcionamento e mantendo sua coesão.

O mito familiar é um sistema de crenças que diz respeito aos membros da família, seus papéis e suas atribuições em suas transações recíprocas; é constituído de convicções compartilhadas pelo conjunto de pessoas que integram esse sistema e são aceitas a priori, mesmo quando irreais, como uma coisa sagrada e tabu, tendo

---

<sup>6</sup> Genograma :Instrumento utilizado para coleta de dados desse estudo, cuja conceituação encontra-se à p.47.

por função manter a coesão grupal e fortalecer a manutenção dos papéis sociais de cada um. Por esta razão, dificulta e até impede o sistema familiar de se deteriorar ou até de se destruir (BUCHER, 1985, p. 111).

Os mitos têm função de proteção e defesa da família. Como protetor, eles interferem na interação da família com o exterior, evitando que se faça conhecida à realidade familiar e como mecanismo de defesa, atua distorcendo a realidade, evitando dor e conflito através do não enfrentamento de algumas verdades (SIMON et al., 1988).

Os mitos e ritos familiares são fundamentais para o desenvolvimento da família e dizem respeito a todos os seus membros. Em parte é herdado da família de origem e para compreender seu significado é necessário considerar pelo menos três gerações (ANDOLFI; ÂNGELO, 1988).

A transmissão dos mitos se dá através da delegação a cada membro da família, é a expressão de um processo natural e indispensável para a construção da identidade, variando conforme a história familiar. As dificuldades surgem quando aquele a quem algo é delegado não tem maturidade suficiente para assumir as missões transmitidas, perturbando seu desenvolvimento psicossocial, ou ainda, quando existem delegações contraditórias e inconciliáveis. O conceito de delegação está ligado ao de lealdade familiar (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 2003).

Essa lealdade implica em uma contabilidade de méritos familiares, termo esse usado por Boszormenyi-Nagy e Spark (2003), para definir o que cada um de seus membros pode esperar receber e o que deve dar a família.

Krom (2000) afirma que nos é transmitida uma influência para toda nossa vida. Esses conteúdos referem-se a expectativas diante das quais todas as pessoas na família assumem compromissos. Em alguns casos essa lealdade pode se dar às custas da exploração de um dos membros da família, caracterizada por um desequilíbrio entre dar e receber.

Para explicar esse processo de repetições de padrões de relacionamento, Bowen (1976 citado por PENSO, 2008, p. 16) elabora o conceito de “transmissão multigeracional”, que descreve a transmissão e a doença emocional além do indivíduo e de sua família nuclear para várias gerações passadas. Esse processo de transmissão que leva a repetição de

padrões de relacionamentos é especialmente visível nas relações conjugais.

Olhar a família de origem ajuda muito a entender certas dificuldades apresentadas pelos casais. Para Framo (2002), é preciso olhar pelo menos três gerações passadas, para conseguir compreender de que maneira as dificuldades conjugais atuais são fruto da transmissão multigeracional, na tentativa de reparar, corrigir, controlar, defender ou apagar antigos paradigmas ligados à família de origem.

O genograma é um grande instrumento que possibilita visualizar as alianças, coalizões, triangulações, crises, segredos, porque permite olhar de maneira sistêmica a família e perceber segredos ainda não desvelados.

De acordo com Anton (2000), há uma grande influência transgeracional tanto na escolha do cônjuge quanto nas demais relações afetivas, através de um processo de continuidade entre as gerações, com tendência à repetição das gerações anteriores

Satir (1995) também considera que as pessoas buscam relações conjugais semelhantes à de seus pais, mesmo que inconscientemente, por necessidade de repetir um modelo apreendido. Esse modelo influi mesmo quando é negado, como uma herança a qual o indivíduo está predestinado.

## 2 MÉTODO

Inúmeros são os caminhos que se podem buscar para as reflexões que se fazem a seguir, e esses caminhos podem ser através de pesquisas qualitativas ou pesquisas quantitativas.

Esse estudo é uma pesquisa qualitativa sobre o comportamento de mulheres, com o objetivo de compreender os motivos que levam algumas mulheres contemporâneas a permanecer em uma relação conjugal insatisfatória.

A pesquisa qualitativa adota hoje diversos métodos de investigação para o estudo de um fenômeno, procurando encontrar o sentido e o significado que as pessoas dão a ele (CHIZZOTTI, 2006).

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2006, p. 28).

De acordo com Bradley (1993), o pesquisador é um interpretador da realidade e o método qualitativo é o mais apropriado quando o fenômeno em estudo é complexo e não pode ser quantificado, necessitando agrupar os dados em categorias que se relacionam entre si e que formem padrões, temas e conceitos.

Segundo Gadamer (2004), interpretar é explicitar a compreensão do fenômeno e este é o foco desta pesquisa. O fenômeno não pode ser quantificado, assim como seu objetivo não é de generalizar resultados, mas utilizar-se dos mesmos como referência em situações semelhantes.

Foram investigados os significados que as mulheres entrevistadas davam ao casamento, sonhos e expectativas que criaram a respeito dele, ou que se formaram ao longo de suas vidas e as dificuldades porque passaram.

Considerou-se também que segundo Denzin e Lincoln (1994), a pesquisa é um processo interativo formado pela história pessoal, gênero, classe social, etnia, raça tanto do pesquisador quanto da pessoa que está no

setting tornando assim impossível a neutralidade.

## 2.1 Participantes

Participaram da pesquisa 5 (cinco) mulheres que se separaram após permanecerem em relacionamentos insatisfatórios, segundo elas mesmas, sem conseguirem tomar alguma atitude que mudasse aquela situação. Apresentavam queixas de maus tratos físicos ou emocionais, situações de traição e desqualificação pessoal. Portanto, os critérios adotados para a seleção dessas participantes foram: casamento insatisfatório e a dificuldade de se decidir pela separação, sendo que outros critérios foram desconsiderados por se entender que seriam irrelevantes ao estudo.

As participantes constituíram uma amostra de conveniência, com pessoas conhecidas da pesquisadora, sendo algumas de suas relações e outras indicadas por colegas. Todas residem em São Paulo e passam por processo terapêutico há algum tempo, ou já passaram.

O quadro abaixo apresenta os dados de interesse sobre as participantes, cujos nomes foram substituídos por outros, fictícios, para que se preservasse a identidade das mesmas.

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	DURAÇÃO DA CONJUGALIDADE	DURAÇÃO DA SEPARAÇÃO	NÚMERO DE FILHOS
Regina	37 anos	Univ.completo	Psicóloga	06 anos	01 anos	1
Sandra	46 anos	Ensino médio	Estudante	23 anos	02 anos	2
Milena	59 anos	Univ.completo	Psicóloga	24 anos	15 anos	2
Aline	39 anos	Ensino médio	Quiroprax.	18 anos	03 anos	2
Bárbara	44 anos	Ensino médio	Do lar	10 anos	09 anos	3

Quadro 1: Caracterização do grupo pesquisado

## 2.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram:

1) A entrevista semi estruturada com perguntas abertas, cujo roteiro encontra-se no Apêndice A, que permitiu às entrevistadas fazer uma narrativa dos fatos que marcaram seu relacionamento conjugal desde o início e à pesquisadora co-construir no diálogo o significado dessa narrativa. Esse instrumento se mostra adequado na medida em que possibilita uma análise das crenças, mitos, conceitos e preconceitos das pesquisadas, sua origem e sua influência nas tomadas de decisões.

2) Genograma, que hoje é largamente utilizado na Terapia Familiar Sistêmica, e tem-se mostrado um instrumento eficiente para o entendimento das relações, vínculos, mitos, padrões de famílias de origem transgeracionalmente (CERVENY, 2000). Permite também uma visualização gráfica da representação transgeracional da família, facilitando assim a identificação de repetições, muitas vezes não percebidas pelos próprios indivíduos.

O genograma representa “a árvore familiar que registra informação sobre os membros de uma família e as suas relações durante pelo menos três gerações” (MCGOLDRICK, 1987). Essa afirmação parte do pressuposto que a família possui uma história que extrapola a família nuclear e envolve a família extensa (PENSO et al., 2008).

Esse instrumento permite mediante seu diagrama esquemático, compreender de forma clara a dinâmica da família e fazer algumas associações que cheguem até os conflitos vividos nesse sistema. Muitas das informações de uma geração se repetem por outras gerações e isso se torna claro na representação do genograma.

O genograma pode ajudar os membros de uma família a se ver de uma maneira diferente e será mais eficiente quanto maior for a quantidade de dados que possam facilitar o entendimento, a identificação e sua visualização. Ele é composto por símbolos que representam os membros da família, pessoas que não pertencem à mesma, mas são importantes membros do sistema, as relações existentes entre eles, inclusive situações de conflito, vergonha,



exclusão e segredo, com suas respectivas datas.

Também podem ser incluídos no genograma, quando necessários, dados profissionais, desde que o terapeuta julgue relevante assim como outros dados a seu critério.

No presente estudo, foi utilizada a padronização de símbolos a ser empregada universalmente no genograma, oficializada em 1985 por McGoldrick e Gerson (1987).

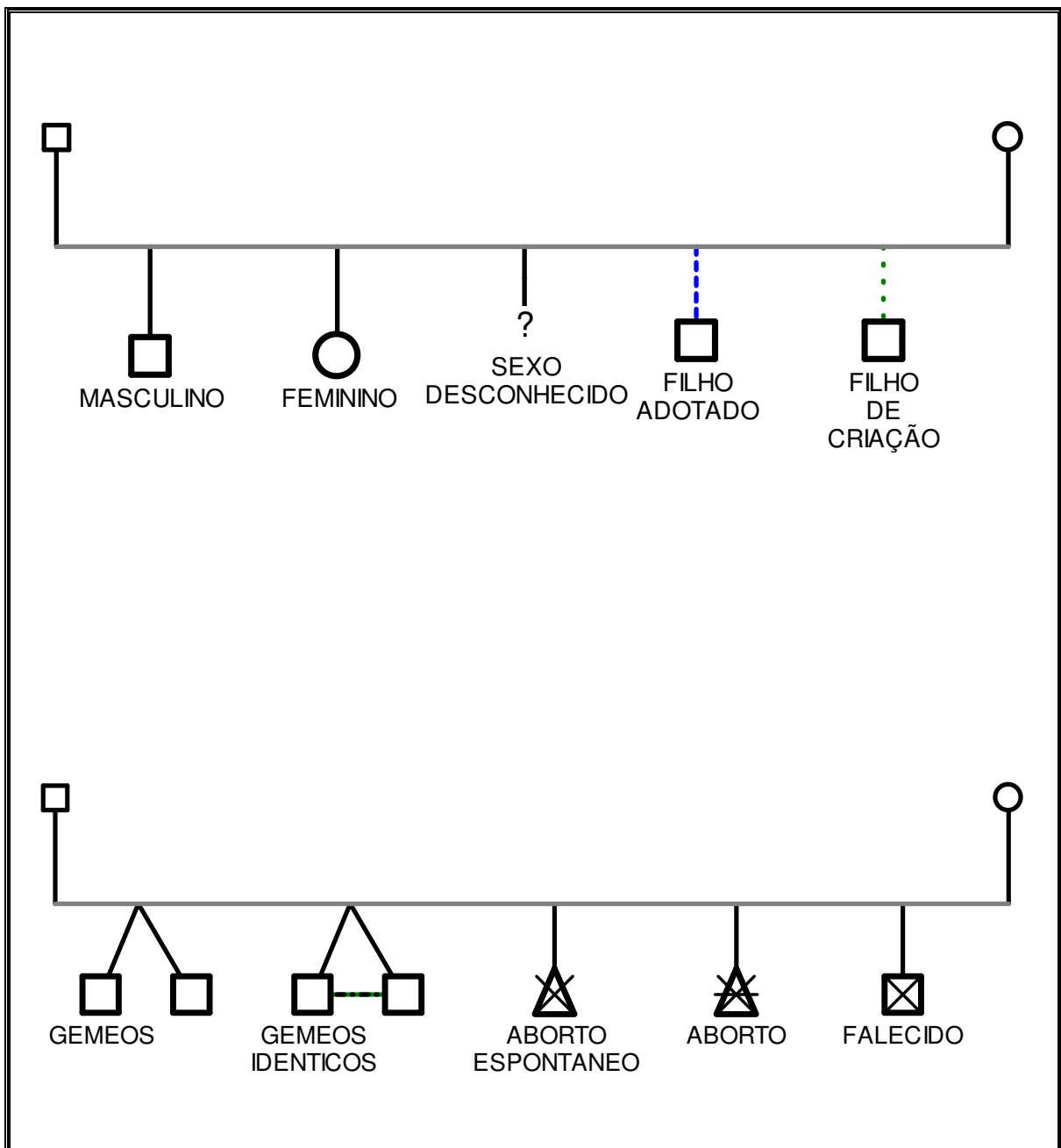


Figura 1. Símbolos representativos do genograma  
Fonte: MCGOLDRICK, M.; GERSON, R., 2001, p. 145

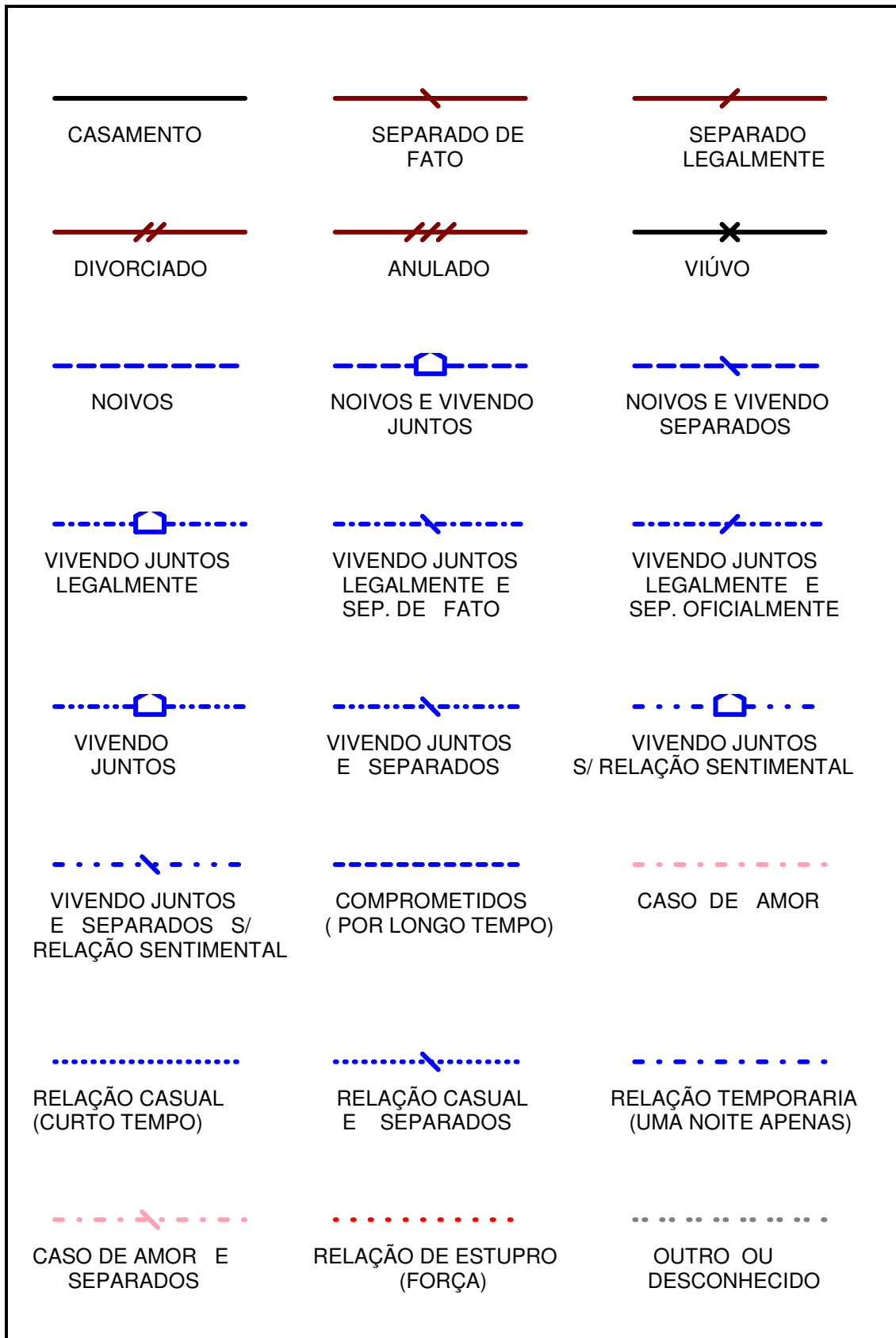


Figura 2. Símbolos representativos no genograma dos relacionamentos sociais

Fonte: MCGOLDRICK, M.; GERSON, R., 2001, p. 145

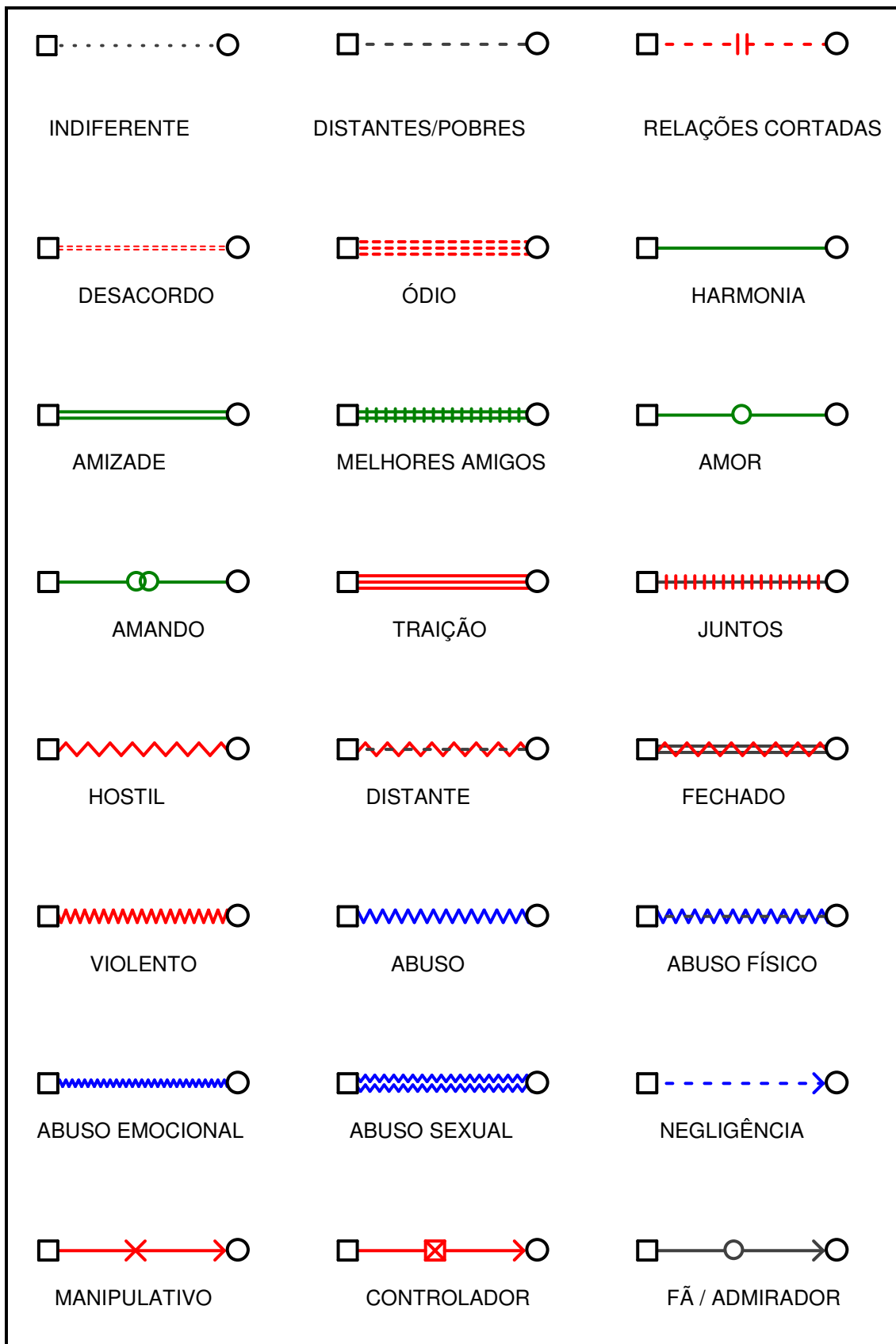


Figura 3. Símbolos representativos no genograma dos relacionamentos emocionais

Fonte: MCGOLDRICK, M.; GERSON, R., 2001, p. 145

3) Linha do Tempo Familiar que se constitui em uma linha horizontal onde são colocadas as datas e fatos mais importantes referentes à vida de uma pessoa. Em Psicologia, esse instrumento é utilizado da mesma maneira que é empregado no ensino da História e visa mostrar as ocorrências mais importantes em uma determinada sequência de tempo e de maneira ordenada cronologicamente. Para Cervený (2000) é importante ressaltar as datas e acontecimentos, em uma linha de tempo, isso faz com que sejam levantadas mais informações importantes no diagnóstico.

Nesse estudo, a linha do tempo permitiu verificar apenas um determinado período de tempo de interesse, no caso, o período do relacionamento das participantes, desde o início até o seu final.

### **2.3 Procedimento**

As mulheres participantes da pesquisa foram escolhidas por satisfazerem as condições de estar separadas depois de um tempo de casamento insatisfatório e foram convidadas por telefone (e) a participar da pesquisa.

Antes de iniciar a entrevista, as participantes foram esclarecidas sobre a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram feitas individualmente e gravadas com o consentimento das entrevistadas, e foram realizadas no local de sua escolha, satisfazendo as condições necessárias para um diálogo reservado, onde pode ser preservado o que foi dito.

Seguiu-se o roteiro de entrevista, mencionado anteriormente, que serviu apenas como orientador para a mesma, a qual foi feita por meio de uma conversa, dando liberdade às entrevistadas para falarem, espontaneamente, sobre os temas apresentados.

Em uma das entrevistas houve necessidade de mais de um encontro, até que a entrevistada se sentisse à vontade para falar sobre os temas abordados, sempre com o seu consentimento.

## 2.4 Análise de dados

Após as entrevistas gravadas e transcritas, foi feito um agrupamento de assuntos que se repetiram ou que apresentaram maior relevância, constituindo temas significativos para interpretação.

Em seguida foi realizada uma análise qualitativa para melhor compreensão do fenômeno. O objetivo da análise não foi a de comprovar teorias, mas fornecer subsídios para compreensão.

Os dados foram analisados a partir da compreensão sobre o significado de gênero, casamento, conjugalidade e transgeracionalidade para as entrevistadas, como foram construídos esses conceitos e de que maneira elas percebem que eles influenciaram na satisfação de sua vida conjugal, em seu relacionamento e no tempo de permanência nele.

Baseando-se nas entrevistas realizadas e nos objetivos propostos de compreensão dos motivos que levam uma mulher contemporânea, urbana a permanecer em uma relação conjugal insatisfatória foram criadas as categorias e subcategorias que se encontram descritas nos quadros 2, 3, 4 e 5 que seguem:

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
GÊNERO	<b>Papel esperado dentro do casamento:</b> o papel que esperavam desempenhar durante o casamento
	<b>Papel desempenhado dentro do casamento:</b> o papel que desempenharam durante o casamento
	<b>Papel esperado pelo marido:</b> o papel que esperavam que o marido desempenhasse

Quadro 2 – Subcategorias sobre Gênero

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
CASAMENTO	<b>Sonhos:</b> o que sonhavam sobre o que seria o casamento
	<b>Expectativas:</b> quais as expectativas que tinham quanto ao casamento
	<b>Planejamento:</b> como foi o planejamento do casamento (cerimônia)
	<b>Realização:</b> como foi a realização do casamento (cerimônia)

Quadro 3 – Subcategorias sobre Casamento

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
CONJUGALIDADE	<b>Comunicação:</b> como era a comunicação entre eles
	<b>Individualidade:</b> como cada um lidava com sua individualidade
	<b>Compromisso dentro da relação:</b> quais os compromissos que julgava ter dentro da relação
	<b>Questões de igualdade:</b> como entendia que deveriam ser as relações na conjugalidade
	<b>Identidade conjugal:</b> o que buscava no parceiro para se completar

Quadro 4 – Subcategorias sobre Conjugalidade

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
TRANSGERACIONALIDADE	<b>Padrões geracionais:</b> o que ouvia dos pais e avós sobre relacionamento
	<b>Expectativas familiares:</b> como a família via o casamento e o que esperava dele
	<b>Semelhança do marido com o pai:</b> que semelhanças percebe entre o pai e o ex-marido
	<b>Relacionamento dos pais:</b> como é o relacionamento dos pais

Quadro 5 – Subcategorias sobre Transgeracionalidade

## 2.5 Considerações Éticas

As entrevistadas foram devidamente informadas sobre a relevância e interesse da pesquisa efetuando a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), após a concordância com a mesma. Foram também informadas sobre o respeito e a ética na preservação da privacidade e sigilo sobre tudo que foi gravado, garantidas pela pesquisadora bem como sobre a proteção contra possíveis danos à participante.

Ressaltou-se a possibilidade de abandonar a pesquisa a qualquer momento com ou sem justificativa, caso assim o desejassem e ter assistência da pesquisadora a qualquer momento, se necessário. Acordou-se também que o relatório final ficará disponível às mesmas, assim como todos os dados da pesquisa.

A presente pesquisa foi aprovada em conformidade com os dispositivos da Resolução n. 196 do CNS do Ministério da Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP sob n. 240/2008.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados do presente estudo foram obtidos, inicialmente, mediante um breve relato da história de cada entrevistada, cujos nomes são fictícios para que as mesmas não sejam identificadas, e posteriormente, pela utilização de outros dois instrumentos de pesquisa.

Por meio do referido relato observa-se o perfil de cada uma, extraído das informações dadas pelas mesmas durante os encontros. Complementam este perfil: o genograma, também construído no mesmo encontro, antes das entrevistas, e a linha do tempo, na qual foram inseridas as datas de acontecimentos considerados marcantes para cada uma delas.

#### **3.1 Perfil, genograma e linha do tempo**

Adiante será apresentado o genograma construído com as entrevistadas durante o encontro, a linha do tempo também construída no encontro e um breve resumo da entrevista onde foram destacados os fatos marcantes e que facilmente são visualizados no genograma e na linha do tempo.



### 3.1.1 Entrevistada – Regina

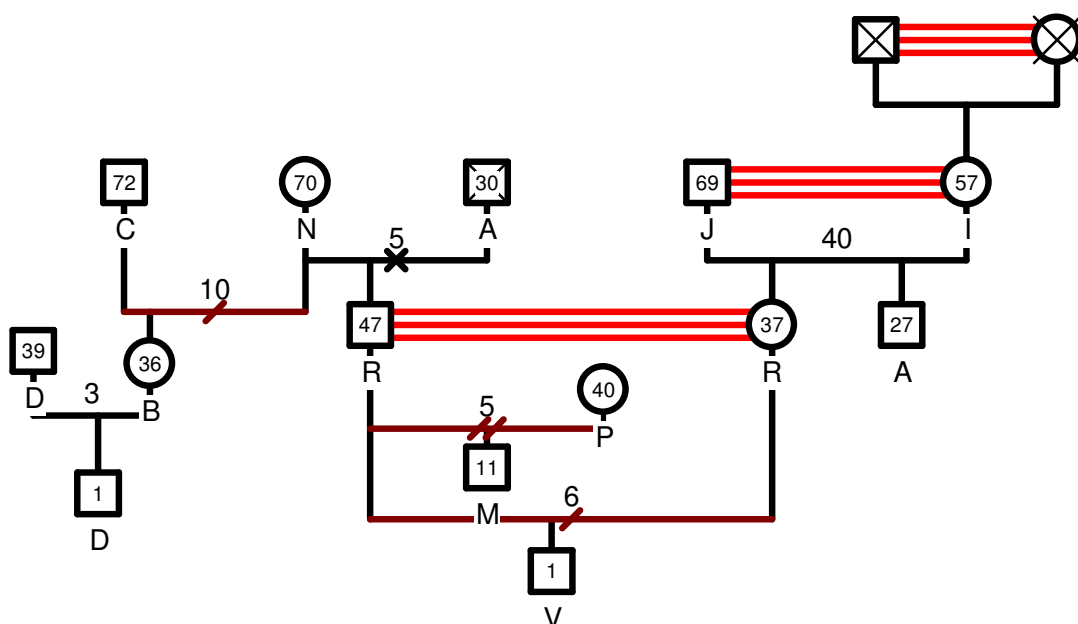


Figura 4 - Genograma – Regina

1998	Início do namoro
02/2001	Início da Faculdade
07/2002	Casamento
02/2007	Suspeita de traição
09/2007	Decisão de separação
	Descoberta da gravidez
05/2008	Nascimento do filho
08/2008	Saída do marido de casa
09/2008	Assinatura da separação

Figura 5 - Linha do tempo - Regina

Regina tem 37 anos, filha mais velha, tem um irmão. Foi casada durante 06 (seis) anos, está separada há cerca de um ano, tem um filho de um ano e formação em nível superior.

Conheceu seu ex-marido na empresa em que trabalhavam. Na época, ele era recém separado e já tinha um filho de um ano. Ele também é filho mais velho, tem uma irmã por parte de mãe, seu pai morreu quando tinha quatro anos.

Casaram-se enquanto cursava a faculdade, sendo que ele lhe dava muita força. Diz ter vivido por quase cinco anos muito feliz no casamento, só não sendo completamente feliz por não conseguir engravidar, uma vez que apresentava problemas, tentando diversos tratamentos, inclusive, inseminação artificial.

Cerca de cinco anos depois, descobriu que estava sendo traída, assim como sua mãe e avós também haviam sido traídas, mas separou-se diferentemente do que aconteceu com as outras. Sua mãe permanece casada há 40 anos e sua avó permaneceu casada por quase 50 anos até o seu falecimento.

Não há casos de separação na família, todos permanecem casados mesmo quando insatisfeitos, por medo do julgamento e pela vergonha de ter fracassado no casamento.

Mesmo após a descoberta da traição, tinha dificuldade de se separar, porque havia casado para a vida inteira e também porque existiam questões econômicas, uma vez que era dependente dele financeiramente.

Seu ex-marido era separado e sua mãe também já havia se separado do segundo marido.

Depois de cinco anos de casamento, Regina começou a perceber que seu esposo se transformara, de companheiro e alguém que a apoiava, tornou-se uma pessoa egoísta, mentirosa, mas ela mantinha a esperança de que isso tudo mudaria e o casamento dela voltaria a ser feliz como antes.

Quando tomou a decisão de se separar, apesar dos medos, crenças, vergonha, descobriu que estava grávida.

Passou o período da gravidez ainda com o ex-marido, mas frustrada por perceber que a situação não se modificava, tentando encontrar alternativas para a continuidade do relacionamento, sem conseguir aproveitar a realização

de seu sonho de ser mãe.

Apesar de suas tentativas de mudar a situação, não conseguiu mudanças no relacionamento, muito pelo contrário, o ex-marido passou a ignorá-la ainda mais, embora sem concordar com a separação.

Acabou se separando quando o filho tinha três meses, mesmo sem a concordância do ex-marido, que por fim acabou por aceitar.

Recebeu total apoio de seus pais nas decisões tomadas, mas omitiu do restante da família a separação.

Hoje se diz mais forte, está voltada à criação do filho e a seu desenvolvimento profissional.

Tem conseguido com dificuldade manter-se financeiramente sem ele, com quem mantém um relacionamento de cordialidade em consideração ao filho que têm juntos.

### 3.1.2 Entrevistada – Sandra

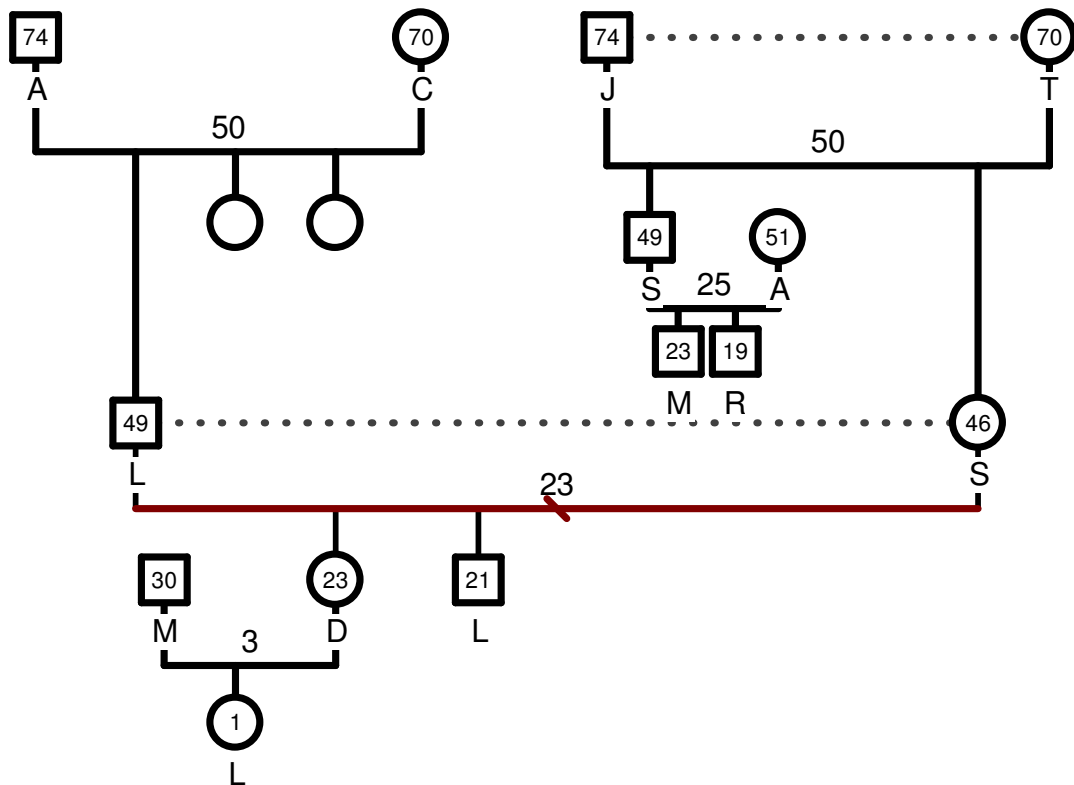


Figura 6 - Genograma – Sandra

1979	Início do namoro
1983	Noivado
01/84	Desfaz noivado
03/84	Casamento não realizado
	Reata noivado
06/84	Casamento
1986	Nascimento da filha
1987	Nascimento do filho
	Mudança para interior
1990	Volta para São Paulo
1991	Recomeça trabalhar
1993	Inicia relacionamento extra-conjugal
2006	Inicia outro relacionamento extra-conjugal
2008	Pede separação

Figura 7 - Linha do tempo - Sandra

Sandra tem 46 anos, filha mais nova, tem um irmão. Foi casada por 23 (vinte e três) anos, possui dois filhos, está separada há cerca de dois anos, ainda não legalmente.

Seu ex-marido, filho mais velho, tem duas irmãs.

Conheceu-o quando ainda estava no colégio com 17 anos.

Essa entrevistada acredita que no começo gostava um pouco dele, mas o via como uma pessoa sem ambição ao contrário dela, que apesar de ser de origem humilde sempre quis crescer.

Mesmo assim manteve o relacionamento, quando já estava noiva e de casamento marcado apaixonou-se por outra pessoa no trabalho, terminando assim o noivado.

Como a pessoa por quem se apaixonou não correspondeu a essa paixão, ela com medo de não encontrar mais ninguém reatou o noivado e casou-se logo depois.

Nos dias seguintes ao casamento, enquanto estava só em sua casa, diz ter se dado conta “da besteira” que havia feito: um casamento sem amor, mas que nada mais podia ser feito, pois já havia casado.

Logo em seguida quis engravidar, como forma de diminuir seu sofrimento, pois era muito difícil permanecer com o marido sozinha em casa.

Teve sua filha e passou a viver para ela, esquecendo-se do casamento, tempos depois engravidou de seu filho, agora sem planejamento.

Foram morar no interior para trabalhar com o irmão dela, mas as coisas não deram certo, assim voltaram para São Paulo sem emprego e sem dinheiro.

Como as coisas foram ficando cada vez mais difíceis em seu relacionamento, passou a ter um relacionamento extraconjugal com um amigo da família.

Enquanto isso ficava cada vez com mais raiva do ex-marido, que além não ter ambição, lhe obrigava a frequentar a casa de sua família todos os domingos, sempre dando mais importância à família dele, do que a ela e à própria família.

Por necessidade Sandra voltou a trabalhar e acabou se envolvendo com o patrão. Seu patrão naquela época era um homem carinhoso, bom, atencioso e lhe dava muitos presentes. A entrevistada diz ter gostado muito dessa pessoa, chegando a pensar em separar-se do ex-marido. Permaneceu com o

ex-esposo porque tinha certeza que seu patrão não deixaria a família para viver com ela.

Durante o relacionamento com seu patrão, ela entende que o marido até desconfiava, porque ela começou a ganhar presentes muito caros, empréstimos de dinheiro que nunca eram devolvidos, mas ele nunca questionou nada, por que era conivente, dada a conveniência de se poder contar com recursos financeiros extras.

Passou a sustentar a casa, ainda assim continuou casada sem relacionamento físico com o marido, apenas morando na mesma casa. A companhia do ex-marido fazia com que não se sentisse sozinha, pois ele a acompanhava em festas, nos finais de semana. Sandra o considerava como a um amigo, a um irmão.

Era bastante criticada, tanto pelo ex-marido quanto pelo patrão. Não conseguia perceber quem realmente era, sua beleza e qualidades, acreditava que não seria capaz de ter uma pessoa que fosse só sua e lhe fizesse feliz.

Nesse mesmo emprego, após algum tempo conheceu um rapaz, também casado, que nada lhe prometeu, mas a ajudou a perceber quem realmente era, sua capacidade, seus direitos e tomou a decisão de se separar.

Após a separação também saiu do emprego, retomou os estudos e está fazendo faculdade, procurando emprego, tentando manter-se financeiramente sozinha, no que ainda encontra muita dificuldade.

Às vezes quando está só pensa em reatar com o ex-marido que poderia lhe ajudar financeiramente, mas acaba apenas pedindo sua ajuda.

Os pais de Sandra estão casados há 50 anos e em sua visão têm um casamento de aparência, vivem na mesma casa e se suportam por falta de coragem de tomar uma atitude diferente.

A entrevistada também entende que há muitas semelhanças entre seu pai e o ex-marido. Ambos não têm ambição e se acomodaram com as situações em que vivem, mesmo que não estejam satisfatórias.

### 3.1.3 Entrevistada – Milena

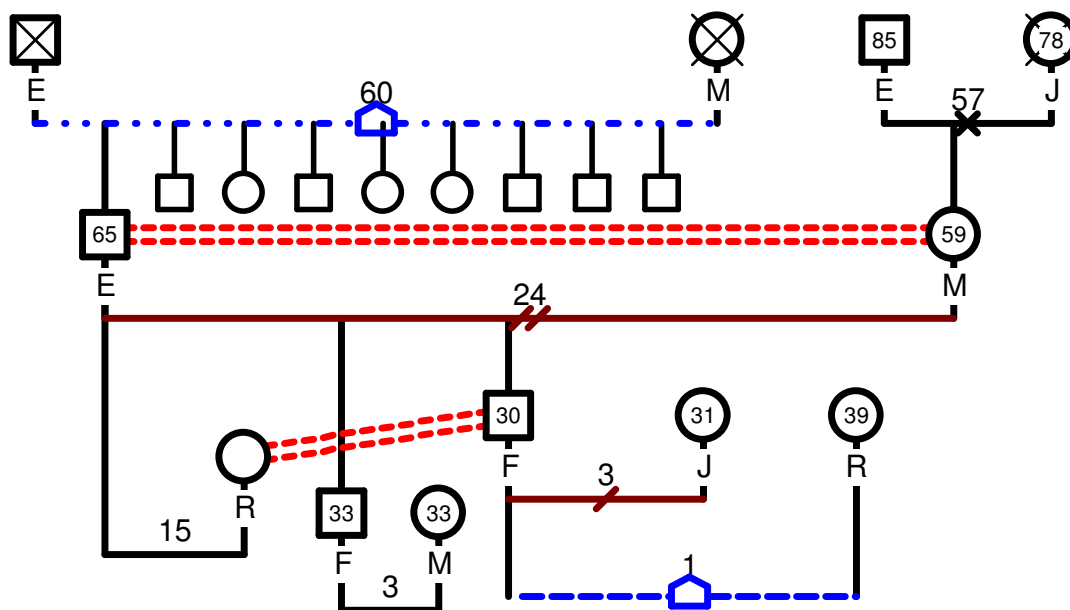


Figura 8 - Genograma - Milena

1965	Término do 1o. namoro Depressão
1966	Conheceu ex-marido
1967	Noivado
1970	Casamento Concurso prefeitura
1972	Primeira descoberta de traição
1976	Nascimento do 1. filho
1979	Nascimento do 2. filho
1982	Aluna dele telefone dizendo que tinha um filho do ex-marido
1984	Constrangimento em confraternização na empresa dele
1992	Descoberta dele com outra mulher
1994	Separação

Figura 9 - Linha do tempo – Milena

Milena tem 59 anos, filha única. Divorciada há 15 anos, possui curso superior completo, foi casada durante 24 (vinte e quatro) anos e teve dois filhos.

Considerou-se sempre uma pessoa muito reprimida e controlada, primeiramente, pelos pais e depois pelo marido.

Quando jovem namorava um rapaz de quem gostava, e com o qual mantinha uma ótima comunicação, mas o mesmo não foi “aprovado” pelos pais. Esse rapaz não foi aprovado porque tinha péssima aparência e era filho de uma mulher desquitada, o que na época era inadmissível para uma “moça de família”. Então, eles a fizeram terminar o namoro, passando por isso um longo período de depressão.

Na tentativa de tirá-la da depressão, viajaram durante um carnaval, na época Milena estava com 16 anos.

Durante o baile de carnaval, conheceu seu ex-marido, o mais velho de nove filhos, cujo pai havia abandonado a todos, logo após o nascimento do caçula.

Ele lhe foi apresentado por uma prima, um homem um pouco mais velho do que ela, mas que se trajava como se fosse muito mais velho. Esse homem obteve a “aprovação” dos pais, o que era desejado por ela e que os levou ao namoro.

Formou-se no curso de magistério, atual normal e passou a dar aulas, tendo seu próprio sustento.

No início, sentia-se protegida por ele, pois aparentava mais idade e maturidade, mas depois percebeu que essa proteção na verdade era domínio, controle.

Fazia as coisas sem consultá-la como, por exemplo, quando ficaram noivos e ele lhe fez uma “surpresa” trazendo as alianças que ele escolheu sem nada avisar. O mesmo aconteceu com a compra dos móveis antes do casamento, mas isto era visto pela família com encantamento.

Já nessa época, começou a ser controlada por ele nas amizades que tinha, chegando a indicar aquelas com as quais deveria romper. Determinava os trajes que deveria usar.

Ele era de uma classe social inferior à dela, e isso às vezes causava



constrangimento devido às roupas que usava, os presentes que dava e a falta de lazer.

Desde o início ele mostrou-se um tanto agressivo, não fisicamente com ela, mas com os objetos da casa como uma forma de coagir e manipular, para que as coisas fossem de seu jeito.

Segundo ela, ele mudou completamente o jeito de ser pouco antes do casamento, porque achou que morariam junto com seus pais ou que eles lhes dariam um apartamento para morar, evitando assim que tivessem despesas com aluguel. Este fato não ocorreu, mas ela acreditava que após o casamento as coisas seriam diferentes, só percebeu muito mais tarde que via o casamento como uma forma de se libertar dos pais e nem percebeu que estava sendo aprisionada ao marido.

Casaram-se no civil e no religioso, por vontade dos pais dos dois, e não fizeram festa pela situação financeira da época. Ele ajudava a mãe no sustento da casa, e continuou ainda por algum tempo.

Milena diz ter ficado muito emocionada durante o casamento e chorado muito, mas não sentia nas outras pessoas a mesma emoção. Apenas seus pais e o noivo estavam esfuziantes, e hoje a entrevistada entende que seus pais ficaram muito felizes por terem tirado de si a responsabilidade de uma filha que consideravam problemática.

Já na lua-de-mel, ela inexperiente percebeu a impaciência e falta de afetividade da parte dele, quando esperava poder contar com sua experiência, carinho e habilidade no relacionamento sexual.

As visitas à família dele eram obrigatórias aos domingos, e lá sempre se referiam à família dela como ladrões ou outros insultos, o que a deixava muito constrangida, principalmente, porque ele não a defendia.

Ela não gostava muito dessas visitas porque seus cunhados bebiam muito e destrataavam as esposas, os filhos e a mãe. Ela se sentia mal com tudo aquilo que não fazia parte da sua experiência familiar, além disso, sempre faltava alguém e sua ex-sogra ficava deprimida e preocupada como filho que não tinha vindo.

O relacionamento sexual que começou muito ruim desde a lua-de-mel, permaneceu assim; eram somente cobranças e queixas, que ela passou a achar que eram normais nos relacionamentos, porque as amigas com quem

conversava também relatavam situações semelhantes, com raras exceções.

Algumas vezes tentou conversar com ele sobre sexo, mas acabou desistindo porque ele sempre a desqualificava e ela se sentia “uma porcaria”, quase anormal.

Na mesma época em que casou, prestou um concurso público da Prefeitura de São Paulo e então efetivou-se como professora.

No segundo ano de casada, passou por uma situação de constrangimento durante a formatura no curso de engenharia de seu ex-esposo, quando percebeu claramente que ele havia dito às colegas que tinha uma esposa velha e doente, fato que não correspondia à verdade. Assim havia mantido um relacionamento extraconjugal com uma delas, que chorava copiosamente durante o jantar.

Ele não queria filhos alegando ter cuidado de muitos irmãos e avisou-a para que não alimentasse esperanças diante da pressão de seus pais, que tanto cobravam netos. No entanto, após seis anos, apesar do uso de anticoncepcionais engravidou e ele não encarou mal a situação, embora começasse a questioná-la sobre as despesas que um filho traria.

Ela diz ter se sentido maravilhosa durante a gestação, sentia-se mesmo gloriosa e durante esse período foi muito bem tratada pelo marido, muito embora hoje tenha noção da sua incoerência e onipotência em engravidar, sem que fosse o desejo também de seu marido, mas diz nunca ter se arrependido.

Logo após o nascimento do filho, seu ex-marido sumiu da maternidade, o que se repetiu no nascimento do segundo filho e ela nunca soube aonde ele havia ido e fazer o que, porque simplesmente ele nunca lhe respondeu a essa pergunta.

Logo após o nascimento do filho, o comportamento do ex-marido voltou ao que era, só críticas, fazendo com que seus pais evitassem ir à sua casa quando ele estivesse, porque eram muito mal tratados.

Não era participativo, mas achava que tudo tinha que ser feito do jeito que mandava, desqualificando qualquer opinião contrária, inclusive do pediatra a quem chamada de burro e incompetente.

Nunca ajudou também na educação dos filhos, se dizia sempre muito ocupado, trabalhando, mas criticava sempre o modo como ela fazia, culpando-

a por qualquer dificuldade apresentada pelos filhos nos estudos.

Tinha o comportamento completamente diferente dentro e fora de casa, em casa eram gritos o tempo todo, reclamações, cobranças e desqualificações e fora de casa agia como um cavalheiro, elogiando os filhos e esposa para todos.

Durante um tempo dedicou-se inteiramente a cuidar da casa e criar os filhos, mas como sempre se sustentou antes do nascimento dos filhos, sentia dificuldades em ter que pedir dinheiro para o ex-marido, que não mantinha conta conjunta com ela, não lhe dizia quanto ganhava e sempre lhe dava uma quantia insuficiente.

O ex-marido vivia estudando, fazendo cursos de pós-graduação, mestrado, doutorado, mas dizia não ter condições de pagar escola para os filhos, que estudavam em escolas públicas.

Ela também queria fazer cursos de especialização e atualização para voltar ao trabalho, sendo que ele dizia a ela que fosse estudar na USP - Universidade de São Paulo, que é uma universidade pública, portanto, gratuita.

Voltou a trabalhar e ele, muito possessivo, impôs condições para que ela voltasse, começou a vigiá-la no trabalho e nos cursos que fazia, inclusive, tentando saber quanto ganhava e porque andava tão feliz, o que parecia incomodá-lo.

Em um desses cursos ele apareceu de repente, ela o apresentou a dois de seus colegas que lhe contaram que já o haviam visto por diversas vezes com uma mulher, almoçando em um restaurante em situações românticas.

Dessa vez ela resolveu confirmar a informação e sair das suposições ou escutar as desculpas que ele dava, sempre revertendo a situação.

Foi verificar e constatou o relacionamento dele com outra mulher com quem hoje está casado, e decidiu definitivamente se separar, mas não o fez de imediato.

Primeiramente ela buscou orientação e depois falou com ele, que não teve como negar, e então pediu a separação.

Ele se negava a sair do apartamento em que moravam até que ela conseguiu uma ordem judicial para isso.

Ele mudou-se, mas passou a fazer ameaças a ela e a seus pais, que a estavam ajudando. Ele ficou deprimido porque não se conformava em ter sido

tirado de seu apartamento e passou a andar armado.

O processo de separação arrastou-se por longos cinco meses, durante os quais sua mãe ficou muito doente e sua ex-sogra temia pela vida de todos. Os filhos de Milena ficaram muito apreensivos, até que ela abriu mão do apartamento e do carro para conseguir finalmente obter a separação.

Mesmo no tribunal, na hora da separação ele mostrou toda sua agressividade e truculência, desqualificando-a e constrangendo a todos.

Na época, seu pai comprou um apartamento para que ela morasse com os filhos, no mesmo prédio em que moravam, como a condição de que ela cuidasse deles quando necessário, sendo que a entrevistada achou bastante justo.

Hoje os filhos são independentes, vivem suas próprias vidas e ela continua morando sozinha no apartamento no mesmo prédio que o pai, sua mãe já é falecida. Continua trabalhando e se considera uma profissional que obteve muitas conquistas.

### 3.1.4 Entrevistada – Aline

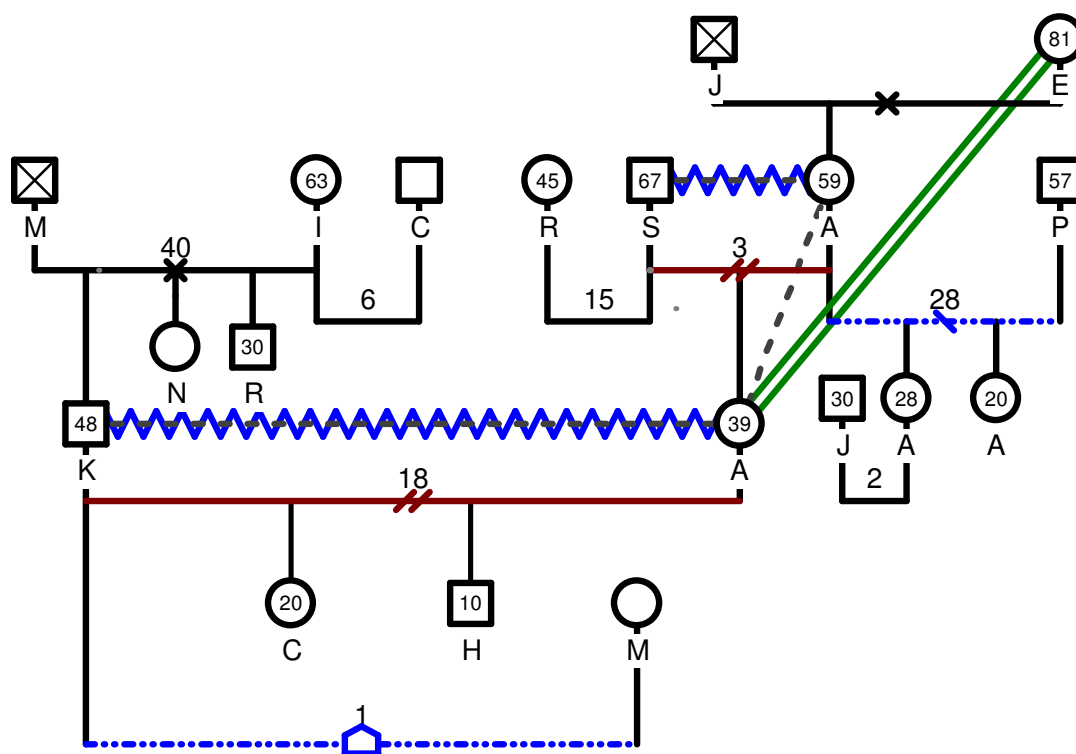


Figura 10 - Genograma – Aline

1987	Conheceu ex-marido
1988	Casou
1989	Nascimento da filha
1996	1a. separação
1999	Nascimento do filho
2003	2a. separação
2006	3a. separação
2008	Novo relacionamento

Figura 11 - Linha do tempo - Aline

Aline tem 39 anos, filha mais velha, foi criada por sua avó desde criança, após a separação de seus pais. Sua mãe casou-se novamente e tem duas irmãs. Foi casada por 18 (dezoito) anos, contando o período em que moraram juntos, sem estarem oficialmente casados. Teve dois filhos e está separada há três anos.

Seu ex-marido é o filho mais velho, tem um irmão e uma irmã. Atualmente mantém um novo relacionamento.

Conheceu-o numa festa do banco em que trabalhavam, e apesar de não se enquadrar no modelo de rapaz que se interessaria para namorar, por ser uma pessoa mais velha, começaram a namorar. Logo engravidou e acabaram casando, ela ainda muito nova e imatura com apenas 18 anos. Logo nos primeiros meses do casamento percebeu que não daria certo, mas nasceu sua filha o que tornou o relacionamento ainda mais conturbado, perdurando por 18 anos, por três separações e o nascimento de mais um filho.

Com oito anos de casada ocorreu a primeira separação, na qual houve a oficialização, mas ele nunca saiu da casa em que moravam alegando não ter para onde ir, uma vez que sua família mora no interior. Com o tempo e a convivência dentro da mesma casa, eles acabaram se reconciliando. Segundo Aline, tinha muita vontade de que essa reconciliação desse certo e muita esperança que eles tivessem mudado, amadurecido e em decorrência também o relacionamento conjugal.

Na segunda separação, ele saiu de casa e ficaram um ano afastados, mas como se encontravam eventualmente por causa dos filhos que ele visitava regularmente, uma nova tentativa para que tudo desse certo foi feita, tentou-se esquecer certos acontecimentos ocorridos no passado e voltaram a morar juntos.

Chegaram a ter momentos de agressão física, mas continuavam juntos, ela pela necessidade de ter uma família e ele de ter um lar.

Nunca houve traição da parte dela, mas sempre houve desconfiança de que ele a traísse pela falta de afetividade que demonstrava.

Passou a viver pela família, trabalhava, cuidava da casa e da filha, tinham uma vida social sem que ninguém desconfiasse do que acontecia, até o dia em que não foi mais possível manter as aparências e ela percebeu que

podia fazer diferente.

Sempre foi ela a tomar a iniciativa da separação, mas não conseguia sustentar tal atitude porque se acreditava culpada, entendendo que ele apenas reagia negativamente às suas atitudes sempre reforçando que ela era desequilibrada e louca.

Sua família não aceitava a separação, achavam também que a culpa era dela por ser muito agressiva, mas ele também era agressivo só que não na frente das demais pessoas. Os familiares também diziam que ela tinha tudo com esse marido: casa, carro, filhos. O que mais poderia querer? Do que poderia se queixar?

A família dele mora no interior e nunca se posicionou quanto a separação, uma vez que não influenciaria a vida deles em nada.

Aline escutava muito de sua família a frase “ruim com ele, pior sem ele”, ficava muito preocupada se conseguiria criar os filhos sozinha, e estabilizar-se profissionalmente para poder garantir o sustento seu e deles.

Seus pais separaram-se quando ainda era criança e o pouco que se lembra é de ter visto sua mãe apanhando muito de seu pai.

Assim como ela, sua mãe casou-se ainda muito jovem com um homem mais velho e logo após a separação, mãe e filha foram morar com a avó. Sua mãe casou-se novamente, mas deixou-a na casa da avó que a criou, a quem considera até hoje como mãe.

Fez todas as tentativas para ter um final diferente de sua mãe, constituir uma família que “desse certo”, formar um lar e ser feliz.

Esqueceu-se dos sonhos em troca de ter uma família, mas acabou ficando sem nenhum dos dois. Hoje sente que ela e os filhos formam uma família, não no modelo que gostaria, mas no modelo que conseguiu. Busca ainda realizar alguns dos sonhos que foram deixados pra trás como estudar, viajar e manter um bom relacionamento afetivo, como o que iniciou recentemente.

### 3.1.5 Entrevistada – Bárbara

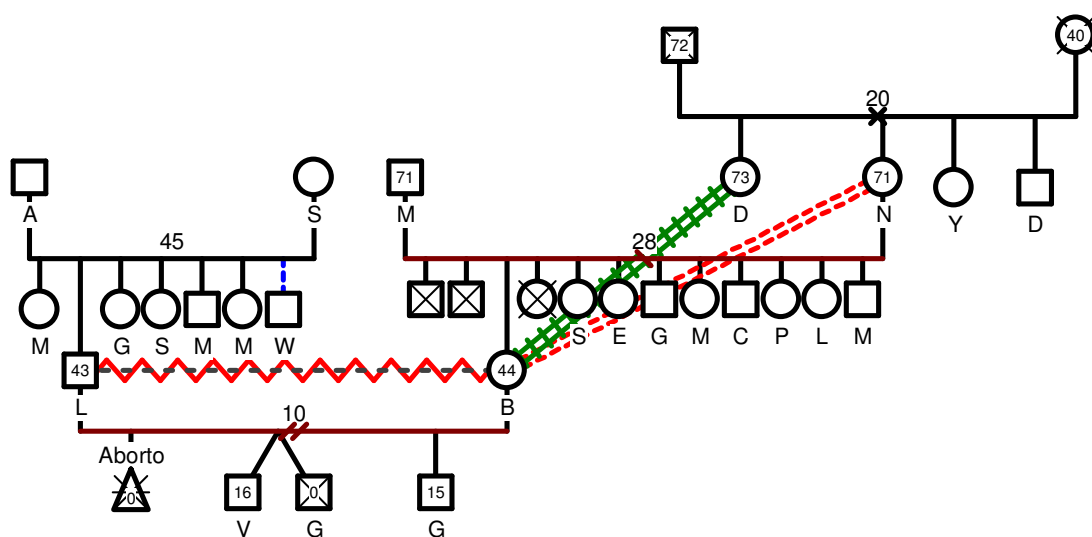


Figura 12 - Genograma – Bárbara

1987	Início do namoro
1988	Formação soldado PMSP
	Noivado
1990	Casamento
1992	Gravidez e aborto espontâneo
1993	Nascimento dos filhos
	Morte de um dos gêmeos
1994	Nascimento do filho caçula
1999	Descoberta da traição
2000	Divórcio

Figura 13 - Linha do tempo – Bárbara



Bárbara tem 44 anos, filha mais velha de nove irmãos, foi criada pela tia.

Permaneceu casada por 10 (dez) anos e está separada há nove anos. Após um aborto espontâneo, teve três filhos, sendo que um morreu com uma semana de vida.

Seu ex-marido é o segundo filho de sete irmãos. Conheceu-o em um acampamento junto com os colegas do trabalho, quando flertava com um amigo dele, mas que não se interessou por ela.

Acabou começando a namorá-lo seriamente e após um ano ficaram noivos, logo após sua formatura como soldado feminino da Polícia Militar.

Ele era tímido e sua família financeiramente mais pobre que a dela, o que fazia com que sentisse muita vergonha de entrar em sua casa. Conversavam sobre casamento, filhos, sempre pensando no futuro, porque ele queria muito ter sua própria firma e provar aos outros que tinha capacidade.

Bárbara foi criada pela tia por uma opção sua, como em sua casa havia muitos irmãos e nenhum controle, tudo era muito desorganizado, sendo que ela gostava da organização e dos horários que eram estabelecidos na casa da tia. Não tinha um bom relacionamento com a mãe, que inclusive disse que não compareceria a seu casamento.

Acabaram adiantando o casamento quando a tia que a criava descobriu que ela e o noivo vinham mantendo relações sexuais. Sentiu-se muito mal com essa descoberta, pois foi duramente cobrada pela tia e tida como traidora da confiança da mesma.

Não conseguiu aproveitar o casamento por causa da culpa que sentia de ter traído a confiança da tia e toda decepção que via estampada em seu rosto, inclusive porque ela não queria que tivesse casado com aquele homem.

Todos os detalhes do casamento foram pagos e escolhidos pelos tios e ela apenas foi comunicada; como em tudo, sempre acatava a opinião e a escolha deles.

Depois do casamento, o ex-marido mostrou-se muito frio, calado e difícil de sair para fazer qualquer passeio que fosse. Ele trabalhava e estudava e quando estava em casa, estava sempre cansado.

Dois anos e meio depois do casamento engravidou, na mesma época

que sua cunhada, mas sofreu um aborto espontâneo com três meses e aquilo mexeu muito com ela, fazendo com que se sentisse inferior.

No mês seguinte engravidou novamente e entrou com os papéis pedindo baixa da Polícia Militar, como havia combinado com o ex-marido anteriormente.

Em parte se sente arrependida por ter pedido baixa, pois poderia hoje ter uma profissão, independência financeira, ter seguido uma carreira, mas por outro lado, pode ficar em casa e cuidar dos filhos, como sempre quis.

Nessa segunda gravidez, sentiu o marido mais frio ainda. Três dias antes do nascimento dos filhos, soube que eram gêmeos, porque ainda não havia feito ultrassonografia por questões financeiras, sendo que ficou bastante assustada com a descoberta. Na véspera do nascimento dos filhos, ajudou o ex-marido na casa que construía, sendo que o esforço e as muitas vezes que subiu e desceu escadas devem ter contribuído para o mal estar que começou a sentir.

Sentia-se mal e avisou-o, mas ele não se incomodou com ela, até que de madrugada a bolsa estourou e foram para o hospital no carro do tio, uma vez que tinham vendido o carro para usar o dinheiro na construção.

Os bebês nasceram prematuros e ficaram na incubadora e um deles viveu apenas uma semana porque tinha uma deficiência pulmonar, enquanto o outro ficou ainda mais dois meses no hospital, necessitando de uma cirurgia.

Sentiu-se muito culpada pela morte do filho, achando que se não tivesse feito tanto esforço poderia ter levado a gestação mais adiante.

O ex-marido nada disse antes, durante ou depois do falecimento do filho, e isso fez com que ela se sentisse ainda pior, muitas vezes chorando sozinha por não ter com quem conversar.

Ela sentia como se tivesse casado com um estranho. Ele era uma pessoa antes do casamento e outra completamente diferente depois.

Teve outro filho logo em seguida porque tinha medo que o primeiro morresse e já no parto do segundo filho operou para não mais ter filhos.

O casamento já apresentava dificuldades desde o início pela frieza dele e também porque ele bebia muito, mas ela não se imaginava separada e grávida. Pensava o que diria sua tia se falasse em se separar, pois ela era muito religiosa e também acreditava que as coisas iriam mudar e a qualquer

momento ele melhoraria.

Tinha em sua família um exemplo de “casa e separa” dos pais. Foram inúmeras separações e a cada reconciliação era um novo irmão que nascia e ela não queria seguir esse modelo.

Havia jurado na igreja que seria para sempre e o casamento não era feito só de momentos bons, existiam os ruins que tinham que ser suportados.

Seu ex-marido chegava em casa cada vez mais bêbado e mais tarde, e não encontrava mais os filhos acordados.

Nunca tinha os finais de semana em família, ou ele estava trabalhando ou viajava dizendo que era a trabalho.

Cada vez foi ficando mais difícil o convívio e ela passando por situações constrangedoras junto à sua família, por estar sempre só.

Chegou a ponto de colocar em risco a vida dela e a de seus filhos por dirigir bêbado.

Depois de nove anos de casada, a irmã veio lhe contar que ele a estava traindo com uma moça, inclusive pagando festas, enquanto ela economizava em tudo para poderem terminar a construção da casa.

Seus tios se envolveram nesta situação e seu ex-marido ficou muito irritado dizendo que era tudo invenção deles, coisa de invejoso, que sua família não os queria juntos.

Ela ficou em dúvida e resolveu ir atrás para investigar, constatou o relacionamento extraconjugal dele e pediu a separação.

Ele saiu de casa e em seguida pediu o divórcio, alegando que por questões financeiras seria melhor eles se separarem, mas depois casariam novamente, o que nunca aconteceu.

Durante um tempo ainda continuaram se encontrando para namorar sem que os filhos ou a família dela soubessem, até que ela percebeu que não haveria mais volta.

Hoje ele está namorando outra pessoa e ela também está tentando novos relacionamentos, ainda na dependência financeira dele para criação dos filhos e sua própria subsistência.

## **3.2 Análise das Entrevistas**

A análise desse estudo foi feita mediante o agrupamento do conteúdo das entrevistas nas categorias mencionadas no método. Com este procedimento tornou-se possível perceber os aspectos que levaram essas mulheres a permanecer no relacionamento conjugal insatisfatório. Uma vez inseridas as falas das entrevistadas nas respectivas categorias e subcategorias, procedeu-se a interpretação das mesmas de acordo com o referencial teórico apresentado.

### **3.2.1 Gênero**

Nesta categoria a análise foi feita a partir das concepções de gênero para essas mulheres; de que maneira elas vêem seus papéis esperados e desempenhados e os papéis esperados e desempenhados pelos maridos.

#### **3.2.1.1 Papel esperado dentro do casamento**

Os argumentos de Jablonski (1998) sobre gênero contribuíram para esse estudo ao afirmar que, apesar das mulheres de hoje terem participação mais ativa no cenário político e econômico do país, ainda hoje perduram ideias e conceitos transmitidos culturalmente, que impedem que as mesmas sejam tratadas iguais aos homens. Talvez, a causa desse fenômeno seja atribuída, parcialmente, à cotidiana divisão vivida por elas: assumirem-se como profissionais e desempenharem o tradicional papel de donas-de-casa, ensinado por suas mães e avós.

Observa-se que em algumas vezes, a mulher está dentro de um casamento exercendo apenas o papel de uma boa esposa, cuidando da casa, dos filhos, preocupada em formar uma família, vendo esse como seu único papel possível e esperado.

**Regina** = [...] “a gente estava sempre junto, a gente tinha diálogo, o comportamento dele era ficar comigo em casa, no trabalho, nas tarefas do dia-a-dia, mas sempre comigo.”

Para Regina era muito forte a necessidade de formar uma família junto com seu marido, sendo que a mesma necessidade foi relatada por Aline.

**Aline** = [...] “desde o primeiro mês de casado eu já sabia que não ia dar certo, eu percebi que não era isso que eu queria, mas eu tinha a necessidade de ter uma família e não de ter um homem...”

Outra das entrevistadas tinha a ideia de que seu papel era o de ser mãe e esposa.

**Bárbara** = [...] “eu fiquei em casa e cuidei dos meninos, coisa que eu sempre quis fazer, não queria meus filhos com empregada...”

Na prática observa-se que esse papel feminino também inclui a contribuição para a construção do futuro da família, trabalhando, economizando ou administrando a utilização dos recursos financeiros do casal.

**Regina** = [...] “eu economizava dinheiro, eu tentava administrar não o dinheiro dele, mas, economizar em todos os sentidos, em não gastar comigo, não colocar empregada, de ser a dona-de-casa, ser mulher, prestativa,...”

**Sandra** = “No começo ele não queria que eu fosse trabalhar de jeito nenhum, mas eu passei por cima da vontade dele e fui. Depois ele começou a gostar que eu trabalhasse porque eu trazia dinheiro pra casa, eu ajudava ...”

A posição de obedecer e fazer as vontades do marido, como se não fosse possível ter suas próprias vontades e desejos, também fez parte do discurso de uma das entrevistadas:

**Milena** = [...] “aí eu tive por imposição dele que deixar de ter amizade com algumas amigas, ele proibiu...”

A mesma entrevistada prossegue, referindo-se abaixo ao relacionamento sexual do casal:

**Milena** = [...] “eu dizia que pra mim era satisfatório, mas não era, só ele se satisfazia e eu achava que isso era normal...”

Para Nicolaci-da-Costa (1985), o conflito entre seguir os padrões aprendidos e um novo sistema mais liberal coloca a mulher numa posição desconfortável, sendo que ela tem dificuldade em se posicionar frente a uma crise no casamento por não saber qual é o correto a fazer.

**Barbara** = [...] “eu não conseguia me ver separada porque antes de casar eu achava que comigo ia ser diferente, eu não ia deixar nada dessas coisas que a gente ouve acontecer, se acontecer vou tentar resolver...”

**Sandra** = [...] “nessa época eu devia ter uns 27 anos mais ou menos, então eu comecei a ter um relacionamento extraconjugal...e que eu me lembre esse relacionamento não afetou em nada meu casamento, nada que eu quisesse me separar...”

### 3.2.1.2 Papel desempenhado dentro do casamento

De um modo geral observa-se que as mulheres desempenham papéis que entendem como sendo esperado delas. Espera-se que a mulher cuide da casa como faziam suas mães e avós, cuide dos filhos, enquanto que para o homem espera-se que ele desempenhe o papel de provedor. Assim, ambos vivenciam uma relação culturalmente legitimada, que permite tanto ao homem quanto à mulher, em alguns casos, exercerem respectivamente os papéis de provedor, que oprime e de provida, que é oprimida (ABREU, 2005).

**Milena** = [...] “eu não podia recusar quando ele queria porque senão, ficava com tromba por duas semanas...” (referência a relacionamento sexual).

**Aline** = [...] “chegamos a ter momentos de agressão física...”

**Bárbara=** [...] “eu fiquei em casa e cuidei dos meninos, coisa que eu sempre quis fazer, não queria meus filhos com empregada, queria ter um contato direto com eles sempre...”

**Milena=** [...] “tive que obedecer, não tinha, mas estava acostumada e na época achei por bem obedecer...”

Em estudo de Jablonski (1988) ficam claras as condições a que algumas mulheres se submetem de escravidão ou semi-escravidão, sujeitando-se a isso por sentirem uma culpa que lhes foi imputada na civilização cristã que as mostrava como não confiáveis.

**Regina =** [...] “a questão econômica, questão financeira, que era a dependência que tinha dele, eu trabalhava antes de casar, sempre trabalhei, mas após o casamento eu tinha uma coisa assim, a folga, ele supria as minhas necessidades, ele que tinha que pagar as contas, ele que fazia tudo, então pra mim era confortável.”

**Sandra =** “Nosso relacionamento sexual sempre foi horrível e depois começou a ficar pior ainda, eu comecei a fingir todas as vezes que a gente transava...”

### 3.2.1.3 Papel esperado do marido

De acordo com o pensamento de Papp (1995), os maridos desempenham seu papel de provedor. Ao contrário das mulheres, o senso de identidade dos homens baseia-se principalmente na realização de objetivos econômicos e sociais, mais do que nas relações sociais, como acontece com elas.

**Regina =** [...] “três meses de namoro, ele falava em casar e comprou um apartamento perto da minha casa...”

**Sandra =** [...] “ele sempre foi uma pessoa muito boa, honesta, trabalhador...”

**Regina** = [...] “eu me casei, eu estava fazendo faculdade ele me dava força... ele me dava muita força em todos os sentidos.”

**Sandra** = [...] “eu já percebia que ele era uma pessoa que não tinha ambição, que era muito simples...”

**Bárbara** = [...] “ele era muito frio, minha barriga foi crescendo ele não punha a mão...”

Segundo observações realizadas junto ao grupo de pesquisa, a mulher desempenha um papel que acredita ser determinado para ela, por outro lado espera que o homem também desempenhe um determinado papel, que inclui ser carinhoso, atencioso, estar presente. Todas relatam que tal expectativa não se concretizou em seu casamento.

**Milena** = [...] “era um marido e pai completamente ausente, exigia muito, gritava o tempo todo e no final de semana dormia o tempo todo...”

\_\_\_\_\_ = [...] “sofri muito por saber que tudo o que meu ex-marido não nos proporcionou a vida toda como carinho, afeto, lazer, com a outra esposa e a família dela, isto é uma constante...”

**Regina** = [...] “eu percebi que ele não ficava mais em casa, ele não tinha horário pra voltar, que ele começava a sair de manhã e voltava tarde e sempre inventando alguma coisa, sempre alguma estória...”

**Sandra** = [...] “algumas vezes a gente brigava muito por causa de dinheiro porque eu queria que ele comprasse as coisas e ele sempre dizia que não tinha dinheiro, não tinha dinheiro, e às vezes eu reclamava muito que ele não comprava as coisas...”

**Bárbara** = [...] “peguei a mão dele e pus na minha barriga e falei pra ele olha ta mexendo, mas ele era muito frio, não tinha reação e isso me matava ...”

**Aline** = [...] “eu nunca tive outra pessoa e sempre desconfiei dele, mais pela falta de afetividade, de contato físico...”



### 3.2.2 Casamento

O casamento, que é definido como um ato, cerimônia ou simplesmente um processo de legalização de uma união, tem um significado diferenciado para cada pessoa, sendo que sofre influências religiosas e culturais entre outras.

De acordo com o pensamento de Jablonski (2003), ao longo da história da humanidade muitas mudanças ocorreram, também as formas de união foram se transformando, porém a busca de um(a) parceiro(a) para compartilhar a vida continua sendo um dos sonhos que o ser humano ambiciona.

#### 3.2.2.1 Sonhos

Regina, assim como a maioria das mulheres pesquisadas, tinha o sonho do casamento, em uma igreja, vestida de noiva, principalmente por acreditar que seria um casamento para toda a vida.

**Regina** = [...] *“queria me casar na igreja, a escolha foi minha...”*

\_\_\_\_\_ = [...] *“eu tinha dificuldade de me separar, porque eu casei pra vida inteira...”*

Existiam outros sonhos, como o de Aline que queria ter sua própria família, e logo percebeu que não seria possível, mas permaneceu no relacionamento esquecendo-se dos sonhos.

**Aline** = [...] *“eu tinha a necessidade de ter uma família ...”*

\_\_\_\_\_ = [...] *“alguns sonhos que a gente sempre tem e já desde o primeiro mês eu já vi que não ia dar em nada...”*

\_\_\_\_\_ = *“Eu engoli todos os meus sonhos...”*

A frustração de ver os sonhos desfeitos, regras quebradas de um contrato, no qual foram estabelecidos direitos e obrigações idênticos, faz com que Regina e Milena sintam-se frustradas e não consigam usufruir parte de seus sonhos e tenham até mesmo dificuldade em buscá-los.

**Regina** = [...] *“a raiva foi muito maior porque tantos sonhos, tantas vontades, tantas ilusões, querendo ser mãe e de repente eu realizei esse sonho e eu não pude realizar totalmente. Eu não pude desfrutar esse sentimento de gravidez, de ser mãe porque eu estava passando por essa situação difícil...”*

\_\_\_\_\_ = [...] *“foi muito difícil, porque eu confiava nessa relação, eu acreditava no homem com quem eu estava, então eu não imaginava que, eu nunca pensei que o meu casamento teria uma relação de traição...”*

**Milena** = [...] *“tinha idéia do que era a noite de núpcias, da relação sexual, ... e eu contava com a segurança dele, ele passava uma segurança e desenvoltura muito grande sexualmente falando ...”*

Em alguns momentos o sonho quase se transforma em um pesadelo, como ocorreu com Sandra.

**Sandra** = *“Eu não gostei de ficar lá com ele, não gostava de dormir com ele, lua-de-mel e eu não gostava.”*

Bárbara fazia planos e tinha sonhos, mas sempre em conjunto.

**Bárbara** = [...] *“e a gente falava que ia casar, ia trabalhar, ia ter a nossa casa, ele tinha sonho de ter uma firma própria, de crescer ...”*

### 3.2.2.2 Expectativas

Na prática observa-se que é muito difícil conseguir realização quando se depende de outra pessoa. Para a maioria dos homens o casamento está relacionado à constituição da família, enquanto para a maioria das mulheres está associada à relação amorosa.

Com essas diferenças de ponto de vista Regina, Milena e Aline se frustraram esperando que seus maridos tivessem as mesmas expectativas que elas, o que não aconteceu.

**Regina** = [...] “de repente em alguns momentos eu tive esperança que esse casamento daria certo novamente, que aquilo era um pesadelo que eu estava passando, e de repente ele se arrependeria de tudo aquilo que estava acontecendo, da traição e ficaria novamente comigo, ...”

**Milena** = [...] eu tinha toda uma expectativa e achava que ele seria um bom professor para mim nesse aspecto (sexo), com clima afetivo e sensibilidade, mas foi totalmente frustrante...

**Aline** = [...] “essa era uma necessidade que eu tinha, muito grande de ter uma família, de ter a minha família, meus filhos, minha casa, hoje eu percebo que era muito forte isso em mim e acho que me agarrava a isso para continuar tentando ter um lar...”

Segundo Dias (2000), um casal pode se unir por um vínculo de conveniência, mas haverá a perda de interesse pelo parceiro quando o objetivo que gerou a conveniência se resolveu.

Para Sandra e Milena existia a expectativa de que o casamento as subtrairia de situações cerceadoras que enfrentavam em casa, dando-lhes mais liberdade, expectativas essas que se frustraram.

**Sandra** = [...] “eu pensei, vou casar com ele mesmo, porque ele está aqui perto, está próximo, já estou envolvida mesmo, se eu não casar com ele vou casar com quem?”

\_\_\_\_\_ = [...] “eu me casei também porque queria sair da minha casa...”

**Milena** = [...] “percebi que o casamento foi uma forma inconsciente de me livrar do domínio e autoridade dos meus pais, eu achava que casando ia ficar mais livre pra escolher as minhas coisas...”

Um aspecto importante é o relacionamento sexual e que gera muita expectativa principalmente por parte das mulheres. Somente Regina não se

queixou do relacionamento sexual deles.

**Sandra** = *“Bom, não foi aquela coisa que eu esperava, que eu ouvia as pessoas falarem que fosse a primeira noite, foi muito sem emoção, sem nada, pra mim.”*

**Aline** = [...] *“falta de afetividade, de contato físico...”*

**Milena** = [...] *“eu contava com a segurança dele, ele passava uma segurança e desenvoltura muito grande sexualmente falando, mas foi uma decepção, ele sabia que eu era virgem, foi rude, impaciente, inábil e pouco afetivo, me decepcionei completamente.”*

**Bárbara** = *“Nós já nos relacionávamos sexualmente há algum tempo, mais por pressão minha do que dele, porque acho que eu era mais fogosa.”*

### 3.2.2.3 Planejamento

Apesar do aumento no número de divórcios<sup>7</sup>, ainda ocorrem muitos casamentos, que envolvem uma série de preparativos, que se iniciam bem antes da data prevista para a cerimônia, planeja-se, inclusive, a lua-de-mel.

Regina passou por todo esse processo de preparação do casamento durante sete meses.

**Regina** = [...] *“os preparativos da festa de casamento fui eu que supervisionei. A escolha do buffet e o convite de casamento foi feita pelo casal. Foram sete meses de preparativos.”*

\_\_\_\_\_ = [...] *“viajamos em lua-de-mel para Natal. Foi maravilhoso o passeio, estávamos muito felizes, nos divertimos muito, ficamos juntos o tempo todo...”*

Milena queria apenas um casamento civil, mas por opção dos pais casou-se também na igreja, embora às vésperas do casamento tenham

---

<sup>7</sup> Cf. Capítulo 1.2 - Casamento e Separação ( p.24)

ocorrido algumas questões que conturbaram todo o processo.

**Milena** = *“Nós queríamos casar só no civil não fazíamos questão do religioso, mas, nós decidimos fazer também a cerimônia religiosa para atender às expectativas da mãe dele e dos meus pais, um casamento simples sem festa...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“eu chorei muito no dia, fiquei muito emocionada...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“fomos para a viagem de lua-de-mel, que foi dada pelos padrinhos, que naquela época era moda viajar para as chamadas estações de águas.”*

\_\_\_\_\_ [...] *“às vésperas do casamento meus pais não conheciam a casa dele...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“meus pais só conheceram o pai dele e alguns irmãos no altar no dia do casamento e isso gerou um certo estresse...”*

Bárbara teve que apressar o casamento pela descoberta do seu relacionamento sexual por sua tia. Todos os preparativos e escolhas foram feitos por suas tias, os quais ela aceitou passivamente.

**Bárbara** = [...] *“a gente pensava em casar, mas tivemos que casar mais rápido porque minha tia descobriu que nós já tínhamos tido relações sexuais...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“casei na igreja, depois do casamento teve festa e foram minhas tias que fizeram, meu vestido de noiva foi meu tio que pagou ”...*

\_\_\_\_\_ *“Elas decidiram e escolheram tudo, eu dei poucos palpites, porque sempre foi assim, eles fizeram as coisas por mim e eu sempre aceitei.”*

Aline também apressou seu casamento porque engravidou, mas não quis falar sobre o mesmo.

Sandra que desistiu de casar poucos dias antes, após voltar para o noivo, não teve expectativas quanto ao casamento, nem nos preparativos e nem depois dele, porque apesar de estar se casando sabia não gostar do noivo.

**Sandra** = “Eu já estava com o casamento marcado, convites prontos, vestido de noiva comprado, os móveis todos comprados, só faltava mesmo alugar uma casa, enfiar os móveis lá dentro e chegar o dia do casamento.”

\_\_\_\_\_ “Chegou o dia do casamento e eu me lembro que foi um dia normal, não tinha aquela felicidade, mas também não tinha tristeza.”

\_\_\_\_\_ “Cada um pagou metade da despesa, minha mãe deu o bolo, eu lembro, ele comprou salgados, alugou o salão e aí teve uma festa...”

\_\_\_\_\_ “No outro dia nós fomos viajar, nós fomos pra Campos do Jordão, nós reservamos um hotel não me lembro pra quantos dias, só sei que quando deu três dias eu já quis vir embora, eu já não suportava mais ficar lá, ... eu queria voltar pra casa, .... Eu não gostei de ficar lá com ele, não gostava de dormir com ele, lua-de-mel e eu não gostava. Voltamos antes do final...”

\_\_\_\_\_ “Quando eu entrava na casa que eu tinha alugado, porque a gente começa a arrumar com uma certa antecedência, toda vez que eu ia lá, pra levar um presente ou pra arrumar alguma coisa eu já me sentia meio incomodada dentro daquela casa, porque eu sabia que dentro daquela casa eu teria que dormir com ele, eu ia ter que viver com ele ...”

Outros planejamentos também estão envolvidos no casamento, tais como filhos, patrimônio, relacionamentos, vida social, relacionamento com as famílias de origem.

Um casamento sem filhos sempre apresenta mais facilidade de ser rompido, mas quando há filhos envolvidos o laço é maior e continua mesmo com a separação.

Regina havia decidido se separar e com a gravidez isso ficou mais difícil.

**Regina** = [...] “eu queria me separar e não “curti” a gravidez, ... pra mim naquele momento não era o momento de estar grávida porque eu estava querendo me separar...”

Sandra buscou um filho como uma forma de se afastar do marido e conseguir levar aquele relacionamento adiante.

**Sandra** = [...] “logo quis engravidar, talvez porque eu não quisesse ficar sozinha com ele. Engravidei, tive minha filha e foi muito bom, fiquei muito feliz, ela foi uma coisa assim maravilhosa que aconteceu na nossa vida, ele também ficou muito feliz ...”

Milena e seu ex-marido haviam planejado não ter filhos, mas isso era um desejo apenas dele, que ela nunca contestou, achando que no futuro ele mudaria de opinião.

**Milena** = [...] “no primeiro ano de casado um dia após uma conversa dos meus pais sobre filhos ele me disse que ficasse bem claro que ele não queria filhos,..., mas eu achava que ele não queria naquele momento, depois mudaria de ideia ...”

Após alguns anos de casamento ela engravidou apesar de tomar pílulas e hoje percebe sua onipotência naquele momento.

**Milena** = [...] “se passaram seis anos e eu engravidei tomando pílula porque acho que meu desejo de ter um filho era tão forte que superou até o remédio e ele não encarou mal quando eu dei a notícia.”

\_\_\_\_\_ [...] “nunca me arrependi de ter engravidado, acha que fui muito inconseqüente e onipotente de querer ter filho sem o desejo dele, acho que abusei, mas não me arrependi ...”

#### **3.2.2.4 Realização**

Segundo os estudos de Costa (2006), um relacionamento terá maior probabilidade de êxito se houver desde o início um equilíbrio entre os interesses particulares. Quanto maior for o número de atividades compartilhadas, desde os primeiros preparativos, mais se fortalecerá no casal a tendência a investir na conjugalidade.

**Regina** = [...] “viajamos em lua-de-mel para Natal. Foi maravilhoso o passeio,

*estávamos muito felizes, nos divertimos muito, ficamos juntos o tempo todo ...”*

Um casamento envolve duas pessoas com experiências e valores diferentes, necessidades e expectativas que, na maioria das vezes, não serão totalmente atendidas.

Regina esperava muito engravidar, mas tinha dúvidas quanto a real vontade de seu marido em ter filhos.

**Regina = [...]** *“sempre esperamos, eu mais talvez, esperei ficar grávida e aí quando eu descobri que eu estava grávida eu fiquei mal porque um dia antes eu estava sabendo que eu ia me separar ...”*

Sandra buscava sair de casa e encontrar alguém que lhe desse atenção, carinho e realizasse seus desejos.

**Sandra = [...]** *“eu olhei o vestido e comecei a chorar tanto porque naquele dia eu parei para pensar no que eu fiz da minha vida (pausa), mas não podia fazer mais nada, já tinha casado...”*

Milena também tinha vontade de sair de casa, para poder ter liberdade, sentir-se amada e protegida, mas acabou simplesmente trocando de local e homem a oprimi-la.

**Milena = [...]** *“me decepcionei completamente, o que podia ser bom, eu sabia que a primeira vez doía mesmo, eu estava tensa, mas estava contando que ele criasse um clima romântico para facilitar as coisas pra mim, um clima mais afetivo. Afinal a gente tinha casado e não havia pressa, mas ao contrário ele agiu com impaciência... eu voltei com uma cistite muito forte...”*

Aline buscava uma família que correspondesse a seus ideais românticos de um lar, no entanto em seu próprio casamento vivenciou situações de conflito e agressão.

**Aline = [...]** *“além das crianças não há nada que eu possa dizer que foi bom...”*

\_\_\_\_\_ *[...] me agarrava a isso para continuar tentando ter um lar, uma*



*família com meu marido e meus filhos, seguindo aquele padrão de pai, mãe, filho, cachorro, papagaio.*

Bárbara também buscava realizar o sonho de ter uma família, ser amada e ter um relacionamento diferente daquele que via em sua família de origem. Acreditava que poderia fazer algo para que com ela aquilo não acontecesse.

**Bárbara** = [...] *“parece que eu casei com outra pessoa, um estranho, antes do casamento ele dava um pouquinho mais de atenção, apesar de achar que não dava toda atenção que eu queria, não sei porque ele era tão indiferente ...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“com um ano de casada a gente foi pra um encontro de casais na igreja, porque nesse um ano eu já tinha vontade de me separar dele ...”*

Todas as cinco mulheres entrevistadas tinham em comum a busca por um relacionamento duradouro que as ajudasse a obter satisfação, auxílio e amparo. Porém, como afirma Costa (2006), após a fase de encantamento do relacionamento, quando surgem os defeitos é necessário buscar as virtudes dos parceiros e essa foi uma grande dificuldade enfrentada por elas.

### **3.2.3 Conjugalidade**

A conjugalidade é a ligação entre duas pessoas com o intuito de se completarem, quando o cônjuge não corresponde a essa expectativa, surge uma dificuldade no relacionamento. Cada um responsabiliza o outro pela falha. A noção de conjugalidade a partir da modernidade pressupõe intimidade entre os parceiros, passando do simples eu para o nós (MAGALHÃES, 1993).

#### **3.2.3.1 Comunicação**

É imprescindível que o casal mantenha um diálogo livre e aberto para que se gere a intimidade suficiente na relação conjugal. Indivíduos que não se

sentem ouvidos ou entendidos, que se submetem, possivelmente, apresentam problemas de comunicação.

Regina tinha esse diálogo no início do relacionamento, mas com o tempo foi diminuindo.

**Regina** = [...] “nós, se “dava” muito bem, a gente saía, a gente passeava, a gente conversava, tinha diálogo, aquele relacionamento de namoro, né?”

Sandra tinha medo dessas conversas e aonde elas poderiam chegar.

**Sandra** = “Ele tentava conversar várias vezes comigo pra saber o que estava acontecendo, mas eu fugia das conversas porque eu não conseguia falar pra ele, eu não podia falar a verdade pra ele ...”

Milena tinha dificuldade de dialogar, principalmente, quando o assunto era sexo, algo novo para ela e assunto encerrado para ele. Outros assuntos também eram difíceis de serem abordados porque ele sempre alegava falta de tempo, ou então, logo partia para agressões verbais ou arremessando objetos da casa.

**Milena** = [...] “eu também podia ter falado algo ou impedido, mas naquela época não tinha essa consciência de falar algo, ainda mais relacionado a sexo...”

\_\_\_\_\_ [...] “tempos depois eu tentava conversar sobre sexo com ele, mas com o tempo acabei desistindo porque o assunto terminava em briga e gerava muitas críticas...”

\_\_\_\_\_ [...] “ele era muito violento, nunca me bateu, mas quebrava muitas coisas em casa, eu fugia com medo quando percebia que ele estava muito alterado, ele quebrou televisão, as cadeiras em casa viviam quebradas, ele arremessava objetos...”

O diálogo de Aline com seu ex-marido também era marcado pela agressividade.

**Aline** = [...] se ele chegasse em casa tarde, depois que eu já havia feito tudo isso e ainda chegasse meio bêbado e me xingasse eu partia pra cima dele mesmo...

Bárbara acreditou que mudaria a questão do diálogo com seu parceiro após o casamento, porém a comunicação tornou-se ainda mais difícil e inacessível, parte pela timidez dele e parte pelo pouco tempo em que ficavam juntos.

**Bárbara** = [...] parece que tinha uma barreira entre a gente, ele era muito frio, até muitas vezes eu chamava ele de frio e calculista...

\_\_\_\_\_ [...] “eu até preferia trabalhar no domingo só pra não ficar com ele em casa, porque ele era muito calado...”

Usualmente observa-se que um casamento com menor duração e sem filhos é mais fácil de terminar, porém esse fato não é uma regra, mas quando o casamento é mais longo ou há filhos a separação não se faz tão facilmente. Discute-se a guarda dos filhos, a posse de objetos de patrimônio comum adquiridos durante o casamento, e inúmeras outras questões que são ponderadas e contabilizadas no momento da separação.

Mesmo após a separação é imprescindível manter um diálogo porque o rompimento interferirá em todo um sistema, ao qual essas pessoas pertencem.

Regina conseguiu manter esse diálogo após a separação principalmente baseado nas necessidades do filho.

**Regina** = [...] hoje nós temos um convívio “legal”, separados, mesmo assim a gente fala muito do filho fala até das nossas questões mesmo...

Sandra tem um bom diálogo com seu ex-marido hoje, ele passou a se preocupar mais com ela, ainda não se separaram legalmente.

**Sandra** = [...] às vezes eu até penso em voltar com ele ... agora ele é tão bom pra mim, ele compra tudo que eu quero, ele faz tudo que eu quero, sempre me perguntando se preciso de algo ...

Milena entre as entrevistadas foi quem teve maiores problemas na separação. A divisão dos bens foi totalmente desigual e houve muitos momentos de medo.

**Milena** = “Os cinco meses que duraram o processo da separação foram um dos mais difíceis que já enfrentei na vida, pensei que já o conhecia o suficiente com o seu ciúme, egoísmo, autoritarismo, truculência e mau humor, mas durante este período ele revelou o que havia de pior na sua personalidade, o caráter.”

Aline mantém um relacionamento cordial com seu ex-marido por conta dos filhos, mas carrega uma mágoa muito grande em relação a ele quanto ao tempo em que estiveram juntos.

**Aline** = [...] “ele ia sempre ver as crianças e apesar de ser em um dia que eu não estava em casa à gente sempre se cruzava ...”

O diálogo entre Bárbara e seu ex-marido, normalmente, é sobre os filhos, são cobranças sobre coisas que eles fizeram e que são desaprovadas por ele.

**Bárbara** = [...] “ele me liga chamando a atenção das coisas que os meninos fazem de errado e eu digo que eles não são mais crianças. Você não tem que cobrar de mim, cobre deles, mas ele cobra de mim e eu digo a ele que precisa dar o exemplo...”

### 3.2.3.2 Individualidade

Hoje a individualidade do homem e da mulher não mais ameaçam os relacionamentos.

As mulheres buscam um lugar no relacionamento que não seja apenas o de cumprir o papel estabelecido pela sociedade.

Regina tem buscado seu próprio lugar, tentando manter-se, inclusive, financeiramente e dessa maneira quebrar a dependência que tinha do marido,

fato que gerava medo da separação.

**Regina = [...]** *“hoje eu me encontro uma pessoa frágil, mas ao mesmo tempo fortalecida por tudo que aconteceu, percebo que hoje eu consigo manter a minha questão financeira sem ele...”*

É interessante observar que no processo de fortalecimento de sua individualidade, Regina inclui a posse do filho porque agora é ela quem o mantém financeiramente e é a única responsável por seus cuidados. Em sua fala, frequentemente, refere-se ao filho usando o pronome possessivo meu, ao invés de nosso, sem se dar conta de que sua individualidade não pode se contrapor à relação que existiu entre ela e o ex-marido, que inclusive gerou um fruto: o filho de ambos.

**Regina = [...]** *ele é o pai do meu filho, ele continua visitando meu filho, ele fica com meu filho...*

Sandra sente muita dificuldade em encontrar sua individualidade, está sempre em busca de aprovação e opiniões de outras pessoas.

**Sandra = [...]** *eu falava muito da minha vida pra todo mundo, parece que eu sentia necessidade de falar, hoje eu ainda sinto isso, contar pra pessoa pra ver o que ela vai falar pra mim, qual vai ser sua opinião, eu preciso muito da opinião dos outros...*

Para poder se encontrar precisou primeiro encontrar alguém que sinalizasse essas possibilidades.

**Sandra = [...]** *“essa pessoa que ajudou muito, porque me fez ver que eu poderia se quisesse me separar, que eu podia viver sozinha, eu era capaz, era uma mulher interessante, que os homens olhavam pra mim, eu é que não olhava e eu comecei a perceber...”*

Milena que sempre foi muito controlada, em primeiro lugar, pelo pai e depois pelo marido, buscou fazer coisas que a realizavam, buscou controlar sua própria vida, abrindo mão eventualmente de sua individualidade em troca

de uma relação que nem ao menos a realizava.

**Milena** = [...] “prestei o vestibular para *Psicologia* escondida dele que tinha muito ciúme e de meus pais que achavam inútil o estudo para uma mulher.”

\_\_\_\_\_ “Não participei de nenhuma comemoração de formatura porque senti que para ele e meus pais, não haveria o que comemorar.”

\_\_\_\_\_ [...] “voltei a trabalhar, mas ele colocava vários impedimentos, e se incomodava porque dizia que eu ganhava pouco e me “divertia” muito...”

\_\_\_\_\_ [...] “ele tinha o hábito de me telefonar várias vezes durante o dia com o pretexto de saber dos meninos, mas na verdade, queria me controlar, queria sempre saber onde eu estava...”

Bárbara assim como Sandra necessitava muito da aprovação dos outros e por isso acabava sempre obedecendo sem questionar, exceto quando fez a operação de laqueadura contra a vontade do marido.

**Bárbara** = [...] “elas decidiram e escolheram tudo, eu dei poucos palpites, porque sempre foi assim, eles fizeram as coisas por mim e eu sempre aceitei...”

\_\_\_\_\_ [...] “ele não queria que eu operasse, mas foi a melhor coisa que eu fiz ...”

\_\_\_\_\_ [...] “eu sempre penso muito no que os outros vão achar das minhas decisões antes de tomá-las...”

### 3.2.3.3 Compromisso dentro da relação

O compromisso de cada um dentro da relação é buscar o próprio desenvolvimento individual e torná-la prazerosa e útil para cada um (FERES-CARNEIRO, 2001).

Regina deixou de ter prazer na relação a partir do momento em que era deixada só, não conseguindo nem mesmo sentir prazer em estar grávida.

**Regina** = [...] então me deixava grávida, sozinha, saía e eu grávida, no sábado, no domingo, final de semana, ele saía e não tinha hora pra voltar e eu em casa, aquilo era insustentável, não aguentava mais, ...”

O desinteresse pela relação, demonstrado pelo marido fazia com que se questionasse sobre a permanência na mesma.

**Regina** = [...] “eu o via ligando diversas vezes e aquilo me deixava triste e magoada e eu me perguntava porque eu ainda continuo e as respostas eram sempre as mesmas, o medo de ficar sozinha, medo de assumir uma criança sozinha, medo de assumir a situação financeira...”

Como Sandra não se via realizada afetiva ou sexualmente dentro daquele relacionamento, sentiu-se descomprometida com ele e passou a buscar outros relacionamentos, os quais o marido fingia ignorar segundo ela por interesses.

**Sandra** = [...] “comecei a retribuir as cantadas dele ..., nessa época eu devia ter uns 27 anos mais ou menos, então eu comecei a ter um relacionamento extraconjugal ...”

\_\_\_\_\_ [...] “eu comecei a perceber a fraqueza dele, que ele era um homem fraco, que eu poderia chegar em casa com qualquer coisa que ele não ia falar nada.”

\_\_\_\_\_ [...] “comecei a perceber que aquilo era cômodo pra ele, aquela situação, de eu trazer dinheiro pra casa, eu pagar as contas, eu carregar a minha casa nas costas...”

Milena sentia que tinha um compromisso com aquele marido e tentava aceitar as imposições dele como se fossem parte de seu papel, mas a submissão escondia seu sofrimento.

**Milena** = [...] “depois de um tempo ele começou a me procurar só para sexo anal, e no início eu até tentei pra não dizer que eu era uma porcaria, que eu era nada sexualmente, até tentei, mas vi que não gostava...”

Não existia parceria e comprometimento de ambos os lados.

**Milena** = [...] “a questão do dinheiro sempre pegou muito, ele não dava satisfação, nós não tínhamos conta conjunta, ele punha dinheiro na minha conta e era sempre insuficiente...”

Ele não participava das obrigações do casal.

**Milena** = [...] “no pediatra ... eu ia sozinha ou com minha mãe, ele nunca tinha tempo, nunca participou muito da criação ou educação deles...”

Bárbara passava por dificuldades semelhantes, sem participação de seu ex-marido principalmente na criação e educação dos filhos.

**Bárbara** = [...] “ele não ajudava a cuidar do V...”

\_\_\_\_\_ [...] “era difícil a gente sair, sempre era eu que tinha que puxar papo tinha que pedir pra sair...”

### 3.2.3.4 Questões de igualdade

Costa (2006) contribui com suas pesquisas afirmando que hoje existe uma igualdade maior de direitos entre homens e mulheres, o que não tornou os relacionamentos piores do que no passado, apenas diferentes. Cada cônjuge busca seu lugar.

Regina tinha a liberdade, enquanto seu marido permitia, ou seja, era uma liberdade estabelecida e não conquistada.

**Regina** = [...] “a gente tinha uma relação muito aberta, sem “pegar no pé” um do outro...”

\_\_\_\_\_ [...] “então de repente passou um tempo e não podia ir mais, porque ele ia só com os amigos...”



Desde os preparativos do casamento, planejamento e pagamento das contas não houve uma busca do nós, sempre prevaleceu o eu.

**Regina** = [...]. “o buffet foi escolhido e pago por mim, ... viajamos em lua de mel para Natal, local que eu escolhi e ele pagou...”

A interferência da família de origem, em algumas ocasiões, pode prejudicar o casal frente às oportunidades de aprender a lidar com as diversas situações que se apresentam no dia-a-dia. De modo geral, observa-se que os conflitos entre os cônjuges estão associados a posicionamentos da família sobre assuntos que, exclusivamente, lhes dizem respeito.

**Sandra** = “Todos os finais de semana a gente tinha que almoçar na mãe dele, era obrigatório, se eu quisesse ou não quisesse não importava, ele ia e eu tinha que ir com ele todos os domingos, e ele achava que na minha mãe a gente não precisa ficar porque a gente morava perto...”

**Milena** = “Depois que eu casei almoçava às vezes com meu pai, outras vezes ia almoçar com minha mãe no apartamento, agora para meu ex-marido todo domingo era religioso almoçar na casa da mãe e todos iam almoçar lá no domingo ...”

O potencial individual de cada um não necessariamente é uma ameaça a um relacionamento, mas se faz necessária uma comunicação entre os dois para que possam juntos criar uma interação.

Sandra e Milena tiveram dificuldades em fazer essa interação com seus parceiros nas questões financeiras.

**Sandra** = [...] “eu carreguei minha casa nas costas, os meus filhos, eu sustentava meus filhos, roupa, sapato, tudo que eles queriam era eu que comprava...”

**Milena** = [...] “ele bancou todos os cursos que fez, técnico, faculdade, pós-graduação e dois doutorados e quando eu dizia que queria fazer uma pós-graduação ele dizia pra eu ir pra USP...”

\_\_\_\_\_ [...] *“a questão do dinheiro sempre pegou muito, ele não dava satisfação, nós não tínhamos conta conjunta, ele punha dinheiro na minha conta e era sempre insuficiente...”*

A dificuldade de Milena também sempre foi expor sua opinião ou vontade sobre qualquer aspecto do relacionamento, sentindo-se sempre culpada e ridicularizada.

**Milena =** [...] *“eu não podia recusar quando ele queria porque senão, ficava com tromba por duas semanas...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“eu desenvolvi uma insônia porque eu tinha medo que ele me pegasse por trás, eu não podia me virar de lado, porque se eu virasse era como se eu estivesse me oferecendo a ele ...”*

\_\_\_\_\_ [...] ] *“não adiantava eu falar, ele depreciava tudo que eu falava e até ridicularizava, ironizava e eu me sentia culpada pelo situação, do clima sexual péssimo que ele se referia...”*

Na contemporaneidade observa-se que a mulher passou a ter uma dupla jornada a partir do momento que ingressou no mercado de trabalho, sendo que muitas delas sentem-se sobrecarregadas com as duas tarefas. Aline passava por essa situação e ainda era vítima de agressão carregando a culpa por tal situação.

**Aline =** *“Eu fiquei muito tempo sofrendo agressão, mas eu sempre achava que eu era culpada, ele fazia aquilo porque eu havia tomado alguma atitude...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“eu tinha que vir mais cedo de ônibus, passar pegar minha filha e ia pra casa e ele chegava bem depois...”*

Para Bárbara sempre foi muito difícil sentir-se em condições de igualdade. Sempre esteve acostumada a obedecer ao que lhe era dito e assim continuou no relacionamento.

**Bárbara =** [...] *ele dizia que depois que engravidasse eu sairia do serviço e eu*

concordei...”

\_\_\_\_\_ [...] “mas como a gente tinha combinado que eu sairia quando engravidasse, ele me cobrou...”

### 3.2.3.5 Identidade conjugal

Em consonância com os estudos de Berger e Kellner (1970), o parceiro preenche um vazio que até o indivíduo desconhece antes da relação amorosa. A procura do parceiro ideal é a busca da auto-identidade através do outro. O amor romântico estimula a idealização do parceiro, a projeção gera a sensação de totalidade com o parceiro.

Todas elas buscavam em seus parceiros algo que as completasse, que as realizasse. Tinham a esperança que eles seriam exatamente como elas o idealizaram e mesmo com algumas falhas, haveria uma mudança neles.

**Regina** = [...] “o meu relacionamento eu classifico em todos os sentidos como bom, ele era de companheirismo, ele tinha companheirismo, ele era de amizade, a gente tinha a troca, nós tínhamos as nossas divergências, mas são divergências que todo casal tinha, então a gente sentava pra conversar a respeito, era um casamento bom, então por isso veio a frustração, porque como era bom e de repente de uma hora pra outra aconteceu tudo isso, então não sei onde houve o erro, ou se houve um erro, sei lá.”

\_\_\_\_\_ [...] acho que ele esperava que eu tivesse a mesma experiência e desenvoltura das prostitutas com quem ele saía antes do casamento, mas eu era virgem e ele sabia...

\_\_\_\_\_ [...] “falavam mal da minha família... eu voltava muito aborrecida ... e ele não me defendia, ao contrário dizia que eu era uma tonta, imbecil que não enxergava nada ...”

**Sandra** = “Mesmo com todas as dificuldades, sem vida afetiva e sexual, ele era alguém com quem eu saía de fim de semana, ia às festas comigo, uma pessoa amiga, aliás, alguns anos depois de casar eu já o sentia como um irmão e não mais como um marido.”

**Bárbara** = [...] “com um ano de casada à gente foi pra um encontro de casais na igreja, porque nesse um ano eu já tinha vontade de me separar dele ...ele bebia muito ...”

\_\_\_\_\_ [...] “eu penso muito no juramento que eu fiz na igreja no dia do meu casamento, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, e sabia que casamento não é feito só de momentos bons e eu pensava que um dia ia melhorar, um dia ele vai na “cair na real” e fui levando ...”

**Aline** = “Acho que a falta, o costume, a necessidade de dar certo, que fosse ser diferente, porque ele estava fora, ele mudava e eu também, então criava um estereotipo de afetividade pelo menos da minha parte ...”

Quando não foi possível essa busca com o parceiro, buscou em outra pessoa que passou a fazer parte do relacionamento.

**Sandra** = [...] “comecei a ter um relacionamento com meu patrão e ele se apaixonou muito por mim e ele era muito atencioso, tudo que o L. nunca fez na vida dele pra mim ele fazia, ele me dava presentes caros, me levava em restaurantes, me levava pra passear, me dava atenção, se preocupava comigo e eu também comecei a gostar dele...”

### **3.2.4 Transgeracionalidade**

O sujeito mesmo antes de nascer já recebe heranças e essas transmissões ocorrem constantemente. Os mitos familiares são marcados principalmente pelo negativo e pelos não ditos.(ALMEIDA PRADO; GIOVANNINI, 2001).

### 3.2.4.1 Padrões Geracionais

Os filhos muitas vezes ficam sujeitos ao que os pais falam ou calam e perdem a liberdade de interpretar suas próprias verdades.

Mediante o conteúdo das entrevistas observou-se que todas as participantes do grupo de pesquisa foram influenciadas por histórias vividas em família, tentam repetir o destino da família ou satisfazer seu desejo, que geralmente é o de permanecer casada, mesmo quando a relação não é boa.

**Regina** = [...] *“a família tem uma crença de que você precisa casar pra vida toda, isso aconteceu com todas as pessoas que eu convivo da família, ninguém é separado, todo mundo casa e fica, mesmo que essa relação não esteja legal, mesmo que essa relação não esteja bem.”*

**Milena** = [...] *“tive certeza que durante o tempo de faculdade ele teve um caso com aquela moça ... eu era casada a apenas dois anos. Cheguei a comentar com meus pais, mas eles disseram que homem era assim mesmo...”*

**Aline** = *“A minha mãe também apanhava muito do meu pai... ela casou com ele muito nova, ele era mais velho também e ele tinha muitas mulheres...”*

**Bárbara** = [...] *“eu penso muito no juramento que eu fiz na igreja no dia do meu casamento, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, e sabia que casamento não é feito só de momentos bons e eu pensava que um dia ia melhorar, um dia ele vai na “cair na real” e fui levando ...”*

**Sandra** = *“Eu vivi a minha vida inteira vendo a minha mãe brigando com meu pai por causa de dinheiro e meu pai sempre submisso a minha mãe, meu pai sempre trabalhando muito, muito, muito e minha mãe também ...”*

\_\_\_\_\_ [...] *“ela sempre foi muito batalhadora, uma mulher ambiciosa como eu, sempre gostou das coisas bonitas, mas numa proporção muito diferente da minha de hoje, mas talvez seja por causa da época, ...”*

Quando ocorrem em gerações anteriores fatos reais ou imaginários, quando se mantêm segredos, sempre perdura o medo de sua revelação, e isso se torna uma sombra que atua nas demais gerações.

Com os ancestrais de Regina já haviam ocorrido traições e as mulheres haviam perdoado, o que fazia com que ela tivesse dúvidas se também não deveria fazer o mesmo.

**Regina** = [...] “a minha mãe se casou, também com o pensamento de casar pra vida inteira, pra ficar a vida inteira e a minha mãe também foi traída, meu pai traiu minha mãe e minha mãe veio com aquela questão também do financeiro, ... com medo de se separar com uma filha pequena, ela deixou de trabalhar pra cuidar do lar e continuou casada...”

A mãe de Aline já havia se casado cedo, com um homem mais velho, sofrido agressões e traições do marido por muito tempo.

**Aline** = A minha mãe também apanhava muito do meu pai, ... ela casou com ele muito nova, ele era mais velho também e ele tinha muitas mulheres ...”

Milena cresceu em um ambiente onde seu pai também criticava muito sua mãe e exigia que sempre fosse feita sua vontade, apesar de nada demonstrar fora de casa.

**Milena** = “Sempre vi meu pai brigando muito com minha mãe, criticando-a em casa, por qualquer coisa gritava e fazia escândalo até que fosse feita a sua vontade. Falava muito mal da família dela...”

A mãe e a avó de Regina haviam passado por situações de medo de ter que criar os filhos sozinha, sendo que essa história, que aparentemente não pertencia a ela, é tão forte em seu psiquismo que ela acaba repetindo.

**Regina** = [...] “na época eu queria dar uma nova chance, talvez por medo, me passou muito medo de assumir a criança sozinha...”

Segundo Gomes (2007), a história familiar transmitida de gerações anteriores tanto pode transformar o sujeito em herdeiro de um legado positivo ou negativo que pode transforma-lo em prisioneiro de padrões que se repetem. Em ambos os casos o peso atribuído a essa herança dependerá de como esse mesmo sujeito a recebe.

Regina repetia o que sua mãe havia feito, mas sem ter consciência do que significava, simplesmente repetia.

**Regina =** [...] “economizar porque eu vi isso no padrão da minha mãe, minha mãe economizando dinheiro pro marido crescer, eu achei que, eu segui esse mesmo padrão da minha mãe de economizar o dinheiro do meu ex-marido e não serviu de nada ...”

Bárbara com muito medo de repetir o relacionamento de seus pais, mesmo ciente de sua insatisfação com o relacionamento resistiu por muito tempo à ideia da separação.

**Bárbara =** “Meus pais separavam e voltavam, a cada reconciliação era um novo irmão meu, eu não queria isso pra mim ...”

Milena repetia os mesmos movimentos de sua mãe: apenas chorar e obedecer.

**Milena =** [...] “minha mãe não tinha reação, apenas chorava e obedecia. Pedi a separação várias vezes, mas não tinha independência econômica, o que a fazia se manter no casamento...”

\_\_\_\_\_ [...] “constatei a traição...fiquei muito abalada e decidi desta vez pedir a separação. Conversei muito com os meus pais a respeito e eles, mesmo não gostando dele desde o começo não me apoiavam na idéia da separação dizendo que casamento é assim mesmo, minha mãe chegou a dizer que se ela sempre aguentou o meu pai, porque eu não poderia fazer o mesmo...”

#### **3.2.4.2 Expectativas familiares**

O mito define regras, crenças e são fundamentais para o desenvolvimento da família. Cada membro da família fica encarregado de representar um papel estabelecido (ROSA, 1997).

Regina tinha um papel a desempenhar e não fazer isso era motivo de vergonha.

**Regina = [...]** “aquela coisa assim de vergonha, do medo do julgamento, a família traz muito isso, então o que a família vai pensar, o que a família vai dizer.”

Com Sandra prevaleceu o medo da mãe.

**Sandra = [...]** “eu casei virgem, a gente nunca teve relação sexual porque eu tinha muito medo da minha mãe, minha mãe sempre me colocava muito medo ...”

Muitas vezes, de acordo com o pensamento de Almeida Prado (2000), os pais esperam que os filhos se casem com alguém que corresponda ao modelo que eles idealizaram, mas que não conseguiram realizar.

**Sandra = [...]** “ela (mãe) achava que eu tinha que escolher um homem que tivesse dinheiro, que fosse mais bonito, e L. e a família dele eram muito simples, ele não servia pra mim.”

**Milena = [...]** “os únicos que sorriam muito durante a cerimônia eram meus pais e ele, minha mãe estava esfuziante, achei depois que eles ficaram aliviados porque sai da responsabilidade deles ...”

**Bárbara = [...]** “ela já não gostava dele, ela achava que eu não devia me casar com ele ... ela diz que não tinha confiança nele, que ele era cínico ...”

\_\_\_\_\_ “Ela (a tia) achava que ele não era homem pra ser meu marido...”

Por outro lado, muitos filhos também se sentem na obrigação de agradecer aos pais ou substitutos até mesmo para poder mostrar que aprenderam.

**Bárbara = [...]** “não foi aquele casamento que eu esperava, porque a minha tia ... ela estava decepcionada comigo, então eu já entrei com culpa e por isso eu acho que não foi o casamento que eu esperava.”

\_\_\_\_\_ [...] “eu esperava que ela não tivesse sabido o que eu tinha feito, porque ela estava triste, dava pra ver no rosto dela...”



**Milena** = “Até hoje me sinto culpada pelas decepções e dificuldades que causei a eles.”

Somente com a convivência quando o encantamento deixa de existir, começamos a ver o(a) parceiro(a) como ele realmente é (COSTA, 2006).

**Milena** = “Quando resolvi mesmo me separar meus pais ficaram apavorados, porque estavam recebendo de volta toda a responsabilidade de uma filha “problemática”, acrescida de netos e um ex-genro mau caráter.”

**Aline** = [...] “minha família não aceitava esse tipo de situação, não me apoiavam porque afinal de contas ele era tão bom, ele era tão trabalhador, ele supria a casa...”

### 3.2.4.3 Semelhança do marido com o pai

Diversos autores sugerem que o parceiro tem mais semelhanças com o pai do que se gostaria. Sob a ótica da psicanálise freudiana, o fenômeno poderia ser atribuído à atração que as meninas sentem pelos pais.

Satir (1995) também considera que as pessoas buscam relações conjugais semelhantes às de seus pais, mesmo que inconscientemente, por necessidade de repetir um modelo aprendido. Esse modelo influi mesmo quando é negado, como uma herança à qual o indivíduo está predestinado

“O amor dos pais ou substitutos é o ingrediente vital que humaniza e revela sua identidade” (Montoro, 2004, p. 109) e isso faz com que haja essa busca de um parceiro semelhante ao pai para que esse ingrediente permaneça.

Para Souza e Ramires (2006) a partir dos 15 anos o amor pais-filhos é apontado como base para outros amores e outros vínculos.

**Sandra** = [...] “acho que meu pai tem semelhança com meu ex-marido sim, nunca havia pensado nisso antes, mas acho que tem porque o L. acaba sendo submisso a mim assim como meu pai, ele suportou um casamento que ele

*sabia que não tinha nada mais a ver, é obvio que ele já sabia há muitos anos...”*

**Milena** = *“Sempre vi meu pai brigando muito com minha mãe, criticando-a em casa, por qualquer coisa gritava e fazia escândalo até que fosse feita a sua vontade. Falava muito mal da família dela...”*

**Aline** = [...] *“ela casou com ele muito nova, ele era mais velho também e ele tinha muitas mulheres...”*

**Bárbara** = *“Meu pai sempre foi ausente, ... ele era mais ligado à família do sócio dele do que a nós...”*

**Regina** = [...] *“meu pai traiu a minha mãe...”*

#### **3.2.4.4 Relacionamento dos pais**

A família de origem muitas vezes já mostra as dificuldades que se apresentarão nos relacionamentos, pelo processo de transmissão multigeracional (BOWEN, 1976).

Os pais de todas as entrevistadas viveram relações conjugais conflituosas, onde houve traição, desconfiança, desinteresse, desqualificação. Isso dificultou muito para que todas elas tomassem uma atitude diferente daquela que viram suas mães tomando ao longo da vida e que receberam como herança.

**Regina** = [...] *“convivi minha vida inteira com essa relação dos meus pais, minha mãe jogando na cara dele a relação dela, da traição, meu pai convivendo com ela por alguma razão, minha mãe também e eu convivi a vida inteira com isso.”*

**Sandra** = *“Eu vivi a minha vida inteira vendo a minha mãe brigando com meu pai por causa de dinheiro e meu pai sempre submisso a minha mãe...”*

**Milena** = *“Sempre vi meu pai brigando muito com minha mãe, criticando-a em casa, por qualquer coisa gritava e fazia escândalo até que fosse feita a sua vontade. Falava muito mal da família dela...”*

**Aline** = [...] “ela casou com ele muito nova, ele era mais velho também e ele tinha muitas mulheres...”

**Bárbara** = “Meus pais separavam e voltavam, a cada reconciliação era um novo irmão meu...”

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos das participantes sobre sua história conjugal mostraram uma série de fatores que nos deram a possibilidade de compreender os motivos que levam uma mulher a permanecer em uma relação conjugal insatisfatória.

As categorias apresentadas tais como: gênero, casamento e divórcio, conjugalidade e transgeracionalidade permitiram explicitar esses fatores.

Os depoimentos trouxeram esclarecimentos e novas perspectivas, dado o interesse clínico e pessoal, que deram origem a essa pesquisa, uma vez que um grande número de mulheres buscam atendimento no consultório queixando-se de seus relacionamentos conjugais.

Ao longo da pesquisa, a leitura de diversos autores, foi mostrando os diversos pontos de vista o que tornou cada vez mais possível definir as categorias para análise da narrativa das entrevistadas.

Durante as entrevistas foi possível mediante as narrativas das mesmas perceber todo o sofrimento que envolve o processo e como, mesmo nos casos onde já ocorreu a separação há muitos anos, a dor e o sofrimento ainda estão presentes. É possível observar também a mágoa e o ressentimento que mantêm para com elas mesmas, por terem se permitido ficar nesse sofrimento por um longo período, “há nelas um misto de raiva, preocupação e medo, como alguém que sente que algo não está bem, mas tem dificuldades em encontrar alternativas para o desequilíbrio” (MACEDO, 2009, p. 63).

Todo o processo das entrevistas foi doloroso não só para as entrevistadas, mas também para a pesquisadora, pelas lembranças trazidos de casos tão próximos. Ao mesmo tempo esse processo transformou-se em motivador do prosseguimento da pesquisa como forma de identificar cada vez mais fatores que favoreçam a compreensão desse fenômeno e ajudar a tantas outras mulheres.

Existe uma tendência para a insatisfação feminina nos dias de hoje, insatisfação essa que ocorre pela perspectiva de mais liberdade e igualdade entre os gêneros. Isso faz com que haja maior rigor na avaliação da satisfação, maior exigência das mulheres dentro de uma relação, mas que não significa

que seja tão mais fácil separar-se.

As transformações que vem ocorrendo na Pós-Modernidade trazem uma ansiedade em que é preciso buscar respostas para poder enfrentar tais situações (Giddens, 1993). A busca por materiais de auto-ajuda apontam “fórmulas” para uma solução, mas se vive em um mundo onde “tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito uma vez por todas” (Baumanm 1998, p. 36), o que traz uma insegurança na durabilidade das coisas e relações.

Essas mulheres ao fazerem suas escolhas se dispuseram a correr o risco de seguir por um caminho que talvez as levasse à infelicidade, por se distanciarem de seus projetos futuros e pela quebra da idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre.

Não podemos simplificar nem tão pouco reduzir a um único fator o que leva essas mulheres a permanecerem em suas relações para evitarmos uma compreensão linear, que nos levaria à lei de causa e efeito e daria uma solução única para a questão.

Todas as entrevistadas fizeram grandes esforços para permanecer nessa relação, ignorando situações constrangedoras, situações de violência física e moral. Com exceção de uma, as demais passaram por situação de traição e ainda assim tentaram desacreditar que tais fatos estavam ocorrendo.

Em meu entender o fator que merece maior destaque entre todos é a transgeracionalidade por ser aquele que age de maneira invisível e que muitas vezes herdamos sem nosso conhecimento.

Os mitos e ritos familiares são fundamentais para o desenvolvimento da família e dizem respeito a todos os seus membros. Em parte é herdado da família de origem e para compreender seu significado é necessário considerar pelo menos três gerações (ANDOLFI; ÂNGELO, 1988).

Todas elas quando nasceram já tinham uma história que as precedia e da qual eram herdeiras ou prisioneiras. Essa história já existia antes, no desejo ou pelo menos no imaginário de seus pais, que por sua vez, também trazem consigo uma pré-história.

Os encontros, as escolhas, não se dão por mero acaso, mas a partir de modelos anteriormente herdados. Também foi assim com os pais dos pais, e assim sucessivamente, até perder-se de vista onde tudo começou (ALMEIDA

PRADO; GIOVANNINI, 2001).

Somente os pais de uma das entrevistadas apoiaram-na, os demais se mostraram contrários à separação. Justamente esses pais que ofereceram apoio, foram aqueles que viveram a mesma situação, mas não tiveram coragem de tomar uma atitude.

Diante de tudo o que foi apresentado meu desejo é a de ajudar essas mulheres a encontrar alguns caminhos para lidar com as dificuldades em seus relacionamentos afetivos. Entendo que um dos caminhos para esse enfrentamento seja auxiliá-las em uma ampliação do olhar para a questão, dando maior atenção à transgeracionalidade, procurando conhecer melhor sua história familiar, compreender as heranças e tendências a repetição e ajudá-las a encontrar soluções novas, para não repetir simplesmente quando for o caso..

## REFERÊNCIAS

ABRAHAM, N.; TOROK, M. **L'ecorce et le noyau**. Paris: Flammarion, 1987.

ABREU, A.K. **O casamento em cena**: representações da conjugalidade em duas peças de teatro. 2005. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2005.

ALMEIDA PRADO, M.C.C. **Destino e mito familiar – Uma questão na família psicótica**. São Paulo: Vetor, 2000.

ALMEIDA PRADO, M.C.C.; GIOVANNINI, N.F.R. Histórias de fantasmas: quando a herança assombra. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Casamento e família**: do social a clínica. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001. p. 96-111.

ANDOLFI, M.; ANGELO, C. **Tempo e mito em psicoterapia familiar**. Tradução de Fiorangela Desidério. Porto Alegre: Artmed, 1988.

ANTON, I.L.C. **A escolha do cônjuge**: um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERNSTEIN, A. C. Recasamento: redesenhando o casamento. In: PAPP, P. (org). **Casais em Perigo – Novas diretrizes para terapeutas**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 297-322.

BERGER, P.; KELLNER, H. Marriage and the constrution of reality, In: DREITZEL, P.H. (org.). **Recent sociology**. New York: MacMillan Company, 1970. p. 49-72.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, Brasília, v.16, n.3, p. 233-239, set./dez. 2000.

BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades Invisibles**. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 2003.

BRADLEY, J. Methodological issues and practices in qualitative research. **Library Quarterly**, v.63, n. 4, p. 431-449, oct.1993.

BRAZ, M. P.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Brasília, v.18, n. 2, p.151-161, mai/ago 2005.

BRUCKNER, P. **A euforia perpétua – ensaios sobre o dever de felicidade**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

BUCHER, J.N.F. Mitos, segredos e ritos na família I. **Psicologia:Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.1 n. 2, p.110-117, 1985.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (orgs). **As mudanças do ciclo de vida familiar**. Tradução de Maria Adriana Verissimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995, p.7-29.

CECCARELLI, P.R. As bases imaginárias da família In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 311-322.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. São Paulo: Livro Pleno, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CORREA, O.B.R. (org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2001.

COSTA, C.L., O leito de procusto: Gênero, linguagem e as teorias femininas. **Cadernos Pagu**, v. 2, 1994, p.141-174.

COSTA, G. P. **Conflitos da vida real**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DARIO, N. A identidade masculina e o movimento da emancipação da mulher. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 54, n. 1, p. 79-92, 2002.



DIAS, V. R. C. S. **Vínculo conjugal na análise psicodramática**. São Paulo: Agora, 2000.

DIHEL, A. O homem e a nova mulher: novos padrões de conjugalidade. In: WAGNER, A. (org.). **Família em cena**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 51-68.

DUARTE, S.; PROPATO, V. Tão perto, tão longe. **Isto é**. São Paulo: Três Editorial Ltda, v. 1, n. 1618, set. 2000.

ELKAIM, M. **Se você me ama, não me ame. Abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal**. Campinas: Papyrus, 1990.

FERES-CARNEIRO, T. Casais em Terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 44 n.2, p. 67-70, 1995.

\_\_\_\_\_. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e crítica**, porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

\_\_\_\_\_. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Casamento e família: do social a clínica**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001, p. 67-80.

\_\_\_\_\_. Separação: o doloroso processo de dissolução conjugal. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n.3, p. 367-374, 2003.

FRAMO, J. L. Uma abordagem transgeracional à terapia de casal, à terapia familiar e à terapia individual. In: ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico relacional**. Traduzido por L. Kahl e G. Menegoz. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 73-78.

FREUD, S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** . Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 7.

\_\_\_\_\_. (1913) Totem e tabu. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** . Rio de Janeiro: Imago, 1989. v.13.

\_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** . Rio de Janeiro: Imago, 1989. v.14.

\_\_\_\_\_. (1929). O mal estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** . Rio de Janeiro: Imago, 1989. v.21.

GADAMER, H.G. **Experiência, linguagem e interpretação**. Porto Alegre: Editora Universidade Católica, 2004.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: EDUSP, 1993.

GOLDENBERG, M.; TOSCANO, M. **A Revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GOMES, I.C. A dinâmica das relações conjugais: teoria e clínica. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, pg 229-249.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Notas técnicas**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2005/notastecnicas.pdf>>. Acesso em: 31 de mar. 2009.

JABLONSKI, B. A difícil extinção do boçalossauro. In NOLASCO, S. (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

\_\_\_\_\_. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

\_\_\_\_\_. Atitudes frente à crise do casamento. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Casamento e família: do social a clínica**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001, p. 81-95.

\_\_\_\_\_. Afinal o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Loyolla, 2003, p. 141-168.

\_\_\_\_\_. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FERES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 203-224.

KAËS, R. Introducción: el sujeto de la herancia. In: KAËS, R. et al. **Transmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.) **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KROM, M. **Família e Mitos – Prevenção e terapia: resgatando histórias**. São Paulo: Summus, 2000.

LAIRD, J. Segredo das mulheres – os silêncios das mulheres. In: IMBER-BLACK, E. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

MACEDO, R.M.S. Sexualidade e gênero. In: HORTA, A.L.M.; FEIJO, M.R. (org) **Sexualidade na Família**. São Paulo: Expressão e Arte, 2007, p. 20-30.

\_\_\_\_\_. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.

\_\_\_\_\_. Questões de gênero na terapia de família e casal. In: OSORIO, L. C.; VALLE, M. E. P. **Manual de Terapia Familiar**. São Paulo: Artmed, 2009.

MCGOLDRIK, M.; GERSON, R. **Genogramas en la evolucion familiar**. Buenos Aires: Celtia, 1987.

\_\_\_\_\_. Genetogramas e o ciclo da vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 144-166.

MAGALHÃES, A.S. **Individualismo e Conjugalidade: Um estudo sobre o casamento contemporâneo**. 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1993.

MARRA, M. M. A transmissão geracional segundo Jacob Levy Moreno. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (org.) **A transmissão geracional em diferentes contextos**. São Paulo: Summus, 2008, p. 57-75.

MISSENARD, A. Introducción: registros de lo negativo em nuestros dias. In: MISSENARD, A. et al. **Lo negativo: figuras y modalidades**. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

MONTORO, G.M.C.F. Amor conjugal e padrões de relacionamento. In: VITALE, M.A.F. (org.). **Laços Amorosos**. São Paulo: Agora, 2004.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama**, vols 1,2,3. Tradução de Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri. Goiânia: Dimensão, 1994.

MORAES, N. M. **Fica comigo para o café da manhã**. São Paulo: Olho D'água, 1999.

NICOLACI DA COSTA, A. M. Mal-estar da família: descontinuidade e conflito entre sistemas Simbólicos. In: FIGUEIRA, S.A. (org.). **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 176-194.

O SORRISO de Mona Lisa. Direção: Mike Newell. Produção: Elaine Goldsmith-Thomas, Paul Schiff e Deborah Schindler. Intérpretes: Julia Roberts, Kirsten Dunst, Julia Stiles, Maggie Gyllenhaal e outros. Roteiro: Lawrence Konner e Mark Rosenthal. EUA. Columbia Pictures Corporation, 2003. 1 DVD (125 min), widescren, color.

PAPP, P. Prisioneiros do papel sexual. In: ANDOLFI, M. et al. **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995. p. 147-154.

PENSO, M. A.; COSTA, L. F.; RIBEIRO, M. A. Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (org.) **A transmissão geracional em diferentes contextos**. São Paulo: Summus, 2008. p. 9-23.

RIBEIRO, M.A.; ALBUQUERQUE, M.S. Separação e recasamento: aspectos transgeracionais dos novos arranjos familiares. In PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (org.) **A transmissão geracional em diferentes contextos**. São Paulo: Summus, 2008. p. 224-250.

ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSA, A.J. Mitos familiares e saúde mental pública: estudo de caso de uma paciente psicótica e da relação de sua família com a instituição de assistência. **Perfil**, v. 10 (suplemento), 1997, p. 79-90.

SATIR, V. A mudança no casal. In: ANDOLFI, M. et al. **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995. p. 29-37.

SCHUTZENBERGER, A. A. **Meus antepassados**. São Paulo: Paulus, 1997.

SELIGMAN, M. **Felicidade autêntica**. São Paulo: Objetiva, 2004.

SIMON, F.B.; STIERLIN, H.; WYNNE, L.C. **Vocabulário de terapia familiar**. Buenos Aires: Gedisa, 1988.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, V. R. R. **Amor, casamento, família, divórcio ... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus, 2006.

TRACHTENBERG, A. R. C. et al. **Transgeracionalidade de escravo a herdeiro**: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

WILLI, J. A construção diádica da realidade. In: ANDOLFI, M. et al. **O casal em crise**. São Paulo: Summus, 1995. p. 38-46.

## **ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica**  
**Núcleo de Família e Comunidade**

**TERMO LIVRE DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, portadora da  
Cédula de Identidade R.G. \_\_\_\_\_, residente na  
\_\_\_\_\_,  
CEP \_\_\_\_\_, Cidade  
\_\_\_\_\_, Estado \_\_\_\_\_

AUTORIZO a utilização dos dados obtidos nas entrevistas com a pesquisadora terapeuta Silvana Negro Barboza, portadora do CRP 06/81907, para fins de ENSINO E PESQUISA sobre Transgeracionalidade: para compreender a permanência de mulheres no casamento em situação insatisfatória, cujo objetivo é identificar e compreender o que leva mulheres a permanecerem casadas mesmo insatisfeitas por meio das narrativas de sua vida conjugal.

Declaro estar ciente de que:

- Qualquer publicação deste material excluirá toda informação que permita a identificação dos participantes por parte de terceiros
- As participantes estão autorizadas a encerrar a sua participação no trabalho a qualquer momento que julguem necessário
- As entrevistas serão gravadas e logo após o uso (restrito a pesquisadora) serão destruídas. O conteúdo das entrevistas será transcrito e a identidade das participantes será preservada e o anonimato respeitado e assegurado.

São Paulo \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Nome da participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Assinatura da entrevistadora: \_\_\_\_\_

## **ANEXO B – Roteiro de Entrevistas**

O roteiro serviu apenas como um guia inicial para as entrevistas, que seguiram de acordo com o diálogo desenvolvido com as entrevistadas e conforme elas tinham maior ou menos fluência.

Houveram momentos de parada para choros, sempre respeitados.

- Confirmação da aceitação de participação na entrevista
  
- Assinatura do Termo Livre de Consentimento Esclarecido
  
- Idade
  
- Relato sobre como ela e o ex-marido se conheceram, como o relacionamento se desenvolveu, o casamento, onde se iniciaram os conflitos e que tipos de conflitos ocorriam.
  
- Acontecimentos marcantes durante o relacionamento
  
- Semelhanças entre ex-marido e o pai

## **ANEXO C – Transcrição das Entrevistas**

### **ENTREVISTA 1- REGINA**

**P = pesquisadora / R = Regina (nome fictício)**

#### **1º. encontro**

P) Conforme conversamos anteriormente você está participando de uma pesquisa para dissertação do meu mestrado que envolve o estudo com mulheres que apesar de terem um relacionamento conturbado ou insatisfatório, classificado por elas mesmas como ruim, tiveram dificuldade em se separar, com a qual você concordou certo?

R) Sim.

P) Gostaria de agradecê-la primeiramente e pedir que leia, preencha e assine o Termo Livre de Consentimento Esclarecido para podermos continuar.

R) Tudo bem.

P) Você tem alguma dúvida?

R) Não

P) Qual a sua idade, por favor?

R) 37 anos.

P) Seu estado civil hoje?

R) Hoje, eu sou separada.

P) Você foi indicada porque buscou a terapia como uma forma de tentar se conhecer melhor e saber se você realmente queria se separar ou não do seu marido, correto?

R) Exato, correto.

P) Então o que eu vou pedir pra você sem perguntas, talvez no decorrer da entrevista surjam perguntas e para que você fale do seu relacionamento, desde que conheceu seu ex-marido, como foi e como se desenrolou este relacionamento.

R) Bom, eu conheci o meu marido, meu ex-marido né, na empresa onde eu trabalhava, a gente começou a namorar em 1998, nós nos dávamos muito bem, a gente saía, a gente passeava, a gente conversava, tinha diálogo, aquele relacionamento de namoro né, e depois a coisa foi ficando mais séria e a gente resolveu se casar e nós casamos em 2002. Nessa época que eu me casei eu estava fazendo faculdade e ele me dava muita força, a gente tinha uma relação muito aberta, sem “pegar no pé” um do outro, então eu fazia faculdade e ele dava aula, ele me dava muita força em todos os sentidos. Depois ao longo do tempo, eu comecei, o meu casamento continuou muito bom, mas, depois eu comecei a suspeitar de um comportamento dele diferente.

P) Isso foi quando mais ou menos?



R) Mais ou menos em 2007, no comecinho de 2007, mais ou menos, que eu comecei a suspeitar de um comportamento diferente, só que a coisa era muito escondida e como a mentira tem “perna curta” eu acabei descobrindo que ele estava me traindo.

P) Desculpa eu te interromper, mas porque você diz que ele tinha um comportamento esquisito ou suspeito?

R) Eu considerava um comportamento bom e normal, quando a gente estava sempre junto, tinha diálogo, o comportamento dele era ficar comigo em casa, no trabalho, nas tarefas do dia-a-dia, mas sempre comigo. O comportamento diferente, esquisito, passou a ser quando eu percebi que ele não ficava mais em casa, ele não tinha horário pra voltar, ele começou a sair de manhã e voltar tarde e sempre inventando alguma coisa, sempre alguma estória e estórias que não cabiam na nossa relação, tais como, vou sair com os meus amigos, sendo que nunca havia feito isso, tinha amigos, colegas, mas não a ponto de sair, então eu comecei a suspeitar desse comportamento dele estranho. Uma pessoa que não tinha amigos e de repente passou a ter muitos amigos, uma pessoa que não saia pra festa e começou a ir ao aniversário de alguém que eu não conhecia, então a coisa começou a ficar diferente e eu não podia participar. Viajava pra mergulhar, ele é mergulhador, e eu sempre o acompanhei, de repente eu não podia mais ir, porque ele ia só com os amigos e começou a ficar muito complicado, eu comecei a achar que a coisa estava estranha até um dia em que eu constatei de fato, algumas coisas, tais como estórias pelo computador. Ele se comunicava com uma pessoa pelo computador, e eu vi que as frases eram bem suspeitas, não tinha como negar que estava me traindo, então era marcar encontros, sair com a pessoa, dizer que estava com saudade e aquilo me afetou profundamente, até o dia que eu procurei ajuda da terapia para poder olhar para essa questão, para poder resolver se me separaria, porque eu tinha uma dificuldade de me separar, eu casei pra vida inteira, e aí quando eu percebi essas dificuldades de me separar eu fui procurar a terapia e eu também tinha a questão econômica, questão financeira, que era a dependência que tinha dele, eu trabalhava antes de me casar, sempre trabalhei, mas após o casamento eu tinha uma coisa assim, a folga, ele supria as minhas necessidades, ele que tinha que pagar as contas, ele que fazia tudo, então pra mim era confortável e aí o meu medo de separar era por isso, em relação também ao financeiro, como que ia ser pra mim a questão financeira e trabalhei também isso na terapia, comecei a olhar essas dificuldades e quando eu resolvi separar, o que não demorou muito tempo, eu descobri que estava grávida.

P) Quanto tempo demorou até você começar a se olhar na terapia e resolver se separar, você lembra?

R) Acho que uns três meses, quatro meses, mais ou menos. Aí eu descobri que estava grávida, falei sobre a separação em um dia e no outro dia eu descobri que estava grávida e aí de novo foi um transtorno, porque o medo que já existia, agora era um medo maior da separação porque eu estava grávida e aí como que eu ia me “bancar”, como que eu ia fazer, enfim, apesar de saber que ele ia suprir todas as necessidades da criança, mas existe um medo, uma insegurança muito grande e aí eu tive que passar, eu passei os nove meses da gravidez com ele, apesar de sempre dizer pra ele que eu queria me separar, que era pra ele ir

embora, que eu já não agüentava mais, aí era uma questão minha, que eu já não conseguia mais conviver com ele, que eu não conseguia conviver com as mentiras, ele nada fazia e continuava com o comportamento totalmente diferente daquele homem com quem me casei, então me deixava grávida sozinha em casa, saía no sábado, no domingo, final de semana, ele saía não tinha hora pra voltar e eu sozinha em casa, aquilo era insustentável, eu não agüentava mais, aquilo me incomodava demais, então eu dizia pra ele ir embora porque era melhor, porque eu não ia ficar controlando o comportamento dele, percebia as coisas que ele estava fazendo fora de casa, então pra mim foi muito frustrante porque a gente continuou os nove meses nessa situação, casado com essa situação e aí quando meu bebe nasceu (pausa...), nos primeiros dias depois do nascimento ele continuou em casa e tentou ficar, eu percebi que ele forçou pra ficar, ele queria ficar em casa por causa da criança, mas não deu certo e eu pedi por tudo que era mais sagrado pra ele ir embora e ele acabou indo embora, quando meu bebê tinha três meses de vida a gente se separou, ele foi embora, foi morar em outro lugar, numa casa separada e com o decorrer do tempo, ele foi procurar um advogado para fazer a coisa legalmente e no dia 11 de setembro de 2008, nós nos separamos legalmente, no papel, e hoje eu me encontro separada, hoje eu me encontro uma pessoa frágil, mas ao mesmo tempo fortalecida por tudo que aconteceu, percebo que hoje eu consigo manter a minha questão financeira sem ele, ele é o pai do meu filho, ele continua visitando meu filho, ele fica com meu filho, eles tem um convívio legal e hoje nós também temos um convívio legal, separados, mesmo assim a gente fala muito do filho e fala até das nossas questões mesmo, mas ele tá na vida dele lá, caminhando com a vida dele e eu caminhando com a minha vida aqui sendo mãe e profissional.

P) Você disse que você havia se casado para a vida toda?

R) Sim.

P) Isso você ouvia da sua mãe, da sua avó, das suas tias, enfim, ou foi uma coisa que você via, você fantasiava, de onde vem isso?

R) É, eu acho que vem muito da minha família, minha família tem uma crença de que você precisa casar pra a vida toda, isso aconteceu com todas as pessoas que eu convivo da família, ninguém é separado, todo mundo casa e fica, mesmo que essa relação não esteja legal, mesmo que essa relação não esteja bem. Hoje, a geração de hoje que é a minha geração, a dos meus primos, a gente ainda tem uma outra visão que é assim, não dá certo então vamos separar, mas fica aquela coisa assim da vergonha, do medo do julgamento, a família traz muito isso, o que a família vai pensar, o que a família vai dizer e eu venho muito com essa relação da minha mãe, porque a minha mãe se casou, na verdade é assim, vem um pouco até lá atrás, minha avó se casou com meu avô e meu avô a traiu, mas por várias questões, com cinco filhos, questões financeira e aquela coisa que tem que casar pra vida toda, o que as pessoas vão dizer, minha avó continuou casada até o seu falecimento. Minha mãe se casou, também com o pensamento de casar pra vida inteira, pra ficar a vida inteira e meu pai traiu a minha mãe e também pela questão financeira, minha mãe permaneceu casada, na época eu era a única filha, ela engravidou de mim e ficou com medo de se separar, separar com uma criança

pequena, ela deixou de trabalhar pra cuidar do lar e continuou casada, hoje ela se encontra casada com meu pai, mas uma coisa assim bem complicada, então qualquer coisa que meu pai fala ou qualquer coisa que ele tenha, qualquer comportamento é uma desconfiança imensa e eu convivi com isso minha vida inteira, convivi com essa relação dos meus pais, minha mãe jogando na cara dele a traição, meu pai convivendo com ela por alguma razão, minha mãe também e eu convivi a vida inteira com isso e também me casei pra vida inteira e aconteceu a traição só que eu não continuei, eu agi de outra maneira.

P) Você recebeu apoio da sua família?

R) Muito apoio, minha mãe e meu pai sempre me apoiaram, mas como minha mãe tem essa crença do casamento pra vida inteira, ela sempre dizia, será que você não deve dar mais uma chance, será que você não deve rever, será que ele não mudou? Enfim tentando apaziguar a situação, até por causa do filho, você tem um nenê pequeno é complicado pra você, como vai ser e até hoje ela age assim, mas eu to segurando firme e continuo separada. Ela me deu apoio, de qualquer forma meus pais me deram apoio eu estando casada ou não. Se eu quisesse assumir essa relação novamente eles iam me dar apoio, mas continuam me dando apoio em todos os sentidos, tanto meus pais quanto meu irmão também que são as pessoas que sabem.

P) Você acha que o momento mais difícil de todo esse processo, foi à descoberta de que estava sendo traída ou ter que tomar a decisão da separação?

R) É difícil saber qual foi o momento mais difícil, não tem como saber porque cada momento que você passa de dificuldades é um momento difícil pra você, então, o momento de saber que eu estava sendo traída foi muito, mas muito pesado, muito difícil porque eu confiava nessa relação, eu acreditava no homem com quem eu estava, então eu não imaginava que, eu nunca pensei que o meu casamento teria uma relação de traição, pra mim foi muito difícil descobrir, até porque ele nunca tinha me dado indícios de traição, a coisa tava caminhando numa boa ou talvez eu não estava enxergando, só quando ele passou a ter comportamentos diferentes e quando eu vi de fato no computador algumas coisas. Depois de algum tempo eu descobri também a pessoa, vi a pessoa no carro com ele, então cada momento que eu passei da minha vida foi muito difícil. Nós sempre esperamos, eu talvez só eu, esperei ficar grávida e aí quando eu descobri que eu estava grávida, fiquei mal porque um dia antes eu estava falando em me separar, e com a intenção de me separar eu não “curti” a gravidez, então foi um outro momento difícil porque pra mim, aquele não era o momento de eu estar grávida porque eu estava querendo me separar e foi indo, então todos os momentos foram difíceis. O dia da separação, em que o juiz tenta fazer um acordo com você, ele sempre vai a favor um pouco mais da mulher do que do homem, então o tempo todo falando do homem, deixando claro que a mulher é sempre mais correta, se fosse um caso de traição, tentar amenizar essa situação e olhar bem porque tinha uma criança em jogo, então no dia em que eu fui me separar com o juiz, também ficou complicado porque eles tentam de toda forma uma reconciliação e eu não quis, aquele momento foi muito difícil pra mim, porque eu me lembro que eu estava descendo as escadas e eu não tive como segurar o choro, naquele momento o que passou na cabeça foi o momento

do dia em que eu casei, porque quando o juiz falou, eu declaro que vocês estão separados, me lembrei do dia em que casei e o padre disse eu os declaro marido e mulher, então aquilo é muito difícil de você ouvir, e aquele dia eu não agüentei, comecei a chorar, são fases das nossas vidas que você passa que a cada momento é um momento diferente e igualmente difícil.

P) Como você classificaria o teu relacionamento no decorrer dele, era um relacionamento de uma amizade, de um companheirismo, você classifica teu ex-marido como alguém com quem você tinha diálogo, vocês tinham sonhos, como é que você fala assim do relacionamento?

R) Então, o meu relacionamento eu classifico em todos os sentidos como bom, ele era companheiro, ele era de companheirismo, ele era de amizade, a gente tinha a troca, nós tínhamos as nossas divergências, mas são divergências que todo casal tinha, então a gente sentava pra conversar a respeito, era um casamento bom, e por isso veio a frustração, porque como era bom e de repente de uma hora pra outro aconteceu tudo isso, eu não sei aonde houve o erro, ou se houve um erro, sei lá.

P) Você disse que ele mudou o comportamento, então, ele era companheiro, era amigo, era carinho, enfim, com essa mudança de comportamento como ele passou a ser?

R) Ele passou a ser uma pessoa egoísta, uma pessoa mentirosa, uma pessoa prepotente, eu acho que ele já tinha um pouco disso da prepotência, mas a mentira ficou muito presente, era uma pessoa que não mentia, a conversa era muito aberta, muito solta, de repente ele teve que começar a omitir e mentir, então ficou muito complicado porque ele passou a ser muito mentiroso e isso me gerou muita raiva, muito estresse, você vê o comportamento da pessoa, vê as mentiras que são presentes o tempo todo e a pessoa tenta ser convicta daquilo que ela está falando e subestima a tua inteligência e você acaba ficando muito brava, com muita raiva porque esta subestimando a tua inteligência e aquilo me gerou muita raiva, muito desconforto, gerou ódio, gerou todos os tipos de sentimentos ruins que você possa imaginar.

P) Eu vou parar a nossa entrevista por aqui eu acho que no momento está bom, isso mexeu com questões tuas muito fortes, em alguns momentos você engasgou, se você tiver qualquer tipo de problema eu estou a disposição pra te ajudar. Nós vamos dar uma pausa e enquanto isso construiremos juntas o genograma e a linha do tempo baseado nas informações que você me forneceu e marcaremos um novo encontro para que possamos continuar. Tudo bem pra você?

R) Tudo "jóia".

P) Obrigado.

## **2º. encontro**

P) Nós já conversamos anteriormente sobre o seu casamento, o namoro e agora eu queria que você falasse somente do período entre a decisão da separação até a efetiva separação (assinatura dos papéis). Gostaria que você falasse dos sentimentos que teve nesse período,

que pensamentos passavam pela sua cabeça.

R) Houveram vários sentimentos. No começo eu não acreditava, eu neguei que isso estava acontecendo comigo, depois fui tentar entrar em contato com esse sentimento, mas veio um sentimento de mágoa, de raiva, de tristeza, de angústia, um sentimento de solidão porque eu me deparei com um bebê que estava para nascer e como ia ser para mim. Foi desgastante porque durante esse um ano eu tive que conviver com ele e tinham algumas coisas que eu queria mudar, de repente em alguns momentos eu tive esperança que esse casamento daria certo novamente, que aquilo era um pesadelo que eu estava passando e de repente ele se arrependeria de tudo aquilo que estava acontecendo, da traição e ficaria novamente comigo, mas ao mesmo tempo eu pensava muito na situação de que será que se ele voltar vai ser por mim ou pela criança e apesar da nossa dificuldade de relação nós conversávamos muito e ele dizia que se voltássemos não seria jamais pela criança, seria por nós e eu queria acreditar que realmente seria por nós, então eu tive esperança que tudo isso ia mudar, na época eu queria dar uma nova chance, talvez por medo, me passou muito medo de assumir a criança sozinha, eu queria um companheiro, mas na verdade na época a coisa “desandou” e tinha momentos que eu queria estar com ele e em outros não e o comportamento dele não era dos melhores, a minha insegurança era muito grande e eu fui me trabalhando em relação a isso, eu sentia raiva, muita raiva, a mágoa era sempre presente, a raiva e a tristeza também da situação, dele ter me abandonado, me senti vítima, me perguntava o tempo todo porque se a nossa relação era muito sólida, me perguntava o tempo todo porque ele me traiu e não tinha respostas e essas perguntas que me fazia era para poder amenizar minha raiva, a mágoa que eu sentia por ele e como nós continuávamos juntos, eu tentava saber o que estava acontecendo, eu queria ter provas porque tinha momentos que eu não acreditava e eu queria entender e descobrir alguma coisa, queria olhar no celular para saber se havia recado, às vezes eu nem procurava mas a coisa vinha, a pessoa com quem ele se relacionava ligava e ele não estava e eu sabia o telefone, sabia que ela ligava diversas vezes, eu o via ligando diversas vezes e aquilo me deixava muito triste e magoada e eu me perguntava porque eu ainda continuo e as respostas eram sempre as mesmas, o medo de ficar sozinha, medo de assumir uma criança sozinha, medo de assumir a situação financeira, porque ele bancava, supria todas as necessidades até que uma vez durante esse ano em que a gente continuou convivendo eu sai e voltei logo e peguei a pessoa que ele se relacionava na porta da minha casa, saindo com ele, no momento eu senti muito ódio, muita raiva, eu fui atrás pra poder ter realmente certeza, descobrir o que estava acontecendo e foi ali que eu tive a certeza total e plena que ele estava me traindo e nesse dia e nesse momento que eu resolvi me separar dele definitivamente porque eu não tinha outra solução a não ser a separação, porque viver na suposição é uma coisa, ter a prova é outra e naquele momento fiquei muito triste, muito nervosa, muito rancorosa, fui atrás da pessoa e ela foi embora não dando pra poder seguir e o meu ex-marido não assumiu, não assumi até hoje que ele teve essa relação e mesmo com a prova ele não assumiu e então nesse dia resolvi sair de casa, fui pra casa da minha mãe, fiquei lá e fui tentar refrescar minha cabeça e ele me procurando e eu falei que não dava mais até que a gente decidiu que

realmente não dava mais. Nesse período eu fiquei na casa da minha mãe dormindo e convivendo lá o tempo todo e ele continuou na casa onde morávamos e então eu voltei porque ele não tinha pra onde ir, ele estava se “arrumando” e a gente sentou e conversou sobre a separação e ele me pediu um tempo de alguns meses pra poder sair de casa até ele arrumar um local pra morar porque ele não achava justo que eu saísse de casa, ele saiu depois de três meses que o nenê tinha nascido, e aí foi uma outra história, ele saiu, eu continuei e continuei até hoje com meu nenezinho e vivendo, tentando viver da melhor forma possível. E nesse período de setembro de 2007 a setembro de 2008 que eu me separei houve total frustração, raiva, frustração do casamento, raiva por eu ter acreditava nessa relação, mágoa dele, tristeza, rancores, sentimentos de pouca valia, houve todos os tipos de sentimento que se possa imaginar durante esse tempo e hoje continuo triste, mas fortalecida.

P) Você disse que sempre quis muito engravidar e descobriu justamente a gravidez naquele momento. O que passou na sua cabeça pelo fato da gravidez ter ocorrido naquele momento?

R) No primeiro momento eu neguei, não acreditava que estava grávida, até porque eu queria muito ficar grávida, tive dificuldade para engravidar, fiz inseminação artificial e não deu certo e depois naturalmente eu fiquei grávida e foi um momento difícil porque eu neguei a minha gravidez pela situação que eu estava vivendo, não neguei o filho, neguei a situação que eu estava vivendo, pra mim naquele momento não era o momento certo para eu engravidar e a raiva foi muito maior porque tantos sonhos, tantas vontades, tantas ilusões, querendo ser mãe e de repente eu realizei esse sonho e eu não pude realizar totalmente, eu não pude desfrutar esse sentimento de gravidez, de ser mãe porque eu estava passando por essa situação difícil e talvez hoje eu me sinta fortalecida porque eu não estou grávida, eu falo muito, isso pra mim é um fato certo que naquele momento que eu estava grávida, todos os meses que eu passei por essa situação de tristeza, de raiva, de mágoa, de pouca valia, eu passei, e a raiva foi muito maior porque eu estava grávida, não pelo filho, pela situação que eu vivia com ele, então eu fiquei com raiva da situação, fiquei com raiva dele, não queria que aquilo tivesse acontecido, mas aconteceu, se eu não estivesse frágil, se eu não estivesse grávida, eu tinha tomado um rumo na minha vida muito mais rápido do que eu tomei, eu não esperaria que passasse um ano, eu não esperaria nada, eu ia naquele dia, no momento em que eu falei eu quero me separar, aquele era o momento da separação, então quando eu falei em um dia da separação e no outro fiquei sabendo que estava grávida, o que aconteceu, os hormônios da mulher já se tornam diferentes, a mulher se torna mais frágil e aquela situação, aquilo me deixou mal, eu fiquei sem reação, sem iniciativa, me tornei uma pessoa muito frágil, hoje eu me sinto muito mais fortalecida porque eu não estou com meus hormônios como eu estava, se isso tivesse acontecido comigo, a nossa separação tivesse acontecido, se eu soubesse da traição sem estar grávida, as coisas seriam totalmente diferentes do que foi.

P) E você acredita que nesse período por causa desse sonho, pela gravidez, para ter um pai junto do seu filho, você seria capaz de reatar ou esquecer ou de perdoá-lo?

R) Hoje?

P) Não, naquele momento em que você estava grávida ainda, se ele chegasse e falasse que

cometeu um deslize.

R) Com certeza, talvez eu daria uma chance, talvez pelo medo, pelos vários medos que eu sentia, pelo medo de assumir uma criança sozinha, medo do financeiro, que eram as duas coisas que mais me pegavam, então com certeza eu daria uma chance, a raiva, a tristeza, a mágoa que eu estava sentindo naquele momento eu sufocaria pelo medo de assumir uma criança só e pelo medo do financeiro.

P) Por amor não?

R) Por amor não, o amor acabou.

P) E hoje, você acha que seria possível uma reconciliação?

R) Não é por falta da vontade dele, se eu voltasse com meu ex-marido, eu voltaria hoje não por amor, mas por várias questões, status, pelo financeiro de novo, talvez para me vingar, não fazer o que eu fiz de me acomodar diante do financeiro, talvez uma forma de me vingar, de tirar aquilo que ele teve e que ele deu pra outra. Eu tive momentos na minha relação que foram momentos de (... pausa), eu tive momentos na minha relação que eu economizava dinheiro, eu tentava administrar não o dinheiro dele, mas economizar em todos os sentidos, em não gastar comigo, não colocar empregada, de ser a dona-de-casa, ser mulher, prestativa, economizar porque eu vi isso com a minha mãe, minha mãe economizando dinheiro pro marido crescer, eu achei que, eu segui esse mesmo padrão da minha mãe de economizar o dinheiro do meu ex-marido e não serviu de nada, não serviu de nada porque ele continuava gastando muito, ganha muito bem e não gastava comigo o suficiente que deveria, que poderia gastar, por eu estar ali de alguma forma não trabalhando o suficiente, não ganhando o suficiente, mas o dinheiro que gastasse comigo, era o que eu estava gastando dentro da casa, roupa lavada, comida pronta, a casa limpa, então eu não via dessa forma e eu economizava e hoje a raiva que eu sinto é de saber que com certeza por ele ter a questão com o dinheiro resolvida, a situação financeira dele é resolvida, eu tenho certeza que pra mostrar pra outra ou pros outros que ele tem dinheiro, com certeza ele gastou com ela, como ele gastaria com qualquer uma outra pessoa pra poder conquistar, então na conquista com certeza ele gastou dinheiro. Hoje eu voltaria pra fazer o mesmo, isso seria pura vingança, então gastar comigo, comprar coisas pra mim, coisas que eu não fazia, de investir, hoje teria uma empregada, hoje eu não faria nada em casa, teria uma empregada dentro de casa, então eu voltaria com ele talvez por essa razão, não gostaria de voltar por essa razão, e acho que por esses motivos que eu resisto tanto, porque se fosse pra voltar, ele já me pediu perdão, já chorou, já implorou, tenta fazer tudo diferente, mostra que está presente o tempo todo em relação ao filho, mostra que está em casa, liga da casa dele pra mim, para me mostrar que ele está em casa, fica com o filho no final de semana, se deixar o tempo todo pra mostrar que está com a criança, pra mostrar que não está com outra mulher, ta tentando me provar que ele está sozinho, só que por essa razão talvez eu não volto, eu não estou preparada para voltar porque eu não quero ter uma relação vingativa e eu sei que nunca mais vai ser a mesma coisa, eu sei que o meu amor por ele se quebrou, ao menos um carinho ou alguma coisa tem que ter pra poder ter essa relação e se eu voltar não vai ser por amor, vai ser por status.

### **3º. encontro**

P) Nesse nosso novo encontro gostaria que você me falasse um pouco de como se conheceram e resolveram se casar?

R) Trabalhávamos na mesma empresa onde nos conhecemos, ambos trabalhávamos há mais ou menos três anos, e antes disso nem amigos nós éramos. Um certo dia nos encontramos na lanchonete da empresa, conversamos um pouco e dali por diante fizemos amizade. Depois de um mês de bate papo, começamos a namorar(1988). O relacionamento ficou muito sério e ele já falava em casar com três meses de namoro. Ele comprou um apartamento perto da minha casa e começou a mobiliar. Ficamos noivos em 1999 e comemoramos em um restaurante com a minha família e a dele, meus pais estavam muito felizes, e eu também afinal de contas, era a primeira vez que eu ficava noiva. Depois de três anos de noivado já com o apartamento montado, resolvemos nos casar(2001). Eu queria muito me casar na igreja, vestida de noiva, foi uma escolha minha, mas ele não se opôs. Pedi demissão do emprego porque como trabalhávamos na mesma empresa não era permitido um relacionamento e passei então a me dedicar exclusivamente à faculdade e aos preparativos do casamento. Foram sete meses de preparativos para a festa de casamento, tudo supervisionado por mim. Na época foi muito corrido, pois era fim de semestre com provas e exames da faculdade para realizar. O bufê o convite do casamento foi escolhido por nós dois. Casei-me no dia 06.07.2002 e viajamos em lua-de-mel para Natal. Foi maravilhoso o passeio, estávamos muito felizes, nos divertimos muito, ficamos juntos o tempo todo, aliás, na época éramos muito próximo um do outro. Fui muito feliz em meu casamento, ele foi um homem, que me incentivava em tudo que eu fazia, sempre companheiro, dedicado em nossa relação. Fomos companheiros, parceiros, amigos e amantes até o momento em que o comportamento dele mudou, foi ficando totalmente diferente do que era, mentiroso, tínhamos completado seis anos de casado quando nos separamos e durante cinco anos fui muito feliz neste relacionamento, até que um dia chegou ao fim 11.09.2008.

P) Muito obrigado pela sua participação e você sabe que qualquer problema ou dúvida você pode me procurar.

R) Certo.



## Entrevista 2 - Sandra

**P = pesquisadora / S = Sandra (nome fictício)**

### 1º. encontro

P) Conforme conversamos por telefone anteriormente você foi convidada a participar de uma pesquisa para dissertação do meu mestrado que envolve o estudo com mulheres que apesar de terem um relacionamento conturbado ou insatisfatório, classificado por elas mesmas como ruim, tiveram dificuldade em se separar, com a qual você concordou certo?

S) Sim.

P) Gostaria de agradecer-lhe primeiramente e pedir que leia, preencha e assine o Termo Livre de Consentimento Esclarecido para podermos continuar.

S) Certo.

P) Você tem alguma dúvida?

S) Por enquanto não.

P) Qual a sua idade?

S) 46 anos.

P) Eu gostaria que você começasse contando um pouco de como foi o início do seu relacionamento, como se conheceram, como ele se desenvolveu, o casamento e assim por diante.

S) Eu o conheci no colégio onde a gente estudava, onde eu fazia o colegial. A gente se conheceu e começou a se relacionar e já começamos namorar logo em seguida, eu trabalhava no banco e ele trabalhava na Serasa, a gente ficava bem perto um do outro e as coisas começaram a se encaixar, porque a gente morava perto, trabalhava perto e começamos a namorar.

P) Você se lembra quantos anos tinha?

S) Eu tinha 17 anos e ele tinha uns 22 anos mais ou menos, eu nunca fui muito de namorar, ele foi o segundo namorado que eu levei em casa, sempre fui muito quieta, muito reservada. No começo eu até que percebia que eu gostava dele, eu me lembro que uma vez ele foi fazer uma viagem para o interior, porque ele tirou férias da empresa que ele trabalhava e acho que ficou uns trinta dias longe e eu fiquei com muita saudade, muita vontade que ele voltasse logo, então eu acho que no começo eu até que gostava um pouco dele, ou então estava naquela fase de encantamento, não sei, não consigo definir o sentimento, mas acho que eu devia gostar um pouco sim. Mas desde que a gente namorava, eu já percebia que ele era uma pessoa que não tinha ambição, que era muito simples, eu também era simples nessa época, mas eu já tinha dentro de mim uma vontade de crescer, já gostava das coisas bonitas e eu percebia que ele não. Ficava incomodava com as roupas que ele usava quando vinha em casa pra gente sair e eu até dava palpite. Depois ficamos noivos, depois de quatro anos de namoro e logo já

começamos a pensar em casar. Quando eu já estava noiva, não tenho certo na minha cabeça quando, mas eu já comecei a perceber que não gostava mais dele, mas como eu já estava com ele, então fui levando isso. E a gente marcou o casamento.

P) Partiu de quem a decisão de marcar o casamento?

S) Não me lembro. Então marcamos o casamento e eu trabalhava no banco ainda nessa época e eu conheci um rapaz no banco e eu fiquei muito encantada com esse rapaz, aí eu não queria mais casar com ele. Eu já estava com o casamento marcado, convites prontos, vestido de noiva comprado, os móveis todos comprados, só faltava mesmo alugar uma casa, enfiar os móveis lá dentro e chegar o dia do casamento. Tudo pronto e eu conheci esse rapaz e achei que não queria mais casar com ele e então terminei o noivado. Perdi o vestido de noiva que eu tinha comprado, os móveis a gente deu, um pouco pra minha mãe, um pouco pra mãe dele, a igreja a gente desmarcou e ele ficou muito mal, mas nunca veio atrás de mim pra que a gente voltasse, eu sabia que ele queria, mas ele ficou reservado “na dele”. E o que aconteceu depois foi que esse rapaz não quis ficar comigo.

P) Quer dizer, você rompeu o noivado sem saber se o moço por quem se apaixonou ia ficar ou não com você.

S) Exatamente, aí o rapaz não quis ficar comigo e então eu pensei, vou casar com ele mesmo, porque ele está aqui perto, está próximo, já estou envolvida mesmo, se eu não casar com ele vou casar com quem? Então casei, aí marcamos de novo a igreja, comprei um novo vestido, compramos móveis novamente, alugamos uma casa e casamos. Quando eu entrava na casa que eu tinha alugado, porque a gente começa a arrumar com uma certa antecedência, toda vez que eu ia lá, pra levar um presente ou pra arrumar alguma coisa eu já me sentia meio incomodada dentro daquela casa, porque eu sabia que dentro daquela casa eu ter que dormir com ele, eu ia ter que viver com ele, mas eu sempre fiz isso mesmo, eu deixo, eu finjo que não percebo o que eu estou sentindo, eu passo por cima, deixo pra lá esperando que passe. Chegou o dia do casamento e eu me lembro que foi um dia normal, não tinha aquela felicidade, mas também não tinha tristeza.

P) Teve festa?

S) Teve.

P) Quem fez a festa, quem pagou pela festa?

S) Cada um pagou metade da despesa, minha mãe deu o bolo, eu lembro, ele comprou salgados, alugou o salão e aí teve uma festa. Quando terminou a festa do casamento eu já tinha que ir pra casa pra dormir com ele, eu casei virgem, a gente nunca teve relação sexual porque eu tinha muito medo da minha mãe, minha mãe sempre me colocava muito medo, eu tinha muito medo, eu me lembro muito bem dessa noite, eu só ia viajar no domingo, então dormi na minha casa a primeira noite e pensar que ia ter que dormir com aquele homem e eu já não gostava mais dele, eu sabia que eu não gostava dele antes de casar. Bom, não foi aquela coisa que eu esperava, que eu ouvia as pessoas falarem que fosse a primeira noite, foi muito sem emoção, sem nada, pra mim. No outro dia nós fomos viajar, nós fomos pra Campos do Jordão, nós reservamos um hotel não me lembro pra quantos dias, só sei que quando deu três

dias eu já quis vir embora, eu já não suportava mais ficar lá, hoje eu imagino que devia ser pela presença dele, da companhia, porque ficávamos os dois juntos o tempo todo e eu queria voltar pra casa, porque eu queria ver minha casa, queria ver minha mãe, queria voltar à vida que eu tinha. Eu não gostei de ficar lá com ele, não gostava de dormir com ele, lua-de-mel e eu não gostava. Voltamos antes do final, fui pra minha casa, fui arrumar todas as coisas, aí o L. voltou a trabalhar e eu estava de licença, não me lembro, eu estava de férias, não sei, mas eu me lembro que um dia fui no meu guarda roupa, eu tinha um quarto na minha casa que era um quarto só de vestir e um quarto de dormir, eram dois quartos, eu fui lá peguei a caixa do meu vestido de noiva, eu abri, eu estava sozinha em casa, eu olhei o vestido e comecei a chorar tanto porque naquele dia eu parei para pensar no que eu fiz da minha vida (pausa), mas não podia fazer mais nada, já tinha casado e eu achava que tinha casado, tinha que continuar casada. Já havia machucado muito o L., machuquei muito ele na época que a gente se separou e um dos motivos que não deu força nenhuma pra acabar com esse casamento foi não querer fazer ele sofrer. Aí eu comecei a levar minha vida normal, logo quis engravidar, talvez porque eu não quisesse ficar sozinha com ele. Engravidei, tive minha filha e foi muito bom, fiquei muito feliz, ela foi uma coisa assim maravilhosa que aconteceu na nossa vida, ele também ficou muito feliz, antes disse eu sai do banco, acho que eu pedi pra ser demitida, não me lembro bem, e fiquei em casa e aí piorou a situação porque você não gosta de ficar com a pessoa e ainda ficar o dia todo dentro de casa, mas logo engravidei, nasceu a D.

P) Porque você pediu demissão se você ainda não estava grávida?

S) Eu acho, não me lembro muito bem, mas acho que cismeiei que o gerente tava pegando no meu pé, não me lembro muito bem, mas acabei pedindo demissão do banco. Aí fiquei em casa, ele fazia faculdade e eu ficava em casa a noite sozinha, ele quase nunca ia a faculdade e eu chamava a atenção dele por causa disso, ele faltava muito, tanto que ele repetiu por faltas.

P) Ele faltava por que motivo?

S) Eu acho que falta de interesse, não tinha vontade, aí eu tive a D. e depois fiquei grávida do L., mas não porque eu quis, aconteceu. Meu irmão chamou a gente pra morar no interior, propôs para o L. trabalhar com meu irmão, ele tinha uma loja de material elétrico lá, estava muito bem nessa época e chamou o L. lá pra trabalhar com ele. A gente pensou muito antes, porque L. trabalhava numa empresa há 13 anos, teria que pedir demissão de um emprego que ele estava estabilizado financeiramente. Antes disso um dos motivos que eu me lembro que comecei a ficar com muita raiva do L. foi por causa da família dele. A família dele nunca me tratou mal, mas eu ficava com raiva deles por causa do L., porque à noite quando ele chegava do trabalho ele falava que ia ver a mãe que estava com saudades dela e ia lá. Todos os finais de semana a gente tinha que almoçar na mãe dele, era obrigatório, se eu quisesse ou não quisesse não importava ele ia e eu tinha que ir com ele todos os domingos e ele achava que na minha mãe a gente não precisa ficar porque a gente morava perto, não precisa ir porque eu já tinha visto minha mãe todos os dias e ele não via a dele e ele sempre fez mais pra mãe dele do que pra minha, era o que eu via naquela época e se ele tivesse que escolher entre eu e ela, ele escolheria ela e aquilo me deixava muito revoltada. Quando as crianças nasceram eu comecei

a ter uma desculpa de não ir tanto na casa dela e aí já foi melhorando, depois mudamos para o interior, eu já estava grávida de cinco meses mais ou menos do meu segundo filho. Ele pediu demissão na empresa onde trabalhava e fomos pra lá. No começo foi bom, depois começou a ficar ruim, ele começou a se desentender com meu irmão, meu irmão é uma pessoa muito difícil, eu também não consegui me acostumar na cidade e aí resolvemos voltar, só que a gente voltou com uma mão na frente e outra atrás, os dois sem trabalho, eu com duas crianças pequenas, mas ele foi trabalhando aqui e ali até que conseguiu voltar na empresa que ele trabalhava, como ele tinha pedido demissão e o pessoal gostava muito dele. Mas eu nunca gostei do L. eu tinha muita dó e raiva, dó e raiva ao mesmo tempo, dó porque ele sempre foi uma pessoa muito boa, honesta, trabalhador e raiva porque ele não tinha ambição, não queria crescer na vida, era acomodado, tudo pra ele tava bom. Aí eu não agüentava mais ficar em casa, mesmo com as crianças pequenas e comecei a trabalhar, arrumei um emprego e fui trabalhar e minha mãe ficou tomando conta das crianças. No começo ele não queria que eu fosse trabalhar de jeito nenhum, mas eu passei por cima da vontade dele e fui. Depois ele começou a gostar que eu trabalhasse porque eu trazia dinheiro pra casa, eu ajudava e depois, tantas vezes eu falava que eu queria sair desse emprego, me libertar de tudo aquilo e ele não deixava, dizia que eu não podia, onde eu ia arrumar outro emprego pra ganhar aquilo, eu não tinha capacidade pra arrumar outro emprego pra ganhar o que eu ganhava lá. Então ele meio que me empurrava de volta, eu dava uns passos e ele me empurrava de volta e eu pela minha fraqueza, meu temor, continuava. Eu comecei a trabalhar nessa empresa, as crianças ficaram com minha mãe, o L. foi mandado embora, a gente passou por uns momentos difíceis na nossa vida e quando a gente estava com uns sete anos mais ou menos de casamento, eu já estava trabalhando nessa empresa, logo que eu entrei nessa empresa eu conheci o dono da empresa e ele se interessou por mim e começou a me "cantar", antes disso eu já tinha passado por experiência semelhante com um amigo do L. que era amigo nosso desde que nós éramos solteiros e a família dele nossos amigos, as famílias são amigas. Esse homem começou a "dar em cima" de mim e eu comecei a retribuir as cantadas dele e a gente era muito próximo, nossa amizade com a família era muito próxima e eu era muito amiga da mulher dele, dos filhos dele, nessa época eu devia ter uns 27 anos mais ou menos, então eu comecei a ter um relacionamento extraconjugal com ele e que eu me lembre esse relacionamento não afetou em nada meu casamento, nada que eu quisesse me separar, normal eu acho que até comecei a gostar desse homem, mas ele era casado com a minha amiga.

P) Você continuava não gostando do L.?

S) Não gostava, mas nunca pensei em separação. Quando eu trabalhava na empresa eu já tinha um relacionamento com esse amigo e depois eu conheci o dono da empresa em que eu trabalhava e que começou a dar em cima de mim e parece que foi meio assim, um aparece na minha vida para substituir outro, para o outro ter que sair, esse apareceu então eu larguei o amigo, não queria mais saber dele, porque com ele era quando ele queria e podia e aquilo tava me cansando, quando apareceu o meu patrão então foi um gancho pra poder me afastar do outro e me afastei dele e comecei a ter um relacionamento com meu patrão e ele se apaixonou

muito por mim e ele era muito atencioso, tudo que o L. nunca fez na vida dele pra mim ele fazia, ele me dava presentes caros, me levava em restaurantes, me levava pra passear, me dava atenção, se preocupava comigo e eu também comecei a gostar dele, eu acho que eu gostava dele no começo e eu tive vontade de me separar do L. algumas vezes por causa dele.

P) O que você acha que te impedia de fazer isso?

S) Eu sabia que ele não ia largar da família dele pra ficar comigo.

P) Então ele também tinha uma família?

S) Tinha, ele também era casado e eu tinha medo de ficar sozinha, eu não me lembro quando, mas eu já tinha vontade de me separar do L. Nosso relacionamento sexual sempre foi horrível e depois começou a ficar pior ainda, eu comecei a fingir todas as vezes que a gente transava, eu fingia, não deixava mais ele me beijar na boca, porque pra mim beijo na boca é mais íntimo do que relação sexual, eu só beijo na boca realmente uma pessoa se eu tiver atração, senão eu não beijo, eu acho que até posso fazer um sexo com uma pessoa que eu não tenha atração, mas beijar na boca eu não consigo, então eu definitivamente cortei o beijo na boca com o L. e ele me cobrava isso e eu falava que eu não gostava de beijar, mas é mentira, eu gosto muito de beijar, mas eu não gostava de beijar ele, eu sentia nojo, quando ele me tocava também, passava a mão no meu braço ou quando a gente tava dormindo e ele colocava a mão em mim, no meu corpo, me repugnava e ele não é uma pessoa feia, ele não é um homem sujo, não tem nada de uma pessoa que você sinta asco, mas eu sentia, não gostava que ele me tocasse. Eu consigo me relacionar muito bem com o L., mas mantendo uma certa distância, ele não pode estar muito próximo de mim porque se ele me tocar eu sinto meu corpo inteiro rejeitar ele, e eu fingia, fingia e já tinha o relacionamento com essa pessoa e o L. às vezes achava muito estranho o meu comportamento, perguntava se eu tinha alguém e eu falava que não e algumas vezes a gente brigava muito por causa de dinheiro porque eu queria que ele comprasse as coisas e ele sempre dizia que não tinha dinheiro, não tinha dinheiro, e às vezes eu reclamava muito que ele não comprava as coisas e ele falava assim pra mim se você não está contente comigo arruma um homem que de as coisas que você quer e em algumas dessas vezes, que ele falou várias vezes, alguma dessas vezes eu até falei pra ele, a hora que eu arrumar esse homem você não vai me chamar de vagabunda, você mesmo está pedindo pra eu arrumar e ele falou várias vezes isso pra mim, que se eu não estivesse contente que arrumasse um homem que desse para mim tudo que eu queria, que ele não podia me dar e por força do destino eu encontrei um homem que me dava tudo aquilo que ele não podia me dar e ele sempre perguntava se eu tinha alguém, porque eu mudei muito com ele e eu falando que não, sempre falando que não, que não, mas eu acho que ele começou a desconfiar do meu padrão, porque eu comecei a ganhar coisas muito caras e teve uma ou duas vezes que ele perguntou se meu padrão já tinha dado em cima de mim ou se eu tinha algum tipo de relacionamento com meu padrão e eu falava que não, mas eu já tinha, só que como um marido pode achar normal o padrão dar um carro pra esposa dele, o padrão dar um apartamento na praia e ele acha isso normal, o padrão empresta quantias altas de dinheiro, empresta não, dá mesmo, porque no começo é como se fosse emprestado, só que o dinheiro nunca é devolvido,

porque ele sabia que a gente não tinha como devolver aquele dinheiro e o marido não fala nada, eu acho que o L. meio que me empurrou mesmo pra todas as situações erradas que eu vivi.

P) Ele sabia que você tinha ganhado o carro do patrão, que o patrão tinha emprestado o dinheiro pra compra do apartamento?

S) Ele sabia de tudo e nem que eu quisesse esconder eu não tinha como, o que diria quando chegasse dizendo que comprei um carro, eu não ganhava pra comprar um carro sozinha, não ganhava pra comprar um apartamento. Depois eu comecei a perceber a fraqueza dele, que ele era um homem fraco, que eu poderia chegar em casa com qualquer coisa que ele não ia falar nada e eu comecei a perceber que aquilo era cômodo pra ele, aquela situação, de eu trazer dinheiro pra casa, eu pagar as contas, eu carregar a minha casa nas costas, porque foi o que aconteceu durante muitos e muitos anos, eu carreguei minha casa nas costas, os meus filhos, eu sustentava meus filhos, roupa, sapato, tudo que eles queriam era eu que comprava, meus filhos não pediam nada pro pai deles porque eles só ouviam não, não, não, não tenho, não tenho, inclusive meu filho antes da gente se separar era muito revoltado como L., meu filho por várias vezes falou meu pai é um covarde, meu pai é um fraco, não quero ser igual ao meu pai e eu sempre chamava a atenção dele, porque eu achava que eu podia falar todas essas coisas pro L., mas eu não queria que meus filhos falassem, tanto que até hoje eu percebo que minha filha gosta do pai, porque é pai, meio que uma obrigação, mas ela não tem por ele o mesmo amor que ela tem por mim de jeito nenhum e isso é muito visível, o L. eu também acho que ele não ama o pai assim com todo esse amor, ele tem mais dó dele, quando o pai morava em casa ele não tinha dó nem amor, depois que ele saiu de casa ele tem dó, ele trata bem, ele dá um beijo quando vê o pai, ele procura ficar mais próximo porque ele sente dó do pai dele de ver que o pai está sozinho, mas amor, amor eu acho que não, porque o L. perdeu o respeito dos filhos, acho que a partir de quando os filhos viram que eu era o chefe da casa, eu trazia tudo pra dentro de casa, que eu fazia tudo, eu determinava, tomava decisões, ele não fazia nada.

P) Se você controlava a casa, determinava as coisas e tomava as decisões, ainda assim não passava pela sua cabeça a separação?

S) Não, não porque como eu fiquei muitos anos com meu ex-patrão, acabei me acostumando com o papel de amante e eu gostava dele, então eu ia me separar pra que, pra ficar sozinha e ele com a família dele. Eu não tinha interesse em conhecer outra pessoa, mesmo porque eu sei que a minha auto-estima sempre foi muito baixa, as pessoas sempre me falavam que eu era uma mulher bonita, mas eu não achava, eu achava que eu era gorda, que eu estava velha, não sei, que eu não era bonita, não chamava a atenção de homem nenhum, então eu achava que nenhum homem mais ia gostar de mim. Tem o L. que eu casei, tem esse outro homem que eu conheci, está bom, sinceramente eu sempre achei que eu ia levar esse relacionamento de amante até o fim da minha vida, até meu ex-patrão morrer, eu nunca pensei na nossa separação, com o L. eu pensava, mas pra eu me separar e ficar sozinha, então eu continuava do jeito que estava, era cômodo, mesmo infeliz, e meus filhos sempre perceberam que eu era infeliz, isso era visível pra toda minha família, pra minha mãe, inclusive ela não queria que eu

me casasse com o L., para o meu irmão, pra minha cunhada, todo mundo sabia que eu não era feliz, mas a gente vai levando porque tinha os filhos, eu não queria me separar também por causa dos meus filhos.

P) Você casou na igreja?

S) Sim.

P) Existia algum tipo de preconceito religioso que impedisse a separação?

S) Não, religioso não, isso nunca afetou minha vida e também das pessoas acharem que eu era uma mulher separada também não, era o medo de ficar sozinha, eu precisava ter uma companhia, eu achava e acho isso até hoje, eu nasci pra viver em dupla, não nasci pra viver sozinha. Mesmo com todas as dificuldades, sem vida afetiva e sexual, ele era alguém com quem eu saía de fim de semana, ia as festas comigo, uma pessoa amiga, aliás, alguns anos depois de casar eu já o sentia como um irmão e não mais como um marido.

P) Vocês tentaram conversar sobre isso, buscar algum tipo de ajuda?

S) Ele tentava conversar várias vezes comigo pra saber o que estava acontecendo, mas eu fugia das conversas porque eu não conseguia falar pra ele, eu não podia falar a verdade pra ele, que eu tinha nojo dele, que eu não queria sexo com ele, eu não podia falar isso pra ele, mas ao mesmo tempo eu sei que se ele começasse a falar comigo e me pressionar e eu começasse a ficar nervosa eu poderia jogar na cara dele isso, porque eu sou muito assim, se a pessoa começa a me provocar muito eu com raiva joga na cara da pessoa o que é e não quero nem saber das conseqüências. Por muitas vezes ele tentou conversar comigo sim, mas eu não quis, eu nunca procurei ajuda de terapeuta, nunca apareceu ninguém na minha vida que me falasse sobre isso e também nunca surgiu oportunidade e não foi por falta de dinheiro, foi por falta de oportunidade e conhecimento, eu era uma pessoa que ia de casa pro trabalho, do trabalho pra casa, minha vida se resumia exatamente nisso. Eu fiquei muitos anos com essa pessoa (meu ex-patrão), eu tive momentos muito felizes com ele, não posso negar, muito agradáveis, mas eu não sei se isso só acontece comigo, mas quando eu gosto, eu não consigo enxergar os defeitos, só vejo as qualidades, quando eu comecei a perceber que ele era muito mais velho que eu, 28 anos, eu comecei a achar ele velho, repetitivo, falava sempre a mesma coisa, uma pessoa que era metida, que gostava de se aparecer, então quando eu comecei a perceber os defeitos dele, eu percebi que já não estava mais gostando dele e isso foi muito antes de conhecer outra pessoa, foi assim um ou dois anos antes, eu comecei a perceber que já não gostava, mas também continuava levando aquela situação por causa do financeiro, eu sabia que a partir do momento que eu falasse pra ele que eu não queria mais saber dele, ele ia me mandar embora da empresa e eu não tinha aonde trabalhar, e pensava, eu vou ficar com quem, vou trabalhar aonde, fazer o que da minha vida e continuava apesar de não ser mais feliz com ele, então passei a ser infeliz com os dois, insatisfeita com os dois, logo depois eu conheci uma outra pessoa, um outro homem e foi assim uma coincidência, um acaso, eu o conheci na empresa em que eu trabalhava e esse homem nunca me proporcionou nada que fosse financeiramente, não era bonito, mas ele mexeu numa outra parte minha que nenhum dos dois tinha mexido ainda, ele elevou minha auto-estima, ele começou a mostrar pra mim

que eu era uma mulher bonita, uma mulher inteligente, não que eu era só bonita, mas que eu era capaz, que eu era inteligente, que eu tinha condições de sair da dependência, ele nunca falou para mim, se separa do teu marido, mas era muito visível que ele queria que eu largasse aquela vida e continuasse a minha vida sozinha, não que ele tivesse me prometido nada, ele nunca me prometeu nada, porque ele também era casado, ainda é, ele nunca me prometeu nada, muito pelo contrário, ele sempre deixou claro que ele não ficaria comigo apesar de eu ser essa mulher maravilhosa que ele sempre achou que eu era, mas ele não poderia desfazer o casamento dele pra ficar comigo e a primeira vez que a gente saiu, eu sai de curiosidade, porque eu fiquei 15 anos com essa pessoa e eu nunca tinha saído com ninguém nesses 15 anos, eu fui muito fiel, porque quando eu gosto eu sou fiel, quando eu não gosto, eu não sou, mas quando eu gosto eu sou, eu fiquei 15 anos com ele e nunca me interessei por homem nenhum, nem pensei, aí eu conheci esse rapaz e ele começou a mostrar pra mim e eu comecei a perceber que realmente muitas vezes o L. falava pra mim durante as brigas, quem eu pensava que eu era, eu não era nada, eu era uma metida, eu pensava que era alguma coisa e também meu ex-patrão com quem saía me dizia que eu já estava velha, que está cheio de menininha por aí, você acha que algum homem vai querer você, eles vão querer as meninhas, homem não quer saber de mulher madura, quer saber de menina nova, você não tem capacidade, você trabalha aqui só porque eu tenho um relacionamento com você, mas eu poderia muito bem colocar outra pessoa no seu lugar pra ganhar muito menos do que você ganha, você não faz nada. Quando a gente brigava, ele tentava me destruir ao máximo, talvez falava às coisas que não falava quando estava de bem comigo porque queria me agradar e hoje eu acho que tudo isso ele pensava mesmo de mim, mas não tinha coragem de falar, parece que na raiva que a gente fala as verdades meio brincando, ele começava a falar isso pra mim e eu dizia pra ele me pisar bastante, e que ele ver a hora que eu o deixasse, mas ele não acreditava, ele ria, quando eu falava que ia deixar ele, ele ria porque ele sabia que eu estava presa a ele pelo financeiro e essa pessoa que eu conheci começou a mostrar tudo isso e eu comecei a achar que eu tinha capacidade. Na mesma época que eu conheci esse rapaz eu conheci uma amiga que trabalhava junto comigo também e a gente começou a ficar muito amiga e ela começou a me conhecer porque eu comecei a falar da minha vida pra ela, porque eu sou uma pessoa que falo muito da minha vida pras pessoas, hoje eu parei com isso, mas eu falava muito da minha vida pra todo mundo, parece que eu sentia necessidade de falar, hoje eu ainda sinto isso, contar pra pessoa pra ver o que ela vai falar pra mim, qual vai ser sua opinião, eu preciso muito da opinião dos outros, por ser assim a gente acaba se "estrepando", mas acaba também conhecendo pessoas boas e foi assim que eu conheci essa moça e ela me falou de uma terapeuta, que estava fazendo terapia ou tinha feito, uma coisa assim, que era muito boa, me deu o telefone eu marquei, fui pela primeira vez e gostei e comecei a ir, essa pessoa que ajudou muito, porque me fez ver que eu poderia se quisesse me separar, que eu podia viver sozinha, eu era capaz, era uma mulher interessante, que os homens olhavam pra mim, eu é que não olhava e eu comecei a perceber, quando eu saía na rua eu não olhava mais pro chão como eu fazia antes, comecei a olhar pra frente e perceber que os homens me



olhavam, eu chamava a atenção e ela começou a me dar força para que eu tomasse as decisões que eu precisasse tomar, não é nem que eu queria, é que eu precisava e então tomei a decisão de me separar.

P) Depois de quantos anos de casada?

S) Vinte e três anos, quando todo mundo achou que era uma loucura, porque ficou todo esse tempo, fica o resto da vida, imagina, você é louca, mas essa terapeuta me ajudou muito e esse rapaz também me ajudou muito e eu continuava com o relacionamento com meu ex-patrão e comecei a ter um relacionamento com esse rapaz e decidi me separar, não dava mais, e então resolvi fazer uma cirurgia plástica que era um sonho da minha vida, eu fiz e no mesmo mês eu pedi pro L. ir embora de casa, no começo ele não queria ir, ele relutou e talvez se eu não estivesse fazendo terapia eu tivesse deixado ele ficar, mas com a terapia eu consegui firmeza de decisão e ele acabou saindo de casa. Eu sei que foi um sofrimento muito grande pra ele e até hoje é, porque ele pede muito, ele demonstra muita vontade de voltar pra casa, diz que não consegue se encaixar com ninguém e às vezes eu até penso em voltar com ele porque eu me sinto sozinha, muito sozinha e porque agora ele é tão bom pra mim, ele compra tudo que eu quero, ele faz tudo que eu quero, às vezes eu penso numa coisa e ele já está lá comprando, sempre me perguntando se preciso de algo, mas então eu percebo que ele não fazia isso antes e se está fazendo agora, só pode ser por interesse em voltar e se ele voltar vai ser tudo do mesmo jeito, eu não vou negar que às vezes eu tenho uma recaída de vontade de pedir pra ele voltar pra casa, nunca mais depois que ele saiu de casa eu tive nenhum tipo de relacionamento com ele, porque geralmente os casais que se separam tem uma queda, umas crises, eu nunca tive vontade nenhuma, já fomos pra praia juntos, dormimos no mesmo apartamento sozinhos, mas ele dormiu na sala e eu no quarto e ele respeita muito a minha vontade, ele não me procura, mas ele me trata muito bem hoje, faz todas as minhas vontades, mas eu não volto mais, pro L. eu não volto.

P) Você disse que às vezes pensa em voltar e o que você acha que te motiva a ter esses pensamentos?

S) Eu penso porque eu estou sozinha, porque ele vai me ajudar financeiramente, desde a minha separação minha situação financeira ficou muito ruim, porque eu acabei também saindo do meu trabalho, porque eu também não suportava mais aquela situação e eu me lembro que antes de sair do meu trabalho eu consultei uma terapeuta floral, uma pessoa maravilhosa também, e conversando com ela, ela me disse que estava como se fosse uma panela de pressão pronta a explodir (choro...) e eu estava mesmo, acho que se não saísse do meu trabalho naquela época eu ia ficar louca porque tinha alguma coisa dentro de mim que queria explodir, dizia chega, vai passar fome, comer pão com manteiga, mas chega, vai embora daqui, eu precisava ficar livre daquele homem de qualquer jeito, infelizmente eu ainda não consegui, mas cada dia eu sinto que está mais perto, cada vez que eu o vejo, ontem foi um dia que eu encontrei com ele, e ele sentiu isso também, cada dia que eu encontro com ele eu penso, menos um dia e falta tão pouco, tão pouco para eu poder me ver livre dele, e essa terapeuta floral também me ajudou muito, me dizia pra tomar uma atitude antes que eu

explodisse de vez, eu já estava mesmo explodindo, teve um dia que eu até agredi ele fisicamente dentro da empresa de tão neurótica que eu estava e aí eu falei não dá mais e sai do emprego, eu sabia de todas as conseqüências, achei que ia arrumar outro emprego em seguida, mas não foi do jeito que eu imaginei. Eu saí e ele fez de tudo pra que eu não saísse, ele fez de tudo pra que eu ficasse, mas a minha decisão era tão forte que eu falei não fico mais aqui, eu pensava, vou comer pão e ovo todos os dias, mas não fico mais aqui. Eu saí, mas antes entrei na faculdade e isso foi uma coisa que me ajudou muito também, porque eu achava que eu era velha pra estudar, um monte de gente falou isso pra mim que era louca, pra que estudar, fazer faculdade de direito a essa altura da sua vida, com essa idade. Meu filho estava estudando e aquilo me motivou a estudar também, achei bonito, achei que pudesse dar certo pra mim e fiz minha matrícula. No começo foi muito difícil porque mais de vinte anos sem estudar, sem entrar numa sala de aula, era tudo novo, tudo estranho, as pessoas na maioria jovem, mas eu acho, quer dizer hoje tenho certeza que foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, as três melhores coisas da minha vida, ter me separado, ter entrado na faculdade e ter saído do meu trabalho e infelizmente eu ainda não consegui cortar os laços nem meu ex-marido e nem com meu ex-patrão, mas eu já comecei, acho que dei alguns passos e eu vou conseguir, tenho certeza.

P) E da parte dos seus pais, eles são vivos, são casados, há quantos anos?

S) São vivos e casados há 50 anos.

P) Como é o relacionamento deles? O que você viu nesse relacionamento durante esses anos?

S) Eu vivi a minha vida inteira vendo a minha mãe brigando com meu pai por causa de dinheiro e meu pai sempre submisso a minha mãe, meu pai sempre trabalhando muito, muito, muito e minha mãe também, ela sempre ajudou meu pai trabalhando em casa, costurando e outras coisas, de uma forma ou de outra ela estava sempre ajudando meu pai, ela sempre foi muito batalhadora, uma mulher ambiciosa como eu, sempre gostou das coisas bonitas, mas numa proporção muito diferente da minha de hoje, mas talvez seja por causa da época, ela queria comprar um vasinho de flor e pra mim eu quero uma coisa muito cara. Eu gostava muito mais do meu pai do que da minha mãe, eu sempre vi minha mãe protegendo meu irmão, meu pai e minha mãe protegiam mais meu irmão do que a mim e eu sempre falava que eles gostavam mais do meu irmão e eu sinto isso até hoje e ainda esses dias eu estava comentando com a minha filha, que meu pai só não largou da minha mãe também porque ele nunca teve coragem e ele vai levar esse casamento até o fim da vida, não sei porque, não sei, nunca conversei com meu pai e minha mãe sobre esse assunto, mas eu sinto que meu pai sempre esteve nesse casamento obrigado porque ele não suporta minha mãe.

P) Você acha que sua mãe também está com ele obrigada ou não?

S) Não, eu acho que é o que ela escolheu pra vida dela e está bom, porque meu pai não é uma pessoa que inferniza e a minha mãe é do tipo que inferniza qualquer um, tanto que eu me casei também porque queria sair da minha casa, mas parece que eu ando, ando e to sempre dando volta, porque eu casei pra sair da minha casa e moro do lado da minha mãe.

P) Você disse que sua mãe não queria que você se casasse com o L., mas ela queria que você casasse com outra pessoa, havia alguém que ela preferia?

S) Não havia outra pessoa, mas ela achava que eu tinha que escolher um homem que tivesse dinheiro, que fosse mais bonito, e L. e a família dele eram muito simples, ele não servia pra mim.

P) Ela verbalizou isso pra você?

S) Muitas vezes, falou que ele andava mal arrumado, que ela não queria que eu casasse com ele porque ele era uma pessoa ruim, além de tudo ele era ruim, ele tem um gênio realmente muito forte, e quando a gente se casou ele não me deixava dinheiro em casa, eu tinha que pedir mesmo que fossem cinco reais, eu tinha que pedir pra comprar pão ou qualquer outra coisa, ela nunca quis que eu me casasse com ele, hoje ela quer que eu volte com ele, é o sonho da vida dela, porque ela tem dó dele e quando ele fica alguns dias sem aparecer ele nota a ausência dele, mas no começo ela não queria que me casasse de jeito nenhum.

P) Ela chegou a se opor quando você decidiu se separar?

S) Ela não abriu a boca em absolutamente nada.

P) Você comunicou depois que já havia se separado, ou antes?

S) Comentei muito superficialmente antes, mas eu não deixo principalmente ela dar palpite na minha vida, eu meio que exclui minha mãe da minha vida.

P) Só sua mãe você excluiu, seu pai não?

S) Acho que exclui os dois, porque eu não comento nada da minha vida com eles, eu não gosto de falar pra eles, não sei quando os exclui, não me lembro, mas quando me casei eu era muito apegada com minha mãe, ficava muito na casa dela, quando tive minha filha, ela ficava muito com a avó, quando mudamos pro interior ela mudou também, porque ela acha que temos que estar todos juntos, tanto que eu e meu irmão moramos do lado da casa dela, ela não admite que ninguém saia e já falou que se a gente mudar ela morre no outro dia, ela meio que obriga a gente a ficar perto dela, ela obriga mesmo, ela faz chantagem.

P) Você acha que seu pai e seu ex-marido têm alguma semelhança?

S) Eu acho que meu pai tem semelhança com meu ex-marido sim, nunca havia pensado nisso antes, mas acho que tem porque o L. acaba sendo submisso a mim assim como meu pai, ele suportou um casamento que ele sabia que não tinha nada mais a ver, é óbvio que ele já sabia há muitos anos que eu não gostava mais dele, mas ele também não queria enxergar, não queria falar, não tocava no assunto, não queria ver, eu acho que tem semelhança sim.

## Entrevista 3 - Milena

**P = pesquisadora / M = Milena (nome fictício)**

### 1º. encontro

P) Conforme nos comunicamos por email anteriormente você foi convidada a participar de uma pesquisa para dissertação do meu mestrado que envolve o estudo com mulheres que tiveram dificuldade em se separar, apesar de ter um relacionamento conturbado ou insatisfatório, classificado por elas mesmas como ruim, mas ainda assim tiveram dificuldade em se separar, com a qual você concordou certo?

M) Sim

P) Gostaria de agradecê-la primeiramente e pedir que leia, preencha e assine o Termo Livre de Consentimento Esclarecido para podermos continuar.

M) Claro.

P) Você tem alguma dúvida?

M) Ainda não.

P) Qual a sua idade?

M) 59 anos

P) Estado civil.

M) Divorciada há 15 anos.

P) Gostaria que você me relatasse o seu relacionamento, como se conheceram, como começou, como se desenvolveu e os conflitos que foram surgindo.

M) Antes de falar como a gente se conheceu eu gostaria de falar primeiramente como eu me encontrava, como era minha situação na época, como que eu me encontrava emocionalmente, eu tinha 16 anos, estudava no 2º. ano do curso normal, formação para ser professora, atual magistério e trabalhava como auxiliar de ensino na própria escola, sendo que o meu desejo era me preparar para cursar medicina, idéia essa que eu já tinha fazia muito tempo, mas esta idéia era completamente reprovada pelo meu pai e minha mãe e quando eu perguntava porque não poderia, pois algumas colegas já estavam se preparando, diferentemente de mim, fizeram o científico e já estavam fazendo cursinho pré vestibular para medicina e eu estava com vontade de me juntar a elas, mas ele dizia que “não queria filha puta”, era a idéia que ele tinha e acabei concluindo o curso normal e me formei professora e naquela época eu também estava deprimida por que os meus pais me fizeram terminar um namoro de um ano com um rapaz do bairro onde eu morava, que foi meu primeiro namorado, com a justificativa de que ele era filho de pais desquitados, a mãe dele era uma mulher “desquitada”, situação muito mal vista para uma mulher na época, era quase sinônimo de “vagabunda”. Depois fiquei sabendo que na verdade, a mãe dele era viúva, trabalhava como funcionária pública, escriturária efetiva do Fórum de São Paulo muito querida por vizinhos e conhecidos do bairro e de comportamento

correto e ele também era bem visto pelos colegas, uma pessoa que tinha bons relacionamentos no bairro e a gente se dava bem, a gente tinha muita coisa em comum, papo assim de adolescente, a gente conversava muito, até por telefone a gente ficava horas no telefone, mas ele não entrava em casa, os meus pais não queriam que ele entrasse na minha casa e nem me deixavam entrar no carro ou na casa dele, a gente ficava andando pelo bairro ou na entrada do prédio namorando ali e conversa vai conversa vem, era namoro como antigamente, era só pegar na mão, beijinho e a gente conversava muito, tinha assunto pra tudo e eles me fizeram terminar esse namoro, me obrigaram, dizendo que ele tinha uma péssima aparência, porque ele se vestia como os beatles, era moda, todo mundo imitava eles, no cabelo, nos trajes e os meus pais não gostavam e eu acabei aceitando porque a pressão era muita, diziam que ele não era boa companhia, a mãe dele não prestava e acabei expondo pra ele a situação, ele sofreu muito também, não foi fácil, ele ficou inconformado, eu também, chorava todo dia, a mãe dele um dia ligou pra mim, quis conversar com a minha mãe, mas ela e meu pai ficaram irredutíveis, não quiseram saber não. Meu pai me viram muito deprimida e não sabiam mais o que fazer comigo, então acharam por bem, viajarmos no carnaval, na tentativa de me “distrair” e fomos para a casa de uma tia em Guarulhos e lá eu conheci meu ex-marido. Fui apresentada à ele em um baile de carnaval, por solicitação dele, por uma prima minha que foi sua colega na escola, à princípio eu não gostei dele porque ele já era meio gordinho e tinha uma “barriguinha” proeminente que me fazia alusão a um homem casado, mas minha prima disse que ele era solteiro, tinha 20 anos e conhecia bem tanto ele quanto a sua família e nós dançamos o carnaval inteiro, ele me tirou pra dançar todos os dias do carnaval, eu notava que naquela época ele tinha interesse por mim, mas também por outras moças, ele dançava com outras moças também e foram vários dias de carnaval, de sexta até a quarta feira. Depois de terminado o carnaval ele passou a me telefonar diariamente, e a gente conversava pelo telefone e ele começou a me visitar em casa, eu morava nas Perdizes, ele vinha de Guarulhos e a gente ficava na entrada do prédio e então ele me pediu em namoro.

P) Ele era bem visto pelos seus pais?

M) Os meus pais chegaram a conhecer ele nos bailes, porque eles iam, era um baile familiar, mas não sabiam muito da vida dele e meus pais me perguntavam sempre o que eu conversava. Ele me disse que estava fazendo o 1º. ano do curso técnico em mecânica, havia cumprido o serviço militar e chegou a fazer o que chamava na época CPOR, era uma formação pra ser militar e trabalhava numa empresa lá em Guarulhos como auxiliar administrativo, que ele era o filho mais velho de nove irmãos e era o que os meus pais estavam sabendo, essa minha prima tinha me falado, na época eu entendi assim, eu perguntei se ele era casado ou solteiro e ela quis me passar outras informações que na época eu deletei, não quis dar importância, eles eram de uma família muito pobre, apesar de ter sido colega dela na escola, mas era escola pública e ela me disse que eles eram muito pobres e também tinha uma tia dele e uma irmã dele e a tia disse que aquele sobrinho era muito mulherengo e essa tia era muito conhecida da família e a irmã dele disse que ele só namorava moças “ricas”, mas ele me pediu em namoro e meus pais simpatizaram com ele no baile e então convidaram ele pra subir

no apartamento e jantar e ele era muito educado, falante, simpático, sedutor, mas no sentido de ser agradável e conquistar as pessoas e eles se encantaram com ele e eu também, não vou dizer que eu tinha aversão a ele, ele era bonito, carinhoso e muito simpático e eu também fiquei encantada e aceitei o namoro, mas aceitei principalmente porque eu vi que meus pais tinham aprovado o namoro, porque anteriormente não gostaram, aliás ele não gostavam de nenhum namorinho anterior e aquele que foi o primeiro, então aquele “fechou”, porque o anterior tinha aspecto de cantor e esse era mais certinho, só tinha quatro anos mais que eu, mas se vestia de uma forma adulta e séria, no meu entender naquela época eu achava cafona, não tinha coisa de marca, mas era completamente diferente e eu sentia um pouco de vergonha disso, mesmo tendo um pouco de vergonha na forma como ele se trajava, tinha uma atitude protetora e isso na época me agradou muito, mas não sei se na época eu não enxergava isso, mais tarde, bem mais tarde passei a ver essa proteção como domínio, um controle e talvez eu estivesse acostumada a esse controle. Passeávamos pelo bairro conversando, ele não tinha carro, o outro tinha, mas meu pai não permitia que eu entrasse, embora algumas meninas naquele tempo já namoravam no carro, mas eu nunca namorei dentro do carro, mas não ter carro era um fator positivo pros meus pais porque não favorecia intimidades, meus pais adoraram porque era um problema a menos, mas no elevador, porque a essa altura ele já subia de elevador comigo pra jantar lá em casa, no elevador ele tentava avançar o sinal, tomar algumas liberdades, com carícias mais ousadas das que as do namoro, e lá era o único lugar em que ficávamos sós e eu morava no décimo quinto andar, então dava algum tempo até chegar lá, mas eu ficava constrangida, eu tinha desejo, mas não tinha “sex-appeal”, eu era tímida, tremendamente inibida, reprimida, então me sentia muito bem no início, gostava dos “amassos” mas ficava constrangida, com o tempo acho que fui me acostumando porque me sentia mais mulher e fui me sentindo bem. Com um ano de namoro, me apresentou para a família dele, eu conheci a casa dele, os irmãos dele, e ele me pediu em noivado. O noivado foi, de novo por iniciativa dele e de surpresa. Num jantar, em comemoração ao aniversário do meu pai, na hora de cantar o parabéns ele veio com um estojo contendo as alianças e formalizou o pedido, todo mundo achou lindo, ficaram encantados e eu também apesar de ter achado que a aliança era muito grossa, ouro muito grosso, de chamar atenção, outras amigas minhas que já estavam noivas ou tinham casado, a aliança era mais discreta, uma coisa mais simples e a que ele fez sem eu saber, sem meu consentimento, minha escolha, ele mais ou menos adivinhou a largura do meu dedo e deu certo, mas eu achei um pouco exagerado, eu achava o máximo, ficar ostentando, era inocente, sem experiência de vida e fiquei feliz por entender que era uma demonstração de amor por mim e de boas intenções para um compromisso e não me dava conta de que aquilo foi precipitado, que o noivado foi precipitado, eu deveria ter continuado um pouco mais a namorar, hoje eu acho que o período de namoro deveria ter sido maior e teria dado tempo de conhecer melhor ele, mas ele já foi me envolvendo com esse compromisso de noivado, isso eu percebi depois. Durante o noivado ele continuava a sair com os amigos, levando uma vida de solteiro e dizia que como não podia transar comigo, tinha que satisfazer as necessidades dele com outras mulheres e eu não entendia bem o porque de tantas

necessidades, achei que ele deveria se conter e aguardar o casamento, eu não tinha essa noção de uma vida livre sexualmente, sabia que algumas pessoas transavam antes de casar, não era comum, mas existia, sabia que os homens tinham muito mais experiência do que nós mulheres, eram fatos que faziam pensar, não engolia assim, eu ficava pensando, aí eu tive por imposição dele que deixar de ter amizade com algumas amigas, ele proibiu mesmo a frequência de algumas amigas que eram do curso normal, ou do bairro, ele alegava que elas eram muito “saidinhas” e que se eu tivesse mesmo a intenção de me tornar uma mulher casada eu deveria selecionar mais as minhas amizades porque aquelas não serviriam pra mim depois de casada, eu achei aquilo muito estranho, fiquei muita triste, muito aborrecida, porque essas minhas amigas eram meu ponto de referência com a vida, elas tinham o mesmo tipo de vida que eu, o mesmo padrão de vida, a mesma história e eram amigas, e de uma hora pra outra deixar de falar ao telefone com uma, não convidar a outra pra vir a minha casa, ou não ir a casa dela e não foi só isso, ele tinha muito ciúme, era extremamente ciumento e não era só com as amizades, com o trajar também, na época estava usando mini saia, mas não era igual a de hoje, era uma saia pouco acima do joelho, nem era tão ousada, eu era tímida e já tinha a censura dos meus pais, mesmo assim eu tinha que usar calça comprida ou uma saia maior que na época era muito feito, saia de senhoras, mas eu acostumei usando, tive que obedecer, não tinha, mas estava acostumada e na época achei por bem obedecer, a gente só saia para visitar os parentes dele e minha mãe percebeu que ele gostava muito de comer e elogiava, ela fazia o jantar e as vezes meu pai para não sobrecarrega-la nos levava para jantar fora num sábado ou domingo e meu pai pagava a conta e na época eles comentaram que ele podia ter pago a conta para retribuir, mas eu via que ele não tinha recursos, ele trabalhava, ganhava bem, mas todo o dinheiro ele dava pra mãe, ele sendo o mais velho, ele sempre contava essa história, ele começou a trabalhar com oito anos de idade, trabalhava na farmácia de um tio e ele não alcançava o balcão, então davam pra ele um caixote pra subir e parecer mais alto e ele começou atender no balcão aos 8 anos, pegando o dinheiro e dando pra mãe, contava histórias de que o pai havia abandonado a todos eles principalmente depois que a mãe teve o nono filho e o pai foi pro interior e souberam que lá ele teve outra família que eu não cheguei a conhecer e nem sei se existe, porque o pai voltou um pouco antes de nos casarmos, ele já estava fora há alguns anos, mas ele voltou e quis a casa que eles moravam pra ele e os irmãos todos se reuniram e decidiram que o pai ficaria no quarto de empregada da casa com uma entrada lateral, completamente isolado da mãe, para protege-la porque disseram que ele era violento e diziam que ele dormia com um facão embaixo do travesseiro e queria ter relações sexuais com a minha sogra mesmo durante o período de resguardo, coisas contadas inclusive pela minha ex-sogra, ela teve nove filhos, estava sempre grávida ou em período de resguardo e tem também uma história de que a mãe chegou em casa de surpresa e pegou o marido “bulinando” uma das filhas, filha essa que nunca namorou ou casou, viveu exclusivamente para a família, e o pai dele bebia muito e os irmãos dele eram ainda moços e também bebiam demais, ele se continha, mas os irmãos e o pai, era uma coisa que eu nunca tinha presenciado em família, eu sabia que em algumas famílias tinham esse tipo de problema, mas não na

minha família, tive um tio, irmão do meu pai que bebia, mas eu não o vi nesse período e ele morreu cedo e era um tio que eu adorava porque na época que convivíamos ele não bebia, eu não tinha experiência e fiquei um pouco chocada, depois que os meninos nasceram eu era mal vista porque não bebia e quando meus filhos começaram a crescer queriam que eles bebessem para “ser homens”, mas felizmente eles nunca gostaram. Nesse período de noivado eu constatei que o padrão de vida dele era muito diferente do nosso, apesar de ganhar bem ele dava todo dinheiro pra mãe ou gastava com a casa por conta do pai ter saído de casa e percebi que ele se vestia mal por isso, ele tinha pouquíssimas roupas e as que tinha, eu achava roupas de velho, então passei a presentear-lo em datas especiais como aniversário de namoro com roupas boas e da “moda”, sempre dentro das minhas possibilidades, do que o meu salário podia comprar, eu “dava um banho de loja”, depois percebi que fazia isso porque sentia vergonha de sair com ele com a calça curta, o sapato era de velho, não era o da moda e da idade dele, era calça “pula brejo” e ele gostava de ganhar, aceitava com prazer, mesmo porque, tinha poucas roupas e muito usadas e aos poucos foi abandonando as roupas velhas e usando apenas as que eu dava e quando ele me presenteava, surgiam os comentários dos meus pais, eram presentes baratos, bombons de marcas populares, flores das mais baratas e eu dizia à eles que ele não podia comprar algo mais caro, perguntavam porque não me dava roupas, não me levava ao cinema, mas eu achava tudo normal, porque eu conhecia a casa deles, e meus pais falavam assim mas nunca me educaram com essas diferenças, eu sempre soube que existiam essas diferenças mas não tinha preconceito, eu tinha amigas ricas, amigas pobres, amigas do mesmo padrão, nunca me lembro de ter sofrido alguma angústia por essa razão, acho que eles começaram a pensar assim por conta de um futuro casamento, acho que se preocuparam porque estava em jogo meu sustento futuro e esses presentes dava idéia do padrão de vida que ele levava. Com o noivado ele começou a comprar móveis e guardá-los na garagem da casa de um tio dele que foi nosso padrinho, eu via os móveis, mas não escolhia, ele sondava minha opinião através de revistas, mas na hora de comprar ia lá sozinho e comprava e punha na casa do tio, falava muito em casamento, praticamente estava tudo estabelecido, então eu e meus pais começamos a questionar onde iríamos morar e ele disse que no apartamento em que morava com meus pais e meu pai sugeriu dar um apartamento para nós, ou melhor, ceder, porque ele fez um financiamento de um apartamento pequeno que poderíamos usar de início, mas pra não ficar de graça, porque meu pai achava que era muita coisa, de mão beijada, podia acostumar a pessoa num padrão de vida que não era o nosso, meu pai era bancário, minha mãe dona de casa e tínhamos um padrão de vida melhor porque eu era filha única, só tinham a mim para sustentar e ele deu esse apartamento que financiou e conversou sobre a possibilidade de pagarmos um aluguel para ajudar nas prestações e a gente concordou, eu achei justíssimo porque a quantia que meu pai falou era a metade da prestação e se a gente fosse alugar um apartamento seria um valor bem maior, fora o condomínio, não teríamos como pagar e aquela quantia que meu pai propunha era quase um valor simbólico, na hora ele concordou, mas ficou muito contrariado e depois começou a me questionar e o gênio mudou a partir daquele momento, parece que caiu a máscara, começou a dizer que meu pai



devia dar esse apartamento de presente, onde já se viu, meu pai era rico, tinha condições, o apartamento que eles moravam era maravilhoso, então que morássemos lá com eles, mas o salário dele acho que não pagava nem o condomínio, ele achava que o apartamento que meu pai queria que morássemos era micho, só um dormitório, discutimos muito e eu disse pros meus pais que ele não havia gostado e ele achava que eles deveriam dar de presente de casamento e meu pai disse que ele estava enganado, se ela achava isso ele estava iludido, quem sabe havia entendido errado, precisávamos esclarecer e chegaram a conversar, mas na hora da conversa com os meus pais ele concordava, depois sozinha comigo ele questionava, ele falava a verdade do que pensava e o comportamento dele mudou da água pro vinho, ele passou a ser agressivo, falar de forma irônica, chegava mal humorado, fazia “tromba” durante uma semana, duas semanas e todo mundo me perguntava porque ele estava com aquela cara, meus pais perguntavam se ele estava aborrecido com alguma coisa e eu respondia que ele dizia que estava trabalhando demais pra comprar as coisas para o casamento, eu mais ou menos sabia o que realmente era, o assunto tinha ficado encerrado, mas ele tinha ficado muito contrariado, não citou mais o fato até o casamento, mas eu sabia que no fundo ele não se conformava que o apartamento não tivesse sido dado de presente, a mudança de humor dele era evidente, chegava a responder mal pra mim, para os meus pais, à ponto de todos me questionarem sobre a continuidade do noivado, mas eu, muito jovem e imatura, inexperiente achava que, com o casamento e a minha ajuda financeira tudo melhoraria. Bem, depois através de um longo processo psicanalítico, percebi que o casamento foi uma forma inconsciente de me livrar do domínio e autoridade dos meus pais, eu achava que casando ia ficar mais livre pra escolher as minhas coisas, mas imagina, ele já estava dando demonstrações de que era possessivo, mal humorado, mas eu não quis enxergar na época. Ele estava querendo formalizar as coisas, mas eu via que as vésperas do casamento meus pais não conheciam a casa dele e a minha sogra e a minha mãe começaram a fazer almoços e jantares pra ver se a gente conhecia todos eles, lá em casa só iam minha sogra e o filho caçula e na casa dela meus pais iam, mas o pai não aparecia e alguns irmãos também não iam e comecei a perceber que era justamente aqueles que bebiam e talvez ele não fizesse questão mesmo da presença, porque não queriam que meus pais tivessem o conhecimento, meus pais só conheceram o pai dele e alguns irmãos no altar no dia do casamento e isso gerou um certo estresse, porque casar uma filha sem conhecer direito a família. Nós queríamos casar só no civil não fazíamos questão do religioso, mas, nós decidimos fazer também a cerimônia religiosa para atender às expectativas da mãe dele e dos meus pais, um casamento simples sem festa, na igreja próxima onde eu morava porque era praxe casar na igreja próximo a casa da noiva. Observando depois as fotos, parecia um velório, a igreja estava enfeitada só com plantas porque os padres estavam presos pela repressão e pediram para não enfeitar com flores em sinal de luto, até nos olhares de todos, na minha família ninguém sorria, os únicos que sorriam muito durante a cerimônia eram meus pais e ele, minha mãe estava esfuziante, achei depois que eles ficaram aliviados porque sai da responsabilidade deles, porque a partir do meu casamento eles começaram a viajar muito, embora viajassem antes e tivessem vida noturna

me deixando na casa de minha avó, mas depois do meu casamento eles viajaram bastante, saíam mais, em teatro, cinema. Depois que eu casei almoçava as vezes com meu pai, outras vezes ia almoçar com minha mãe no apartamento, agora para meu ex-marido todo domingo era religioso almoçar na casa da mãe e todos iam almoçar lá no domingo e se algum não fosse ela ficava preocupada, rezava pra aquele filho e ficava aborrecida e eu ficava constrangida porque ela não dava valor pra quem ia, tratava muito bem, vivia para cozinhar e fazer um banquete, mas após o almoço ela se deprimia e ia para o quarto por causa da falta de alguém, não tinha muita conversa, eu gostava muito das minhas ex-cunhadas, tanto as irmãs dele como as esposas dos irmãos, eu só não gostava dos irmãos dele, porque eles bebiam muito, eram muito machistas, tratavam mal a mãe, as esposas os filhos e eles falavam muito mal da minha família, dizia que eram ricos porque eram ladrões, nem todos eram ricos, alguns estavam muito bem de vida outros nem tanto, mas a idéia deles é que todos eram ricos.

P) Ele sustentava a família quando solteiro, como foi depois do casamento?

M) Ele continuou por alguns meses dando uma parte do salário dele para a mãe eu concordava, tanto que eu não ganhei dos padrinhos máquina de lavar e no natal eu fui a uma loja e com o meu salário comprei duas máquinas de lavar, uma pra mim e outra pra minha sogra, porque ela não tinha máquina e era muita roupa que ela lavava, eu dei como presente em nosso nome e tudo que eu podia eu fazia, sempre presenteava alguém que aniversariava naquele mês, alguma cunhada, a minha sogra e ela ficou muito agradecida porque não era costume da família. Voltando ao casamento, eu chorei muito no dia, fiquei muito emocionada, não houve festa foi despede-se na igreja porque meu pai não tinha condições de fazer uma festa porque havia gasto muito com enxoval, vestido de noiva e com o apartamento e meu ex-marido também não tinha condições e não se importou com a falta de uma festa porque evitava que meus pais conhecessem a família dele, penso que por vergonha do desnível social entre nós. Cada um que chegava e me cumprimentava parecia que estava me dando os pêsames pela atitude que estava tomando porque eles também choravam, foi muito emocionante, é como se fosse uma perda, como se fosse morrer (choro...) como se eu estivesse morrendo e eles se despedindo de mim. Depois fomos para a viagem de lua-de-mel, que foi dada pelos padrinhos, que naquela época era moda viajar para as chamadas estações de águas. Na noite de núpcias eu era virgem, estava acostumada com os 'amassos", as carícias mais ousadas, mas era virgem, tinha idéia do que era a noite de núpcias, da relação sexual, e isso era amplamente falado, não em casa, pelas amigas, em livros e eu contava com a segurança dele, ele passava uma segurança e desenvoltura muito grande sexualmente falando, mas foi uma decepção, ele sabia que eu era virgem, foi rude, impaciente, inábil e pouco afetivo, me decepcionei completamente, o que podia ser bom, eu sabia que a primeira vez dóia mesmo, eu estava tensa, mas estava contando que ele criasse um clima romântico para facilitar as coisas pra mim, um clima mais afetivo, afinal a gente tinha casado e não havia pressa, mas ao contrário ele agiu com impaciência e nas outras tentativas da curta duração de nossa lua-de-mel eu voltei com uma cistite muito forte, toda assada pelas tentativas de manter relações sexuais sem lubrificação, não podia nem andar direito, nem sentar e por causa da cistite eu

não conseguia urinar e fui ao médico, minha mãe soube e ficou indignada como eu tinha permitido que acontecesse, mas não tinha jeito, eu estava com desejo, eu queria, eu tava louca para acabar com aquela virgindade, eu queria que a coisa rolasse, rolou mas dessa forma muito intempestiva, eu também podia ter falado algo ou impedido, mas naquela época não tinha essa consciência de falar algo ainda mais relacionado a sexo. Eu tinha toda uma expectativa e achava que ele seria um bom professor para mim nesse aspecto, com clima afetivo e sensibilidade, mas foi totalmente frustrante. Tempos depois eu tentava conversar sobre sexo com ele, mas com o tempo acabei desistindo porque o assunto terminava em briga e gerava muitas críticas sobre a minha ineficiência e acabei me acostumando, sem preliminares, eu tinha desejo sexual, tenho a impressão que sexualmente eu sempre fui normal, mas pelas críticas que ele fazia eu acabava me achando uma porcaria, ele só brigava, me depreciava e depois queria transar e acho que só consegui transar com ele por muitos anos porque recorria ao uso de uma fantasia de estar com outros homens, não conhecidos, atores, cantores, e isso me ajudava porque eu não podia recusar quando ele queria porque senão, ficava com tromba por duas semanas, eu dizia que pra mim era satisfatório, mas não era, só ele se satisfazia e eu achava que isso era normal porque quando trocava idéias com algumas colegas, amigas elas diziam que também era assim com elas e mesmo o casamento delas não era muito diferente do que eu contava, um ou outro que era mais adequado, a gente via mais satisfação na cara do casal, aprendi que aquilo era normal. Nos últimos anos de casamento já não tínhamos mais relações sexuais, passávamos longos períodos sem sexo por conta daquele clima péssimo que se instalou durante o casamento, principalmente depois que eu fui estudar, fiz análise, pensei, me recuso a fingir uma coisa que eu sei que não está certa, comecei a perceber que era uma violência contra a minha pessoa aceitar transar sem vontade e depois de um tempo ele começou a me procurar só para sexo anal, e no início eu até tentei pra não dizer que eu era uma porcaria, que eu era nada sexualmente, até tentei, mas vi que não gostava e aquilo precisava um preparo e ele queria na hora e do jeito dele, mas depois percebi que ele fazia isso pra me provocar, para sair uma briga e poder me depreciar, mas depois que eu percebi esse jogo dele e não cedi mais e durante a noite às vezes ele tentava, eu me lembro que uma época eu desenvolvi uma insônia porque eu tinha medo que ele me pegasse por trás, eu não podia me virar de lado, porque se eu virasse era como se eu estivesse me oferecendo a ele, parece que ele estava em constante alerta e se eu virasse ele acordava e tentava fazer sexo anal e com o tempo isso foi deixando ele muito contrariado e dizia que eu era anormal, que eu não era feminina, porque a mulher mais feminina gostava muito de sexo anal, que eu parecia sapatão, eu já sabia muita coisa sobre sexo naquela época, mas não adiantava eu falar, ele depreciava tudo que eu falava e até ridicularizava, ironizava e eu me sentia culpada pelo situação, do clima sexual péssimo que ele se referia, pensava puxa não tenho esse "sex-appeal", mas acho que ele esperava que eu tivesse a mesma experiência e desenvoltura das prostitutas com quem ele saía antes do casamento, mas eu era virgem e ele sabia, e eu comecei a perceber que despertava desejo em outros homens, na faculdade eu era vista, mas eu me sentia um horror, eu estava engordando muito e ele também. Nos seis

primeiros anos do casamento nós trabalhávamos muito e acho que isso ajudou a passar por cima de muitas coisas pelo menos pra mim. Ele trabalhava numa empresa como técnico em mecânica e à noite terminou o curso técnico e logo em seguida cursou a faculdade. Na formatura dele eu percebi que ele não queria que eu comparecesse e também não convidou ninguém da família, e eu achei que era um momento muito importante para não estar presente e ele aceitou e quando cheguei, ele estava se trocando e eu fui recebida por algumas colegas dele que se surpreenderam com a minha pouca idade, acharam que eu era irmã dele, porque ele dizia a elas que a esposa era velha e muito doente e começaram a me apresentar para todos. Durante o jantar, percebi que uma das formandas, sentada à nossa frente, chorava compulsivamente e olhava insistentemente para ele e não era um choro de emoção. Perguntei o que estava acontecendo e ele disse que ela só estava emocionada porque era formatura e quando chegamos em casa indaguei novamente sobre o assunto e isto gerou uma briga, onde ele alegou que elas estavam com inveja e inventando coisas, naquele dia eu tive certeza que durante o tempo de faculdade ele teve um caso com aquela moça e acabei encerrando o assunto porque eu não me acalmava e ele desmerecendo o assunto, mas aquilo foi muito forte pra mim, eu era casada a apenas dois anos. Cheguei a comentar com meus pais, mas eles disseram que homem era assim mesmo, mas meu pai nunca foi assim, apesar do gênio difícil dele, tenho certeza que minha mãe nunca passou por uma dificuldade semelhante à esta, ele podia até tratá-la mal, mas nunca soube que ele tivesse paquerado alguém no trabalho, e na minha família tanto por parte de pai como de mãe, essas questões de infidelidade eu não tinha, pelo menos não eram do meu conhecimento, agora na família dele eram comuns, o pai constituiu outra família no interior, um dos irmãos teve várias mulheres, outro irmão mantém uma outra família, um tio que fez formação para padre, tinha uma vida devassa, era um comportamento comum na família dele e ele falava que na minha família é que tinham os devassos, que o meu primo era "bicha" e sustentava um mecânico em Guarulhos, esse primo sempre teve muita educação, ele fala bem, é sofisticado, é bonito até, casou-se, teve três filhas é um modelo de pessoa na família e na cidade, mas dizia que todo mundo sabia na cidade só eu que não queria enxergar, falavam do meu tio ladrão e de uma prima que diziam ser sapatão e tinha um caso com a sócia dela de uma loja de lingerie, eu voltava muito aborrecida com todas essas histórias e ele não me defendia nada, ao contrário dizia que eu era uma tonta, imbecil que não enxergava nada, foram seis anos assim, principalmente o estudo me ajudou muito a tocar o meu cotidiano, com meus pais eu não podia contar, meu pai queria ir lá em casa bater nele, minha mãe se punha a chorar e eu também chorei muito mas sozinha, abria o chuveiro me punha a chorar normalmente sozinha. Prestei um concurso na prefeitura me efetivei como professora e exercia o cargo de assistente de direção numa escola. Nessa época prestei o vestibular para psicologia escondida dele que tinha muito ciúme e de meus pais que achavam inútil o estudo para uma mulher e que à esta altura, com três anos de casamento, eu deveria me preocupar em ter filhos, mas acabaram aceitando a minha decisão apesar de nunca valorizarem os meus estudos. Na minha lembrança, foi o melhor período da minha vida, fiz muitas amizades, me sentia valorizada pelos colegas e professores, me encantava com as

matérias, enfrentava as dificuldades com muita facilidade e cheguei a ser líder de classe. Não participei de nenhuma comemoração de formatura porque senti que para ele e meus pais, não haveria o que comemorar. Eu tinha uma cobrança enorme da mãe dele para ter filhos, ela chegou a dizer que eu devia ter um problema, que eu devia investigar, casal sem filho não era normal, eu tomava pílula no início e quando tinha que interromper usávamos a tabelinha, mas eles não sabiam que evitávamos, e no primeiro ano de casado um dia após uma conversa dos meus pais sobre filhos ele me disse que ficasse bem claro que ele não queria filhos, porque já havia cuidado de oito irmãos e não queria mais trabalho, que era bom cortar a expectativa dos meus pais em ter netos, mas eu achava que ele não queria naquele momento, depois mudaria de idéia, éramos padrinhos de um monte de crianças, eu pensava que era um trauma de ter que sustentar tantos, mas com o tempo, a vida melhorando quem sabe ele se animava e assim se passaram seis anos e eu engravidei tomando pílula porque acho que meu desejo de ter um filho era tão forte que superou até o remédio e ele não encarou mal quando eu dei a notícia, mas começou a me questionar como ia ser com o dinheiro e com as despesas médicas porque eu era funcionária pública e tinha o convênio do hospital municipal, ele tinha convênio mas não tinha me incluído e iria ter uma carência para poder entrar, então meu pai conseguiu me incluir no convênio dele apesar de ser casada e estar grávida, com todos os direitos e benefícios, nunca me arrependi de ter engravidado, acha que fui muito inconseqüente e onipotente de querer ter filho sem o desejo dele, acho que abusei mas não me arrependi, eu me sentia muito bem, em estado de graça (choro...), com seios grandes, enormes, me senti linda nas duas gravidez, foi um período magnífico, eu me sentia gloriosa, segura talvez por conta dos hormônios, não estava em um estado normal, estava solta, meus filhos eram grandes e tive que fazer cesariana, marquei o dia, fui de carro para o hospital e depois do parto fui pro quarto, ele sumiu, ninguém achou ele e foi assim nos dois partos e no segundo eu ainda brinquei, vê se não vai sumir, e ele sumiu, e nunca me disse aonde foi, no começo ele tentou ajudar, primeiro filho era engraçadinho, muito parecido com ele, mas logo ele começou a pegar aulas pra dar a noite, disse que os gastos aumentaram, mas eu nunca soube quanto ele ganhava, eu calculava pelo que ele gastava, primeiro com a compra dos móveis, depois com a faculdade, os cursos que ele fazia, ele bancou todos os cursos que fez, técnico, faculdade, pós-graduação e dois doutorados e quando eu dizia que queria fazer uma pós-graduação ele dizia pra eu ir pra USP e acabei indo mesmo e pra minha satisfação tenho um título da USP, por minha responsabilidade e outro curso que fiz de pós-graduação foi meu pai que me pagou, a questão do dinheiro sempre pegou muito, ele não dava satisfação, nós não tínhamos conta conjunta, ele punha dinheiro na minha conta e era sempre insuficiente, meu pai passou a arcar com muitos gastos a partir do nascimento do meu primeiro filho, gastos com fraldas, roupas, tratamento dentário, extras, porque com filhos as despesas crescem, você sai pra passear e gasta, férias, viagens, lanches, tudo proporcionado pelo meu pai sem que eu pedisse nada, eu ficava muito constrangida e ele dizia que meus filhos eram como eu, não pediam nada, são muito chatos, não aceitam nada e não pedem nada, agradeciam o que o avô dava, mas não pediam, meu pai vendo a situação, eles com o tênis ruim, eu mal vestida ou o carro quebrado,

oferecia. Durante a gravidez ele me tratava bem e aquele estado de glória que eu me encontrava também era porque o casamento ia bem, ele me tratava bem, foi um período muito bom, até hoje eu não entendi porque ele teve esse momento, mas depois que nasceu, outra vez ele mudou o comportamento, só criticava, dizia que eu fazia tudo errado, minha mãe vinha visitar, não vinha ajudar, porque eles desistiram de vir muito em casa, por conta das grosserias dele, só vinham no aniversário dos meninos, ele só criticava, só a mãe dele sabia, só ela tinha razão, ele sabia mais e comecei a me sentir muito mal, porque após o nascimento você se sente feia, gorda, o contrário do modo como me sentia durante a gravidez, me sentia sempre muita cansada e sempre com meu filho no peito, porque minha sogra disse que eu devia andar com o menino no peito pra dar de mamar na hora em que ele quisesse, até o dia que o pediatra me falou que não devia fazer aquilo, que havia hora para mamar e começou a me orientar, eu ia sozinha ou com minha mãe, ele nunca tinha tempo, nunca participou muito da criação ou educação deles e quando eu dizia que o pediatra tinha orientado assim ele dizia que era um burro e só podia ser daquele convênio porcaria do meu pai, eram só críticas, então eu fui fazendo do meu jeito e deixando pra lá porque senão estava sempre brigando.

P) E sua segunda gravidez como foi?

M) Na segunda gravidez eu já não tomava mais pílula porque ela estava me fazendo mal, eu tinha picos de pressão alta e o médico achou por bem parar de tomá-la, ainda não era hipertensa, e estava gorda, engordei 12 quilos na primeira gestação e só emagreci o peso do bebê, cerca de quatro quilos, então já comecei a segunda gravidez com oito quilos a mais, foi um período em que fiquei gorda, desde a primeira gravidez até recentemente, eu me compensava muito na comida. Contratei uma empregada para me ajudar, paga com o meu salário e voltei a trabalhar. Meus pais me ajudavam supervisionando a empregada no período em que eu estava trabalhando, mas diante de tantas críticas, desistiram de me ajudar e me pressionaram a parar de trabalhar, também porque era longe e me desgastava demais. Conseguí tirar várias licenças, mas após o meu segundo filho me exonerei do trabalho para dedicar mais tempo aos meninos e com isto me tornei muito dependente dele financeiramente e isso o desagradou muito, pois achava que meus pais é que deveriam assumir os cuidados com as crianças para que eu pudesse continuar trabalhando. Quando os meninos nasceram ele trabalhava na Volkswagen, uma ótima empresa e o salário dele era muito bom, eu não sabia quanto, mas via o padrão de vida que levavam os colegas dele do trabalho naquele cargo e a gente freqüentava festas, eles tinham casa própria, carro para o marido e a mulher, os filhos estudavam em boas escolas, de elite e nessa época o pessoal da informática ganhava muito bem, o padrão de vida deles era muito bom e o meu sempre foi muito baixo, meus filhos estudaram em escola do estado enquanto ele não parava de estudar. Ele iniciou um curso de mestrado para poder continuar a dar aulas e logo em seguida o doutorado e eu como sempre, só fui comunicada, mas logo em seguida ele perdeu as aulas por conta do mau gênio dele, eu soube depois que ele criava um clima de animosidade entre os colegas, ele sempre se julgava superior por ter mais estudo que os outros, era um marido e pai completamente ausente, exigia muito, gritava o tempo todo e no final de semana dormia o tempo todo, nunca saíamos juntos,

eu saía com os meninos, meus pais e chamava outros colegas deles. Eu tentava impor um certo regime em casa porque todos nós engordamos muito e ele chegou a pesar 150 quilos, meu filho mais velho tem obesidade mórbida como o pai, e eu tentei fazer uma alimentação variada com saladas, cozinhava verduras e carnes para que todos se alimentassem de forma mais saudável, mas ele ficava muito irritado, com dois dias de regime ele virava um bicho e não queria tomar nenhum medicamento ou se alguém sugerisse um tratamento ele reagia de forma grosseira, desmerecia a comida que eu fazia dizendo que a mãe cozinhava bem, embora todos me elogiassem, que a minha comida era um lixo, que era um nojo e ele precisava complementar aquele jantar mixo, batia a porta da geladeira dizendo que não tinha “merda nenhuma” e os meninos me perguntavam porque ele era tão nervoso e eu dizia que eram problemas no trabalho, problemas dele, ele trabalha muito e fui levando assim, mas foram meninos que não souberam o que era ter pai, aliás pai pra eles era o avô ou o pai de algum amigo e até hoje eles tem amigos cujos pais tiveram uma presença fundamental na vida deles (choro...), nesse ponto eu acho que falhei muito porque não soube exigir, acho que não era com uma exigência que eu conseguiria, mas ficou faltando isso pra eles, além de não ser presente eles tinham dificuldade e eu via talvez uma necessidade de chamarem atenção do pai para ajudá-los na matemática que era a matéria em que o pai era ótimo, quando era geografia, história, filosofia, outras coisas eu ajudava, mas matemática, física, química eles sabiam que não era comigo e requeriam o pai, mas ele não ajudava e eles sempre foram muito mal nessas matérias, não a ponto de repetir de ano, mas tinham muita dificuldade, ele me desautorizava, não os auxiliava nem nas matérias que eram especialidade dele e me culpava por qualquer dificuldade apresentada na escola ou no dia a dia e eu devo ser muito importante, porque eu incorporo aquela culpa como sendo minha e não questiono muito, acho que sou culpada, ele não conversava com os filhos e se referia ao mais novo que tinha déficit de atenção como “burro” e ele foi ficando com a auto-estima muito baixa e ele falava muito mal dos meus pais para os meninos e eles ficavam com um conflito muito grande porque os avós davam de tudo e o pai falava muito mal, quando chegavam com um tênis novo ele perguntava quem te deu essa “merda”, isso é uma porcaria, teu avô podia ter dado um de marca, mas meu pai tinha o cuidado de não fazer isso porque os meninos freqüentavam escola do estado e poderia ser perigoso, eles tinham que se vestir de acordo com o padrão de vida dos amigos e não queriam criar os meninos dentro de um padrão que não era o deles, eu costumava dizer que eram filhos de vitrine, porque na presença de parentes, conhecidos ou mesmo estranhos ele se mostrava orgulhoso dos filhos, mas na intimidade ele brigava muito e depreciava eles e isso era constante e a personalidade dele parece que sempre foi assim, para as pessoas de fora ele era um “gentleman”, mas para as pessoas da intimidade e não éramos só nós de casa, a mãe dele e os irmãos também, era um bicho, os irmãos não davam um passo sem pedir a opinião dele, mesmo casados quando tinham que tomar alguma decisão vinham falar com ele e a minha sogra também. Tem alguns episódios muito marcantes que foram acontecendo durante esses anos de relacionamento, o primeiro foi aquele do suposto caso que ele teve com a colega de faculdade que te citei anteriormente, outro foi o de um telefonema de uma moça enquanto ele

estava no banho e que se referiu a ele como professor, onde eu conclui que fosse uma aluna dele e me chamando de tonta disse que tinha um filho com dele e eu disse que não estava entendendo e ela continuou a me ofender chamando de idiota e mandando eu perguntar a ele sobre esse filho, logo que ele saiu do banho eu não falei nada porque os meninos estavam jantando e depois eu falei com ele e claro ele se defendeu dizendo que era mentira, que eu era uma estúpida e que a aluna estava se vingando por ter sido reprovada na matéria dele, eu fiquei chocada, paralisada e não tive coragem de ir a escola verificar, nem mesmo pedir auxílio a alguma amiga, comecei a ter medo de que ele fizesse igual ao pai, que tinha uma família fora de casa, mas não fui atrás de um esclarecimento porque, conforme o resultado, exigiria uma atitude de minha parte e não me sentia preparada para isto, mesmo porque, contei aos meus pais que mudaram o tratamento com ele, e ele disse que o clima estava ficando ruim por eu ter contado e me ameaçava dizendo que se eu quisesse me separar, eu e meu pai teríamos de gastar muito dinheiro para nos ver livres dele. Outra vez foi em uma confraternização de final de ano no clube da empresa onde ele trabalhava, me inclinei por baixo da mesa para pegar um brinquedo que havia caído e vi uma colega dele acariciando as pernas dele no meio das coxas, quando me levantei e olhei para ele, estava conversando com outra pessoa ao lado disfarçando como se nada estivesse acontecendo. Depois de um tempo voltei a trabalhar, mas como psicóloga clínica na tentativa de me tornar mais independente financeiramente, não dele, mas do meu pai, o E. pagava condomínio, luz, gás, telefone, o resto tudo era meu pai que pagava.

P) Você ainda morava naquele pequeno apartamento que foi morar quando casou?

M) Não, logo após o nascimento do meu primeiro filho, o apartamento ficou pequeno e meus pais resolveram mudar para mais perto de mim, para me ajudar e mesmo para poder ficar mais perto do neto, já que eles queriam tanto e para isso pediu aquele apartamento de volta para poder comprar um outro no mesmo bairro que o nosso e acho até que pediu de propósito, porque ele já tinha visto tanto coisa nesse casamento e se o clima era ruim, ficou pior, péssimo, ele que já chamava meu pai de ladrão piorou e nós fomos para um apartamento alugado, moramos muitos anos lá, depois compramos um apartamento ali perto, mas ele não queria comprar, ele queria viver de aluguel, compramos o apartamento na planta, era pequeno, dois dormitórios, e não era caro tanto que ele continuou estudando apesar de pagar o apartamento. Então voltei a trabalhar, mas ele colocava vários impedimentos, e se incomodava porque dizia que eu ganhava pouco e me “divertia” muito, e um dos acordos que fiz para poder atender com o que concordei era que eu não atendesse pacientes homens. Ele tinha o hábito de me telefonar várias vezes durante o dia com o pretexto de saber dos meninos, mas na verdade, queria me controlar, queria sempre saber onde eu estava e quando eu ia ao supermercado ou saía ele conferia as notas fiscais para ver o que eu tinha comprado e reclamava que eu havia demorado muito para fazer aquilo, muito ciumento, inclusive um dia na clínica aprontou uma cena, ele montava campana pra ver quem eu atendia, de quem me despedia e ele queria saber quanto eu ganhava e eu nunca disse, muito controlador um dia ele entrou com tudo na clínica e puxou a pasta da recepcionista achando que ali constavam os



ganhos e o dono da clínica vendo essa cena chamou a polícia e ele saiu rapidamente. Quando cheguei em casa brigamos muito porque me senti muito humilhada, eu estava começando ali e estou até hoje e eles são quase a minha família (choro...) eles passaram muito momentos difíceis comigo, todo o tempo da separação, os dois donos são psicólogos e eles me ajudaram muito, deram muita força, eles se revezaram na portaria do consultório para tentar impedir que aquela cena se repetisse, eles me protegeram muito e isso foi fundamental na minha vida (choro...) eu que não tenho irmãos, para mim foram meus irmãos. Teve um último episódio que me deu força para tomar uma atitude e eu falei que agora eu separo não é possível continuar, ele me seguia e ficava me vigiando e um dia ele apareceu do nada no local onde estava fazendo um curso de pós-graduação pago pelo meu pai, como era hora do intervalo, eu estava tomando um café com um casal de colegas da minha classe e o apresentei ao casal, tomei o café muito constrangida e perguntei o que ele veio fazer ali e ele disse que estava passando por perto e resolveu me ver e o casal nos deixou a sós e perguntei do que ele desconfiava, eu reclamei que estava cheia do ciúme dele e não era apenas ciúme dos homens, era ciúme das minhas colegas, ciúme dos meus filhos, era uma possessividade, não podia ficar alegre, não podia cantar que ele dizia que eu era ridícula, e quando voltei para a sala de aula o casal muito delicadamente me perguntou sobre ele e em seguida me contou que o viam todos os dias num restaurante por quilo onde almoçavam e ele estava sempre acompanhado de uma mulher e numa atitude de namoro, com mãos dadas, beijos na boca e carinhos, ainda tentei saber se não podia ser possível estarem confundindo ele com outra pessoa. Fui pra casa e eles ficaram preocupados comigo, eles me deram endereço e desta vez eu fui conferir e constatei a mesma cena que o casal me relatou, fiquei chocada mas não entrei no restaurante e foi com essa mulher que ele se casou logo após a nossa separação, fiquei muito abalada e decidi desta vez pedir a separação. Conversei muito com os meus pais a respeito e eles mesmo não gostando dele desde o começo não me apoiavam na idéia da separação dizendo que casamento é assim mesmo, minha mãe chegou a dizer que se ela sempre aguentou o meu pai, porque eu não poderia fazer o mesmo e meu pai dizia que eu com todo o meu estudo não conseguia controlar o meu marido, depois de muita conversa, se resignaram e meu pai me levou para consultar um advogado que pudesse me orientar. O advogado me aconselhou numa primeira fase a tirar cópia de documentos e comprovantes de pagamentos que pudessem levar a deduzir os ganhos dele, porque não havia um holerite dele em casa, imposto de renda, documentos sempre foram guardados na escola e eu comecei a juntar as contas que ficavam em casa, mas aquela altura ele já havia saído da Volks, trabalhava em uma empresa como consultor sem registro e o advogado descobriu que ele tinha uma consultoria com o irmão, mas o nome dele não constava, descobriu duas contas de poupança e depois negociamos essas descobertas, eu me lembro que fiquei com o telefone e ele ficou com uma das poupanças, ele ficou com o único carro que tínhamos, esse advogado me orientou muito e fui seguindo suas instruções com muita cautela porque ele era muito violento, nunca me bateu, mas quebrava muitas coisas em casa, eu fugia com medo quando percebia que ele estava muito alterado, ele quebrou televisão, as cadeiras em casa viviam quebradas, ele arremessava objetos, lá em casa parecia

festa grega, sempre quebrava os pratos, eu me sentia agredida da mesma forma, cada acontecimento desse era como se fosse uma bofetada, um soco, acho que eu estava muito doente mesma, porque não sentia isso, a situação estava insustentável há muito tempo e as orientações deste advogado onde eu ia, sempre acompanhada do meu pai, o apoio das colegas psicólogas e a terapia me deram forças para tomar uma atitude efetiva, um dia resolvi conversar com os nossos filhos, que nesta época estavam com 17 e 14 anos, e expliquei a situação, aceitaram bem a minha decisão e me apoiaram muito, inclusive meu filho mais velho me disse que não sabia como eu agüentava tudo aquilo, que eu era tão competente, inteligente e não sabia cuidar da própria vida, eu os avisei a data que conversaria com o pai deles e nesse dia, um domingo eles ficaram por perto, no quarto deles, caso eu precisasse de alguma coisa, coloquei calmamente a situação para ele dizendo que já sabia de tudo e não admitiria aquela situação dele ter outra pessoa e continuar casado comigo, não devia ser a primeira vez, mas desta vez eu vi e ele não tinha como negar, e como sempre, começou a discutir dizendo que não ia sair de casa, que quem tinha que sair do apartamento era eu, meus filhos tentaram intervir porque aquela altura ele já estava exaltado e disseram que eles iriam ficar comigo e no apartamento, quem tinha que sair era ele e foi muita briga, mas ele ficou irredutível, então pedi que ele ficasse dormindo na sala e no dia seguinte o advogado deu entrada no fórum do pedido de separação de corpos e em poucos dias chegou o pedido do juiz para que ele saísse, foram dias muito tensos e eu sentia muito medo, durante a noite, quando os meninos iam dormir, ele vinha ao nosso quarto, tentando me seduzir, mas diante da minha recusa, iniciava uma discussão, nós o convencemos a sair antes que o oficial de justiça chegasse para evitar constrangimentos e ele decidiu ir para um flat, pediu que eu arrumasse algumas roupas dele numa valise, o que obedeci prontamente e com grande satisfação. Os cinco meses que duraram o processo da separação foram um dos mais difíceis que já enfrentei na vida, pensei que já o conhecia o suficiente com o seu ciúme, egoísmo, autoritarismo, truculência e mau humor, mas durante este período ele revelou o que havia de pior na sua personalidade, o caráter. Os filhos iam visitá-lo quase que diariamente no flat e um dia voltaram contando que o pai estava armado com o revólver de um dos seus irmãos e eles ficaram muito impressionados porque o pai estava barbudo, não estava trabalhando e dizendo que ia matar a mim e aos meus pais. Meu advogado me orientou a trocar a chave, sabendo que é ilegal, se alguém me perguntasse, que eu não dissesse que fui orientada por ele, mas precisava me proteger, eu tinha medo, mas a minha vida continuava, eu tinha que trabalhar e ele ligava para a clínica onde eu trabalhava me ameaçando, tudo estava muito conturbado, ele gerou um clima muito ruim eu vivia a poder de calmantes, totalmente desestruturada, com a pressão alterada, minha mãe iniciou um processo de doença, tinha muitas tonturas, meu pai ficou atordoado, dependente do que o advogado orientava, meus filhos também tiveram problemas, o mais novo começou a ter delírios e alucinações, ele não dormia, aliás, nenhum de nós dormia, mas acho que afetou mais ao caçula, ele começou a ficar muito alterado, falava de forma incoerente, desenvolveu sonambulismo, começou a ter dúvidas do que era sonho e realidade, tanto que começou inclusive um tratamento psiquiátrico, vendo as ameaças do pai e o desequilíbrio da

mãe. Uma noite meu ex-marido me ligou e disse que se eu desse o apartamento e o carro, ele assinava a separação e me deixava em paz. Eu conversei com o advogado, conversei com meus pais, o advogado sugeriu que colocasse no nome dos filhos e ele disse que não sustentaria “filho da puta” nenhum, não daria nada a eles. O advogado me amparou em tudo e acabou me aconselhando, como se fosse sua própria filha, para dar o apartamento e ficar em paz, que eu tinha condições de sobreviver sem isso, meu pai podia me ajudar e nesse mesmo dia a mãe dele me ligou pedindo que eu cedesse em tudo, pois não garantia pela sanidade mental do filho e temia pelo pior, pois segundo ela todos eles eram malucos e juntando o que ela falou, o advogado também, eu acabei concordando em dar o apartamento pra ele, muito embora ele também quisesse o carro e uma parte dos bens do meu pai, ele dizia que era herdeiro de metade das coisas que meu pai tinha e o advogado me dizendo pra não me impressionar com o que ele falava, o advogado me aconselhou para fazer o mais rápido possível porque minha mãe se encontrava muito doente, inclusive pela situação toda e como concordei, meu advogado bateu a petição e fomos ao fórum, mas tivemos que ser representados pelo tio dele, também exigência dele e como estávamos fazendo uma separação amigável constava apenas um advogado. No dia da assinatura da separação no fórum ele compareceu com o tio e eu fui acompanhada do meu filho mais velho e na sala de audiência a juíza me questionou sobre o fato de todos os bens ficarem com ele e observando as atitudes e respostas, me informou que eu poderia entrar com uma solicitação de exame de insanidade mental dele devido as ameaças de morte que constavam nos autos, prejuízos financeiros e emocionais e pedido de pensão, mas somente mediante a instauração de uma ação litigiosa e ele interpelado pela juíza que queria saber se achava aquilo justo chegou a dizer que se sentiu enganado porque casou com uma simples professora e terminou casado com uma “merda” de psicóloga, isto causou um constrangimento geral e a juíza percebendo todo o ridículo e absurdo da situação decidiu formalizar o pedido de separação amigável me desejando boa sorte, no termo de separação constou que ele ficaria com a posse dos bens, que os filhos escolheram morar comigo e que ele deveria pagar uma pensão para os filhos até que eles completassem vinte e cinco anos, a pensão estabelecida aos filhos foi a de uma quantia ínfima devido a dificuldade que encontramos em comprovar os rendimentos dele e meu filho mais velho quis que constasse dos autos que não aceitava a pensão destinada e que iria lutar muito na vida dele pra ser uma pessoa bem sucedida e jamais precisar daquele pai, mas exigia que a quantia fosse adicionada à pensão do irmão. Tivemos que nos mudar rapidamente e desocupar o apartamento porque ele começou a fazer pressão dizendo que invadiria o apartamento e meus pais nos ajudaram, como sempre, comprando um apartamento financiado para nos abrigar, mas houve a condição de ser no mesmo prédio onde eles moram para o dia em que precisassem de ajuda na velhice, pudessem contar com a minha ajuda, achei justo, mesmo porque não tive outra alternativa, passamos por muitas dificuldades e o nosso padrão de vida despencou, os meninos sofreram muito e apesar dos rapazes trabalharem desde os quatorze anos não ganhavam o suficiente para me ajudar, mas economizavam bastante evitando gastos e enfrentando bem todas as dificuldades. Meu ex-marido em menos de dois

meses foi morar com a atual mulher no apartamento dela que fica na mesma rua onde moramos e se casaram logo depois, apresentou-a aos meninos em uma saída juntos sem o menor preparo e meu filho mais novo tinha muitas diferenças com ela e brigavam muito. Ele alugou o apartamento que era nosso e repassa o valor integralmente para ela, sem nunca ter se preocupado com a situação dos filhos que a princípio ficaram revoltados com as diferenças de padrão de vida do pai e a nossa, mas com o tempo se conformaram, iam visitar o pai quando eram convidados e, com o distanciamento, a relação entre eles melhorou. O meu filho mais velho teve uma briga violenta com o pai que foi quando eu pedi a separação e ele não aceitou sair do apartamento e foi dormir na sala, mas durante a noite quando os meninos iam dormir ele vinha ao nosso quarto tentando me seduzir, mas diante da minha recusa iniciava uma discussão e numa noite, devido a discussão diante da minha recusa em ter sexo com ele, os rapazes tiveram que tirá-lo do quarto à força e ele foi violento principalmente com o meu filho mais velho que já tinha um porte físico de adulto e com isso ele desenvolveu uma raiva do pai, não queria prejudicar o pai, mas também não tinha um bom relacionamento, com o tempo a raiva amenizou e o pai promoveu a festa de casamento deles, até hoje ele não fala mal, mas também não procura o pai e o mais novo foi tentando ficar dependente do pai para ver se ele lhe dava mais atenção, mas não conseguiu nada e desistiu, acho que até hoje todos nós carregamos seqüelas desse processo todo. Sofri muito por saber que tudo o que meu ex-marido não nos proporcionou a vida toda como carinho, afeto, lazer, com a outra esposa e a família dela, isto é uma constante, mas apesar de tudo, tive muitas conquistas pessoais, amadureci muito, exerço um trabalho que gosto muito, e criei praticamente sozinha dois filhos dos quais me orgulho muito.

P) Qual foi a reação dos seus pais diante a separação?

M) Quando resolvi mesmo me separar meus pais ficaram apavorados, porque estavam recebendo de volta toda a responsabilidade de uma filha “problemática”, acrescida de netos e um ex-genro mau caráter. Só aceitaram me ajudar quando começaram as ameaças de morte e perceberam que a situação era irreversível.

P) Como você via o casamento dos seus pais?

M) Sempre vi meu pai brigando muito com minha mãe, criticando-a em casa, por qualquer coisa gritava e fazia escândalo até que fosse feita a sua vontade. Falava muito mal da família dela, apesar de culpada por todas as coisas para os outros ela era sempre elogiada como mãe e esposa. Minha mãe não tinha reação, apenas chorava e obedecia. Pediu a separação várias vezes, mas não tinha independência econômica, o que a fazia se manter no casamento. Após a aposentadoria de meu pai, desenvolveu uma série de doenças e tornou-se totalmente dependente dele. Estiveram casados por 56 anos até o seu falecimento e nos últimos 20 anos de casados enquanto ela sofria do Mal de Parkinson ele sofreu de forte irritabilidade e confusão mental, sendo inclusive atropelado, pediu-me por várias vezes que eu a trouxesse para morar comigo, mas ela nunca soube. Acho que eles sempre esperaram que eu tivesse um casamento “felizes para sempre” e assim viverem eles “felizes para sempre” ao seu modo. Até hoje me sinto culpada pelas decepções e dificuldades que causei a eles.

## Entrevista 4 - Aline

**P = pesquisadora / A = Aline (nome fictício)**

### 1º. encontro

P) Conforme falamos ao telefone anteriormente você foi convidada a participar de uma pesquisa para dissertação do meu mestrado que envolve o estudo com mulheres que tiveram dificuldade em se separar, apesar de ter um relacionamento conturbado ou insatisfatório, classificado por elas mesmas como ruim, com a qual você concordou certo?

A) Sim.

P) Gostaria de agradecer-lhe primeiramente e pedir que leia, preencha e assine o Termo Livre de Consentimento Esclarecido para podermos continuar.

A) Tudo bem.

P) Você tem alguma dúvida?

A) Não.

P) Qual a sua idade?

A) 39 anos.

P) Gostaria que você falasse pra mim do relacionamento com seu ex-marido, desde de que você o conheceu, como foi até quando você se separou dele.

A) Relatar tudo? Bom nós éramos bancários, eu trabalhava na Serra de Bragança e ele trabalhava na Guaiaúna, houve um remanejamento no banco, uma ex-chefe dele veio para a agência que eu trabalhava e numa festa acabamos nos conhecendo. Ele não era meu perfil de homem, não era o tipo de pessoa que eu estava acostumada a me relacionar, uma pessoa mais velha, mas em um ano nós estamos casados e minha filha C. nasceu. Quando nos conhecemos eu tinha 18 anos e quando minha filha nasceu 19. Desde o princípio foi um casamento muito conturbado, tanto pela imaturidade que a gente tinha, eu nova com um bebê pequeno e alguns sonhos que a gente sempre tem e já desde primeiro mês eu já vi que não ia dar em nada, mas esse casamento se perdeu por 18 anos, três separações, mais um filho que está com dez anos agora e o que eu tenho certeza é que foi muito conturbado, além das crianças não há nada que eu possa dizer que foi bom. Tivemos conquistas financeiras, ele teve o trabalho dele, ele progrediu profissionalmente, ele sempre trabalhou muito, mas afetivamente a gente nunca teve nada.

P) Você me disse que houveram três separações nesses 18 anos e você pode falar desses períodos?

A) Eu me casei em 24 de setembro de 1998, não 1988, e minha filha nasceu em 89, ela tem 20 anos, a primeira separação foi mais ou menos em 96, depois a segunda meu filho já tinha quatro anos, 2003 ou 2004 e a última foi há três anos atrás, 2006.

P) Essas separações foram legais ou apenas separação de corpos?

A) A primeira separação foi legal, mas do fórum nós voltamos pra casa, ele tinha uma semana pra sair de casa e acabou ficando, da segunda vez nós ficamos um ano separados de casa mesmo e a última vez foi à definitiva.

P) E o que fazia vocês se reconciliarem?

A) Acho que a falta, o costume, a necessidade de dar certo, que fosse ser diferente, porque ele estava fora, ele mudava e eu também, então criava um estereotipo de afetividade pelo menos da minha parte, mas na primeira vez eu não tive muita opção, ele foi ficando, foi ficando e na verdade ele nunca saiu de casa, nós não recasamos, mas voltamos a viver juntos como marido e mulher, na segunda vez ele saiu de casa, ficou um ano fora, mas nós tínhamos contato, porque ele ia sempre ver as crianças e apesar de ser em um dia que eu não estava em casa à gente sempre se cruzava, então depois de um ano você esquece determinadas coisas, ele mudou e eu mudei também e eu achei que afetivamente e sexualmente as coisas pudessem mudar, acho que até namorar daria certo, mas depois quando passamos a viver juntos novamente, acaba voltando tudo no mesmo.

P) Nesses intervalos em que estavam separados, você se relacionou com outras pessoas?

A) Só agora que eu me relacionando depois dessa última separação.

P) E quais foram os sentimentos que te levaram a se separar?

A) Na primeira foi complicado, porque chegamos a ter momentos de agressão física, não tinha como continuar, mas na realidade desde o primeiro mês de casado eu já sabia que não ia dar certo, eu percebi que não era isso que eu queria, mas eu tinha a necessidade de ter uma família e não de ter um homem, talvez esse tenha sido meu grande erro, ele por sua vez precisava de um lar, então foi levando nisso, eu nunca tive outra pessoa e sempre desconfiei dele, mas pela falta de afetividade, de contato físico, eu nunca tive certeza que ele tivesse alguém fixo, mas é lógico que ele procurava alguém pra receber atenção e carinho, porque a partir do momento em que eu percebi que não dava, eu deixei de dar atenção e carinho, eu fazia a minha parte, sempre trabalhei fora, a gente tinha uma vida social, mas eu não fazia questão nenhuma de ser carinhosa e afetiva, fazia a minha obrigação como mãe, então eu trabalhava, queria ter minha independência financeira e pensava se é assim que a gente vai viver, até o ponto em que não dava mais, eu vi que não precisava daquilo e um dia ele falou assim na primeira separação que não me queria mais, que não ia viver comigo e eu disse tudo bem, então vamos nos separar e ele disse que ia ver um advogado, mas ele não fazia nada, então eu fui a um advogado que mandou uma carta pra ele e foi feita a separação, a segunda vez também, já tinha separação feita e não dava mais, não tinha condição, todas às vezes partia de mim, eu não agüentava mais e me separava dele, isso aconteceu nas três vezes.

P) Você não disse que na primeira vez partiu dele a separação?

A) Ele disse que não queria mais viver comigo, mas não fazia nada, eu me senti coagida a tomar uma atitude, porque ele queria que eu ficasse quieta porque não me agüentava mais e eu não queria continuar vivendo daquele jeito, então fui ao advogado que o notificou e ele teve que comparecer.

P) Você disse que havia agressão física e apesar disso você permaneceu com ele durante

algum tempo. O que você acha que a fazia ficar com ele?

A) Eu fiquei muito tempo sofrendo agressão, mas eu sempre achava que eu era culpada, ele fazia aquilo porque eu havia tomado alguma atitude, porque eu era louca, assim, nós chegávamos muito tarde do trabalho, se ele não fosse me buscar eu tinha que vir mais cedo de ônibus, passar pegar minha filha e ia pra casa e ele chegava bem depois e se ele chegasse em casa tarde, depois que eu já havia feito tudo isso e ainda chegasse meio bêbado e me xingasse eu partia pra cima dele mesmo, eu tinha saído sete e meia da manhã, levado a menina sozinha ele com o carro, que ele não me deixava ficar com o carro, eu partia pra cima dele só que depois na hora que passava aquela loucura à culpa sempre era minha, que eu era louca, eu era desequilibrada e minha família não aceitava esse tipo de situação, não me apoiavam porque afinal de contas ele era tão bom, ele era tão trabalhador, ele supria a casa.

P) Qual situação que você diz que sua família não aceitava?

A) A separação, eles não aceitavam, achavam que eu era muito agressiva, só que com o passar do tempo eu fui vendo que não era eu que era agressiva, eu apenas não estava mais agüentando tudo aquilo e muitas vezes ele fazia as coisas pra ninguém perceber mesmo, eu me desequilibrava independente do que ia acontecer, ele não, ele premeditava, calculava, por exemplo, se ele tivesse que me dar um tapa, ele me dava um tapa onde não aparecia, ele tinha essa preocupação, eu não, eu tinha raiva de toda uma situação que eu via que não dava e minha família não aceitava porque afinal de contas nós tínhamos casa, carro, filho em colégio particular, eu trabalhava em banco, então o que eu poderia reclamar, achavam ele tão bom.

P) E a família dele?

A) A família dele mora no interior, então todas as vezes que houve uma separação, meu sogro que agora é falecido tinha a preocupação de vir e ver como eu estava e se eu ia precisar de alguma coisa e depois ele ia embora, não influenciava em nada.

P) A família dele aceitava melhor a separação do que a sua família?

A) Eu não sei qual a posição deles, eles não queriam problemas, ele já morava sozinho aqui em São Paulo e eles no interior, a separação não ia influenciar a vida deles em nada.

P) A sua família você acha que a separação iria influenciar em algo?

A) Eu não sei, nunca me preocupei muito com a minha família, eles falavam muita coisa, então eu me sentia muito culpada, eu achava que a culpada era eu mesma, afinal de contas eu tinha tudo e eu escutei várias vezes ruim com ele, pior sem ele e tinha toda a dificuldade financeira, eu não estava financeira e profissionalmente tão estruturada como estou hoje e eu tinha uma filha pequena e na segunda separação tinha dois filhos, então eu tinha um medo muito grande e eu tinha uma vontade de ter a minha família, então acho que agüentei muito por causa disso.

P) Você disse que casou nova e logo percebeu que não era o que você esperava, e o que você fez com seus sonhos?

A) Eu engoli todos os meus sonhos (choro)

P) Nessas reconciliações você tentava resgatar esses sonhos?

A) Muita coisa ficou pra trás, muita coisa, hoje eu penso em fazer algumas das coisas que eu gosto, que eu tinha vontade, mas é outra época e hoje busco fazer sozinha, mas não é mais a

mesma coisa, naquela época eu tinha 18 anos e hoje eu tenho 39. São muitos anos, às vezes eu tenho uma sensação de tempo perdido, mas que é recompensado por outras coisas, como por exemplo, as crianças, meu profissional hoje, mas tem coisas no afetivo, por exemplo, que eu sei que ficaram pra trás e não tem o que fazer agora, só compensando com outras.

P) Seus pais são casados?

A) Não, meus pais são separados desde que eu era bem pequena.

P) Você sabe o motivo da separação deles?

A) A minha mãe também apanhava muito do meu pai, não era como eu, ela casou com ele muito nova, ele era mais velho também e ele tinha muitas mulheres e hoje ele é casado com a noivinha do casamento deles e eu fui criada pela minha avó e minha tia, a princípio morava com minha mãe na casa de minha avó, depois minha mãe se casou de novo e eu fiquei morando com minha avó e minha tia. Depois de muito tempo de terapia eu entendi que na verdade eu não tinha uma família, eu estava na família de alguém, então alguém me aceitou, não que eu tivesse a minha família e essa era uma necessidade que eu tinha, muito grande de ter uma família, de ter a minha família, meus filhos, minha casa, hoje eu percebo que era muito forte isso em mim e acho que me agarrava a isso para continuar tentando ter um lar, uma família com meu marido e meus filhos, seguindo aquele padrão de pai, mãe, filho, cachorro, papagaio.

P) E hoje que você está separada, mora com seus dois filhos, como é pra você esse seu desejo de ter uma família?

A) Eu me sinto em família, apesar de ser só eu e meus filhos, mas depois de três anos sinto falta de um relacionamento afetivo, mas eu acho que consegui aceitar que essa é a família que eu tenho e é o que me faz feliz.

P) Você vê alguma possibilidade de reconciliação com seu ex-marido?

A) Não, agora eu busco uma outra companhia afetiva, outro modelo de homem.

P) Os seus sonhos, você acha que eles não mais existem ou você ainda busca alguém para realizá-los?

A) O sonhos existem, independente de estar ou não com alguém, eu tenho vontade de viajar muito, teve muitas coisas que ao longo do tempo eu fui fazendo como, por exemplo, eu sempre sonhei em me realizar profissionalmente e hoje eu sou realizada profissionalmente, eu gosto muito de estudar, então eu continuo estudando, eu me permito isso, eu gosto de viajar e viajo em lugares próximos, mas eu tenho o sonho de viajar pra Espanha e isso eu vou fazer independente de estar com alguém ou não e se essa pessoa vier somar, vai ser ótimo, mas não que eu vá esperar que apareça alguém pra realizar meus sonhos.



## Entrevista 5 - Bárbara

**P = pesquisadora / B = Bárbara (nome fictício)**

### 1º. Encontro

P) Conforme conversamos anteriormente você foi convidada à participar de uma pesquisa para dissertação do meu mestrado que envolve o estudo com mulheres que apesar de ter um relacionamento conturbado ou insatisfatório, classificado por elas mesmas como ruim, tiveram dificuldade em se separar, com a qual você concordou certo?.

B) Certo.

P) Gostaria de agradecê-la primeiramente e pedir que leia, preencha e assine o Termo Livre de Consentimento Esclarecido para podermos continuar.

B) Está bem.

P) Você tem alguma dúvida?

B) Não

P) Qual a sua idade?

B) 44 anos

P) Você pode me relatar o seu relacionamento, desde que vocês se conheceram?

B) A gente se conheceu em um acampamento. Eu trabalhava em uma firma e algumas pessoas que trabalhavam comigo conheciam ele e o convidaram para esse acampamento e nós nos conhecemos lá. Na época eu gostava de um rapaz que foi quem convidou ele pra ir ao acampamento, mas esse rapaz não “me dava bola” e ele me chamou atenção. Depois do acampamento ele me convidou pra sair e a gente saiu, eu expliquei pra ele que eu gostava do outro rapaz e eu até procurei-o porque a gente havia dado uns beijinhos falei pra ele que ia começar a sair com o L., eu senti a necessidade de falar pra ele se não tinha interesse antes de começar a namorar com o L., apesar de não estar namorando com ele, eu senti necessidade de dar uma satisfação até pra ver se ele se resolvia, mas ele não resolveu nada e disse que estava namorando com outra moça, uma amiga que trabalhava com a gente. Então comecei namorar sério com o L., entre namoro e noivado foram dois anos e meio, ficamos noivos em abril de 1988, quando eu me formei na polícia, eu me formei em um dia e no outro a gente ficou noivo, ele era muito tímido, muito reservado, hoje eu me lembrei que quando tinha 14 ou 15 anos a gente fez aquela brincadeira de São João, de pingar a vela na água e deu a letra L e na época tinha um homem perto de casa que chamava Laércio e minha tia falava que eu ia casar com ele, apesar dele ser bem mais velho que eu, e eu fiquei pensando naquilo. Acho que essas brincadeiras assim atrapalham a gente, influenciam, porque toda pessoa que eu conhecia com a letra L eu achava que ia namorar e casar.

P) Como era o relacionamento de vocês?

B) Nós conversávamos, mas como ele era muito tímido, ele falava muito do serviço dele e das

coisas que ele pretendia fazer profissionalmente, claro que a gente pensava em casar, a família dele em relação a minha era financeiramente mais pobre e ele era muito tímido, tinha vergonha de entrar na minha casa, eu às vezes arrumava a mesa pra tomar café e ele não aceitava porque morria de vergonha e a gente falava que ia casar, ia trabalhar, ia ter a nossa casa, ele tinha sonho de ter uma firma própria, de crescer, ele falava que queria crescer pra mostrar pras pessoas que ele tinha capacidade.

P) Você disse que ficaram noivos no dia seguinte da sua formatura na Polícia Militar. E qual sua formação e como foi o relacionamento de vocês depois disso?

B) Eu me formei soldado e um ano e meio depois nós nos casamos, nesse meio tempo ele vendeu o carro que tinha e comprou um terreno num lugar bem longe de onde a gente morava e depois ele vendeu esse terreno e comprou outro mais perto do centro e começou a construir, eu ajudei na construção com compra de material. A gente pensava em casar, mas tivemos que casar mais rápido porque minha tia descobriu que nós já tínhamos tido relações sexuais, quando mexeu nas minhas coisas e achou anticoncepcional, e pra ela foi um choque, apesar de já ter 23 anos, ela achou que eu tinha traído ela e me mandou ligar pra ele pra ir lá em casa conversar e quando ele foi, ela o colocou lá em baixo, dizendo que ele havia traído a confiança dela e nós marcamos logo o casamento. Nós já nos relacionávamos sexualmente há algum tempo, mais por pressão minha do que dele, porque acho que eu era mais fogosa.

P) E vocês já tinham a casa pronta e as coisas compradas?

B) Nos agilizamos a construção e começamos a comprar as coisas.

P) Como ele se sentia com essa pressão para o casamento?

B) Ele não comentou sobre o assunto e nem eu, parece que a gente assumiu a culpa, pos uma pedra em cima e fizemos o que tinha que fazer.

P) Como foi a realização do casamento?

B) Casei na igreja, depois do casamento teve festa e foram minhas tias que fizeram, meu vestido de noiva foi meu tio que pagou, mas quando eu entrei na igreja, e entrei rápido porque já estava atrasada, não foi aquele casamento que eu esperava, porque a minha tia mais velha foi minha madrinha, ela e meu tio, eu sabia que ela estava decepcionada comigo, então eu já entrei com culpa e por isso eu acho que não foi o casamento que eu esperava.

P) E o que você esperava no seu casamento?

B) Eu esperava que ela não tivesse sabido o que eu tinha feito, porque ela estava triste, dava pra ver no rosto dela, cada vez que eu olhava pra ela eu sentia a culpa e depois vendo as fotos dava pra perceber que ela não estava feliz. Ela já não gostava dele, ela achava que eu não devia me casar com ele e hoje ela fala que já sentia que ele era assim como eu vim a descobrir depois, ela diz que não tinha confiança nele, que ele era cínico e assim por diante.

P) Ele percebeu esse mal estar, essa cara de velório dela?

B) Ele nunca comentou, se percebeu algo nunca falou.

P) Você disse que suas tias pagaram a festa e como foram os preparativos da festa?

B) Elas decidiram e escolheram tudo, eu dei poucos palpites, porque sempre foi assim, eles fizeram as coisas por mim e eu sempre aceitei. Eles são irmãos da minha mãe, desde pequena

foi criada por eles e eles me davam o que podiam me dar como roupas e outras coisas e eu aceitava. Minha tia mais velha ficou viúva cedo e não tinha filhos, quando minha avó ficou doente ela se mudou pra casa da mãe para cuidar dela e dos irmãos mais novos e quando minha avó morreu, ela ficou lá definitivamente cuidando do meu avô, da casa e dos irmãos mais novos, nunca mais refez sua vida afetiva.

P) Você foi à única filha dos seus pais criada por esses tios. Como você se sentia de ficar separada dos seus irmãos?

B) É que quando eu era pequena minha mãe vendia roupa e vinha pra São Paulo quase todo dia fazer compras e eu ficava na casa de vizinho ou na casa da minha tia ou às vezes com empregada e eu gostava de ficar na casa das minhas tias e eu que decidi morar com elas, porque lá as coisas eram organizadas, tira hora pras coisas e na casa da minha mãe era uma loucura, tudo desorganizado, não tinha hora pra nada.

P) Suas tias sempre tomaram as decisões por você. A sua entrada na Polícia também?

B) Não, eu nem pensava em entrar pra Polícia, mas eu estava desempregada e fiquei sabendo que tinha aberto o concurso e fui lá fazer e fui passando de uma fase pra outra, o L. não queria, na época eu até falei pra ele que não tinha passado no concurso e ele ficou todo feliz e então eu disse pra ele que era mentira, que eu havia passado sim, ele não queria que eu tivesse entrado. Ele não queria que eu trabalhasse de Polícia porque a fama de policial mulher trabalhando no meio de um monte de homens era ruim, meus tios não gostaram muito porque achavam que era perigoso e era até engraçado porque quando eu ia trabalhar de madrugada elas me levavam até o ponto do ônibus, imagina eu fardada acompanhada de duas senhoras no ponto.

P) Depois que vocês se casaram como foi esse período inicial?

B) Então, parece que tinha uma barreira entre a gente, ele era muito frio, até muitas vezes eu chamava ele de frio e calculista, eu trabalhava e tinha uma folga por semana, que às vezes a minha folga era sábado ou domingo, eu até preferia trabalhar no domingo só pra não ficar com ele em casa, porque ele era muito calado e era difícil a gente sair, sempre era eu que tinha que puxar papo tinha que pedir pra sair, às vezes eu saía do serviço e a gente já marcava uma pizza, eu ia fardada e ele ia todo sujo de graxa, porque trabalhava como mecânico, a gente comia a pizza, ia pra casa, ele não participava, sei lá, ele era estranho.

P) Como você se sentia indo à pizzeria com ele sujo de graxa?

B) Eu não ligava, pensava, nós viemos do serviço e não deu pra passar em casa e se trocar, o meu uniforme é a farda e o dele é o macacão, mesmo que os outros me olhavam não ligava.

P) E como você lidou com essa falta de comunicação entre vocês?

B) Ele fazia faculdade, eu chegava do serviço enquanto ela estava na faculdade, tomava banho e ia dormir porque no dia seguinte saía pra trabalhar mais cedo do que ele, quando eu estava de folga, acordava cedo, levantava e arrumava a mesa pra gente tomar café junto e ele saía sem tomar café, e ele sempre dizia que detestava esses homens que tomavam café da manhã na padaria, mas ele fazia a mesma coisa, eu nunca soube porque ele não tomava café comigo e acabou que desisti de levantar mais cedo, quando estava de folga aproveitava para dormir e

outras coisas que eu fazia que ele não participava acaba deixando de fazer.

P) Quanto tempo depois de casada vocês tiveram os filhos?

B) Eu engravidei pela primeira vez, dois anos e meio depois de casada. A família cobrava muito uma gravidez, a irmã dele casou bem depois de mim e já estava grávida e eu ainda não, mas eu tomava remédio porque ele dizia que depois que engravidasse eu sairia do serviço e eu concordei, mas queria esperar mais um pouco, mas acabou que engravidei um mês depois da minha cunhada, só que um aborto espontâneo com três meses. Fiz a curetagem e no mês seguinte já estava grávida de novo.

P) Você quis engravidar logo em seguida?

B) Quis sim, o aborto mexeu muito comigo, fiquei pra baixo, me sentindo inferior, quando tive sangramento fui ao hospital militar e uma médica muito fria foi me examinou e disse que não tinha nada de errado porque não tinha resto de feto, sai de lá abalada e ele me pressionando pra pedir baixa, dizendo que eu havia sido mal tratada, policia não presta, e no mês seguinte eu engravidei de novo e entrei com os papéis pra pedir baixa.

P) Você acha que de alguma maneira o teu trabalho afetou a tua gravidez e causou o aborto?

B) Não, eu acho que não, mas como a gente tinha combinado que eu sairia quando engravidasse, ele me cobrou, apesar de que eu queria continuar mais um pouco porque se eu completasse cinco anos eu poderia pedir um afastamento e depois voltar, mas ele me atormentou tanto e eu fiquei tão arrasada por causa do aborto que não esperei, faltavam dois ou três meses pra completar os cinco anos.

P) Você se arrepende?

B) Em parte sim, porque eu poderia estar trabalhando, ser independente, mas por outra parte eu fiquei em casa e cuidei dos meninos, coisa que eu sempre quis fazer, não queria meus filhos com empregada, queria ter um contato direto com eles sempre.

P) Você disse que engravidou logo em seguida e como foi essa gestação?

B) Eu não sei se ele foi comemorar quando eu falei que estava grávida, eu sei que ele era muito frio, minha barriga foi crescendo ele não punha a mão, eu me lembro uma vez que eu estava na casa da minha tia e mexeu e eu não sabia ainda que eram gêmeos, só soube três dias antes deles nascerem, porque na época não tinha convênio e deixei pra fazer o ultra-som no final da gestação porque não podia pagar toda hora o exame e já queria saber o sexo do bebê, e quando fiz o ultra-som e falou que eram gêmeos eu fui pra casa assustada, porque ele trabalhava e estava montando uma firma, então todo dinheiro que ele ganhava ele punha na firma que estava montando, então nossa vida era "apertada", quando eu trabalhava que eu fazia a compra do mês, pagava água, luz, tudo era eu, o dinheiro que ele recebia ele investia todo na firma que estava abrindo, esta bem apertado mesmo e minha "ficha" demorou pra cair que eram gêmeos. Mas como estava falando, eu estava na casa da minha tia e formaram-se dois calombos na minha barriga e começou a mexer e eu peguei a mão dele e pus na minha barriga e falei pra ele olha ta mexendo, mas ele era muito frio, não tinha reação e isso me matava, eu ficava me lembrando que quando a gente namorava e eu ia à casa da mãe dele e tinha os primos, sobrinhos dele, crianças, ele era super carinhoso e brincalhão, se jogava no

chão, eu sempre pensava que ele iria ser um ótimo pai, mas nunca foi de brincar com os meninos, nosso filhos.

P) Como foi o nascimento dos gêmeos?

B) No sábado, véspera do nascimento deles, nós “batemos laje” porque eu morava em um quarto e cozinha e em cima estava ampliando a casa, e eu subi muitas vezes a escada porque toda hora ele me chamava, quando foi no final da tarde, minha tia estava em casa e eu disse a ela que não estava me sentindo bem, estava sentindo umas coisas esquisitas e ela me disse pra tomar um banho, deitar e descansar, enquanto isso minha tia foi lá em cima avisar o L. que eu não estava bem e ele nem quis saber o que eu tinha e nem foi lá em baixo me ver e bebia muito, bebia muito até que de madrugada estourou a bolsa, aí eu fiquei pensando se na época ou minha tia me falasse vamos ao médico, não me passou nem pela cabeça que eles já fossem nascer naquele dia, ou então ele dissesse deixa eu ir lá ver como ela está, vamos ao médico, mas nem ligou, e aí de madrugada estourou a bolsa e era meu aniversário. Nós fomos pro hospital, não tínhamos carro, fomos no carro do meu tio, um fusquinha, chegando lá o médico me pôs no soro pra ver se segurava os bebês, mas não consegui e eu fiquei até à tarde do outro dia pra ter eles, eu estava grávida de sete meses pelas minhas contas, me senti culpada daquele dia ter subido e descido tanto a escada e culpei ele também por ter me feito fazer aquilo.

P) Os bebês nasceram e o que aconteceu depois?

B) Os dois nasceram prematuros e ficaram na incubadora e um deles, o G. sobreviveu apenas uma semana, o V. ficou quase dois meses no hospital, ele nasceu com um quilo e trezentos, o que faleceu nasceu com um quilo e seiscentos, mas o pulmão não estava completamente formado. Quando eu tive alta do hospital eu fui pra casa da minha tia e fiquei lá até o V. ter alta, eu ia ao hospital diariamente de manhã e à tarde pra amamentar, mas não no início, no início eu só ia lá vê-los, depois de um tempo, quando o G. já havia morrido é que o V. saiu da incubadora, mas ainda continuou internado e eu ia lá para amamentá-lo, eu tirava o leite com bombinha, eu me sentia culpada pela morte do G., por ter ficado subindo e descendo a escada, devia ter dito não vou, estou grávida.

P) Qual foi a reação de seu ex-marido após a morte do seu filho?

B) Ele não disse nada, a coisa ruim aconteceu, aconteceu ali e morreu ali, não tocava mais no assunto, ele às vezes me pegava chorando, mas não me perguntava porque, muitas vezes eu chorava sozinha.

P) Como foi pra você não ter o apoio do seu marido?

B) Eu não esperava isso dele, parece que eu casei com outra pessoa, um estranho, antes do casamento ele dava um pouquinho mais de atenção, apesar de achar que não dava toda atenção que eu queria, não sei porque ele era tão indiferente.

P) Você teve outro filho depois?

B) Sim, tive o G., logo depois, porque eu tinha medo do V. morrer, com dois meses de vida ele fez uma cirurgia de hérnia e ele ficou com cicatrizes, uma de cada lado e uma no meio, e o médico deu alta pra ele por medo de que ele pegasse infecção hospitalar, mas ele pesava

apenas um quilo e novecentos, minha irmã que dava banho nele, ela parece enfermeira, leva muito jeito e ela o batizou, ele era muito pequeno, eu achei que não ia conseguir dar banho nele, mas depois que ele foi pra casa rapidinho ele foi engordando e crescendo e eu logo fui pegando o jeito, fiquei na minha tia até um mês depois da alta do V., só depois eu fui pra minha casa e nesse tempo o L. ficou livre pra fazer o que ele queira, porque ele não dormia na casa da minha tia, dormia em casa.

P) E como ficou o relacionamento nesse período?

B) Nosso relacionamento nesse período ficou mais frio e distante ainda, ele não ajudava a cuidar do V. e depois que ele já estava mais forte eu voltei pra casa porque estava com saudade da minha casa, mas do meu marido não. Quando retornei não tomava anticoncepcional porque falavam que quando amamenta não engravidava, e eu também não pensei muito sobre isso, não tinha essa preocupação de engravidar ou não, mas acabei engravidando sem que tivéssemos conversado sobre ter outro filho que nasceu um ano depois do primeiro e então eu conversei com ele e falei que queria operar para não ter mais filhos e no dia que comecei a sentir dores, minha irmã que estava em casa comigo e eu falei pra ele que não estava me sentindo muito bem, apesar de ter marcado para fazer a cesariana junto com a laqueadura pra semana seguinte, e ele me disse que se precisasse ir ao hospital que eu pedisse pro cunhado dele que é um dos sócios da firma me levar e eu pensei, vou pedir pra outra pessoa levar, ele era meu marido, era pra ele que eu tinha que ligar pra me levar no hospital, ele devia largar tudo e me levar ao invés de mandar o sócio, eu não tinha telefone nessa época e falei pra minha irmã pra não chamar ninguém e fui sozinha com ela pro hospital, chegando lá o médico examinou e disse que eu estava com dilatação, se você quiser parto normal você vai pra casa e volta mais tarde, mas eu já havia combinado de fazer cesariana e não queria ter mais filho e depois que nasceu, minha tia ligou pra ele avisando e disse que ele reclamou porque eu não tinha chamado e porque que eu tinha operado, ele não queria que eu operasse, mas foi a melhor coisa que eu fiz, não me arrependo, nunca conversamos mais sobre isso também, mas eu também não sei dizer porque não queria mais filhos, só sei que não queria.

P) Esse casamento que já tinha dificuldade de relacionamento e de diálogo, como foi se desenrolando?

B) O casamento já estava mal desde o início, com um ano de casada à gente foi pra um encontro de casais na igreja, porque nesse um ano eu já tinha vontade de me separar dele, mas daí eu pensava como eu ia fazer, minha tia vai morrer se eu falar que vou me separar dele, ela é muito religiosa e eu pensei ou fazer um encontro de casais e ver se ele melhora, porque ele bebia muito, mas antes da gente se casar só uma vez que a família dele o procurou lá em casa porque ele tinha ido pra faculdade e não tinha aparecido até de madrugada e eu e minha família ficamos assustados achando que podia ter acontecido algo e fomos até a casa dele e logo depois ele chegou todo alegre, bêbado, mas foi à única vez e a família dele nunca me falou nada, hoje eu sinto que eles esconderam de mim que ele bebia.

P) Depois que vocês casaram você percebeu que ele bebia. Ele bebia em casa ou na rua?

B) Na rua, ele chegava em casa já alegre, mas mesmo assim não era falante, chegava deitada e dormia. No encontro de casais foi abordado o tema do alcoolismo, de chegar bêbado e todas essas coisas, não foi com um ano de casados que fizemos o encontro de casais, eu já estava grávida da primeira vez, então foi com dois anos e meio de casamento, imagine eu me separar ainda por cima grávida. Ele foi ao encontro de casais meio contrariado, ele não queria ir, mas eu insisti e depois do encontro tem uma reunião que uma vez por mês os casais se encontram pra fazer oração, cada vez na casa de um e nunca ele ia, eu sempre dava a desculpa de que ele estava trabalhando e tinham duas moças que moravam no meu bairro e elas sabiam e eu já também com um barrigão, mas eu preferia dar uma desculpa a ir com ele com aquele bafo de bebida.

P) Com todas essas dificuldades e tentativas em vão você ainda não conseguia se separar?

B) Não, eu não conseguia me ver separada porque antes de casar eu achava que comigo ia ser diferente, eu não ia deixar nada dessas coisas que a gente ouve acontecer, se acontecer vou tentar resolver.

P) Mas você não tem caso de separação na família?

B) Meus pais separavam e voltavam, a cada reconciliação era um novo irmão meu, eu não queria isso pra mim e eu penso muito no juramento que eu fiz na igreja no dia do meu casamento, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, e sabia que casamento não é feito só de momentos bons e eu pensava que um dia ia melhorar, um dia ele vai na "cair na real" e fui levando, cada vez foi ficando pior, ele não dava atenção nenhuma, chegava sempre bêbado, mas eu continuava sem coragem de me separar, os meninos ficavam dias sem ver o pai, porque ele chegava de madrugada e os meninos já estavam dormindo e depois no outro dia saia cedo pra trabalhar antes dos meninos acordar, os meninos perguntavam e eu sempre dizia que o pai estava trabalhando, nos finais de semana e feriados o pai viajava segundo ele a trabalho, depois descobri que não era, nos feriados ele arrumava uma viagem pra mim e pros meninos com as irmãs dele e ele viajava pra outro lugar a trabalho, na época eu não enxergava, não me passava pela cabeça que ele me traia eu achava que o único defeito dele era a bebida.

P) Quando você descobriu que essas viagens não eram realmente a trabalho?

B) Acho que quando já tínhamos uns oito ou nove anos de casado, comecei a achar que tinha alguma coisa, mas ao mesmo tempo eu não queria aceitar, até que um dia minha irmã chegou pra mim e disse que precisava falar comigo e marcamos mais tarde, mas eu não consegui esperar e liguei pra ela me dizer o que queria e ela me contou que ele estava me traindo com uma moça que era amiga da minha outra irmã e ele gostava muito dessas coisas de rodeio, ele ia a tudo quanto era rodeio e eu não ia junto porque toda vez que a gente saia ele sentava pedia uma cerveja e não dava a mínima atenção pra mim nem pras crianças, eu tinha que ficar correndo atrás dos meninos que eram danados, eu saia pra curtir um pouquinho e voltava mais cansada e ainda por cima ele bebendo. Teve uma vez que ele bebeu tanto, me deixou na casa da minha irmã e disse que dali a pouco passava pra me pegar e esse pouco não chegava nunca, deu mais de meia noite o pessoal querendo dormir e ele não chegava pra me buscar,

então ela me falou pra dormir lá, me deu o quarto dela pra dormir eu e os meninos e de madrugada ele chegou fazendo escândalo no portão, buzinando e eu tive que sair com os meninos e eu fui calada, porque quando ele bebia, ficava agressivo e ele falou qualquer coisa e eu respondi, ele ficou furioso entrou na avenida principal na contramão pisando fundo na direção de um carro que vinha vindo e eu comecei a gritar desesperada e ele desviou e depois daquilo eu falei nunca mais saio com ele e nunca mais sai com ele mesmo, eu não vou por meus filhos em risco.

P) Você disse que quando ele bebia ficava agressivo, chegou a ter algum caso de agressão física entre vocês?

B) Não, mas ele ameaçava, uma vez eu falei pra ele vem bate pra você ver. No casamento da irmã dele eu não me lembro que palpite eu que dei, sei lá, que eu tava preocupada, eu falei e ele me deu uma ombrada que me jogou longe, eu fiquei arrasada, mas a agressão dele era mais psicológica.

P) E quando você conseguiu fazer uma mudança de comportamento, sair dessa obrigação de estar casada?

B) Quando ficou claro que ele estava me traindo, eu disse, eu não vou aceitar isso, eu estava na casa da minha tia, fiquei nervosa, ela me deu calmante e meu tio apareceu me viu chorando, ficou nervoso com aquilo e foi lá na firma do L. tirar satisfação com ele, fez um escândalo lá, eu liguei pra minha irmã pra deixar meus filhos lá com ela e fui pra minha casa, cheguei lá arrasada e fiquei sozinha pensando. Minha irmã me contou que ele tinha feito uma festa de arromba pra menina que ele estava saindo, no aniversário dela, teve loucuras de amor e a gente construindo com sacrifício, meus filhos dormindo num colchão no chão porque eles não tinham cama, a gente passando dificuldade e ele pagando festa, foi até no dia do casamento da irmã dele que a gente tinha ido e ele tava desesperado pra vir embora e ele tinha comprado um chapéu de boiadeiro, pegou dois vasos de plantas que tinha sido numa chácara o casamento, me deu um vaso e disse que ia levar o outro pra um amigo, saiu dizendo que ia num aniversário e eu fiquei em casa, depois eu liguei uma coisa com outra.

P) Como sua irmã descobriu?

B) Ela tinha uma pizzaria e do lado havia um outro comércio de um parente dessa moça e contou pra minha irmã da festa de arromba que ele fez. Eles sabiam que ele era casado, eles viviam indo a rodeio e iam numa turma e acabava sempre sobrando pro L. levar essa fulana pra casa, já era um esquema armado, e eu fiquei indignada porque passando dificuldade em casa e ele fazendo isso, fui no guarda-roupa peguei todas as roupas dele, joguei no chão, pisoteei, até o chapéu e pensei assim se ele não tem dinheiro e ta fazendo todas essas coisas, ele deve estar roubando a firma e já pensei nos sócios dele, liguei pra mulher do sócio dele contei tudo e ela veio falar comigo em casa, enquanto ela não chegou eu fiquei tão desesperada sozinha que eu chamei minha vizinha pra me fazer companhia, desabafei com ela e quando a mulher do sócio chegou ela foi embora, e falei que ele devia estar roubando a firma, roubando eles, fiquei preocupada com ela, eles foram embora e o L. chegou, ele perguntou o que estava acontecendo e eu falei pra tudo que havia descoberto pra ele e ele



reclamou que meu tio tinha ido à firma, feito escândalo, feito ele passar vergonha, a mãe dele também ligou porque meu tio ligou pra casa dela ameaçando o L., uma confusão, acho que se meus tios não tivessem se envolvido como se envolveram minha separação não tinha sido do jeito que foi, tinha sido mais tranqüila.

P) Foi muito conturbada sua separação?

B) É, meus tios se envolveram e ele ficou irritado, daí ele veio pra casa à noite, dormiu, nós conversamos e ele disse que era tudo mentira, que era inveja da minha família, que a minha família tinha inveja porque a gente estava crescendo, porque ele tinha a firma e eu ficava pensando será que é verdade mesmo, será que ele está falando a verdade, porque ele fazia a minha cabeça e teve uma época que eu achei que era verdade mesmo, que era inveja e ele não tinha feito nada. Ele saiu de casa, me fez assinar um papel como ele não estava abandonando o lar, enquanto isso eu fui atrás no comércio da mãe da moça que minha irmã tinha dito e inventei uma estória lá, mas não consegui nada, em um outro dia voltei lá, emagreci em um mês 10 quilos, não conseguia comer nada, tudo me fazia mal, quando a mulher me viu achou estranho, fui falar com ela e ela ficou atrás do balcão como se estivesse com medo de mim e eu disse a ela que não precisava ter medo que eu não ia fazer nada, não queria confusão nem baixaria, só queira conversar e ela me contou que ele freqüentava a casa dela, ia ficar noivo da moça, que ele havia dito que morávamos juntos na mesma casa, mas que o nosso casamento já tinha acabado há muito tempo e ele só não tinha saído de lá porque não tinha pra onde ir e então ficou tudo confirmado pra mim, a partir daí eu ficava em casa pensando um monte de bobeira, diversas vezes eu peguei um monte de remédio pensando em me matar, mas lembrava dos meus filhos, me imaginava no caixão e pensava não vou fazer isso, mas por diversas vezes pensei em me matar. Um dia eu mandei uma mensagem de amor pra ela, ela trabalhava em um mercado, como se fosse dele e pedi pra pessoa que entregasse a mensagem, pedir uma resposta dela e gravar e fui buscar a resposta. Foi outra confirmação do relacionamento deles porque ela respondeu que o L. não era disso, de mandar mensagem. Depois de um tempo que ele já tinha saído de casa, ele foi visitar os meninos e eu pus a fita no gravador e perguntei pra ele o que significava aquilo e ele disse que aquilo não provava nada, qualquer pessoa podia dar aquela resposta.

P) Quando e como foi a formalização da separação de vocês?

B) A saída dele de casa foi em outubro ou novembro e no começo do ano ele entrou com o pedido de divórcio, mas nesse meio de tempo ele falava que eu ia ver como isso era tudo mentira e a gente vai ficar junto de novo e às vezes a gente se encontrava, ele ia lá em casa, a gente transava, porque no fundo eu achava mesmo que era tudo mentira, até que ele veio com o pedido de divórcio, então eu cai na real e percebi que era verdade, mas ainda assim ele dizia que a gente ia se divorciar porque tinha firma, sócio no meio, a gente ia se divorciar, mas depois a gente casa de novo, mas depois que a gente assinou o divórcio, eu cheguei em casa e rasguei todo o álbum de casamento, acho que nessa hora eu realmente me dei conta.

P) Você ainda gostava dele?

B) Nossa, gostava muito, quer dizer não sei se gostava mesmo ou se eu era dependente dele,

tipo assim, ruim com ele, pior sem ele, fora o medo que dá, agora eu sou separada, dois filhos.

P) Qual foi a reação dos seus filhos?

B) O mais novo o G. não reagiu, para ele parece que ele não sentiu, mas o V. ficou muito revoltado, minha tia me disse que quando eles ficaram lá e eu fui pra casa, o L. foi lá conversar com eles e o V. corria atrás do carro pedindo pro pai não ir embora não deixá-lo, me dá até vontade de chorar quando eu lembro disso, o mais velho sofreu muito e de alguma maneira ele me culpa pela separação, por isso até hoje a gente não se dá muito bem.

P) Vocês chegaram a conversar sobre a separação e tentaram uma maneira de melhorar o relacionamento?

B) Quando ele era menor eu falei pra eles, contei tudo, não escondi, disse que o pai deles havia me traído e eu não tinha como continuar com ele, mas ele não entendeu e eu nunca mais toquei no assunto, ele não aceita que eu converse qualquer coisa com ele, que eu aconselhe ele, às vezes eu vou falar alguma coisa com ele e ele diz que não gosta de falar esses assuntos comigo, mas eu digo que sou mãe dele e tenho que falar, eu quero o seu melhor, não quero que você se prejudique, mas ele não aceita diz que eu tenho 44 anos e pareço uma criança, não sei tomar decisão de nada e algumas vezes ele tem razão, eu sempre penso muito no que os outros vão achar das minhas decisões antes de tomá-las, apesar de que eu melhorei bastante agora, antes eu pensava muito mais nos outros e na opinião deles.

P) Primeiro era sua tia que tomava suas decisões, depois você casou e passou a ser seu marido e agora separada quem toma as decisões por você?

B) Eu, apesar de antes também era eu que tomava as decisões em casa porque eu ficava sozinha, como por exemplo, na construção da casa, eu ficava sozinha com o pedreiro, então tudo que tinha que fazer eu fazia, mas no fundo ele é que decidia mesmo (suspiro).

P) Depois da assinatura do divórcio como foi a sua vida?

B) Ele me procurava quando ia em casa ver os meninos, depois de três anos eu arrumei um namorado e ele continuava me procurando e eu cedia, às vezes ele ia em casa quando os meninos não estavam, outras vezes a gente ia pra motel, sempre no horário que os meninos estavam na escola pra não saber de nada. Eu tinha vontade de arrumar uma pessoa casada, pra eu ser a amante, eu queria saber o que a amante sente e eu arrumei um rapaz que era segurança do banco em que eu tinha conta, eu ia ao banco e a gente ficava se olhando e eu me apaixonei por ele e ele também se apaixonou por mim e ele me convidou pra sair, eu tinha vontade de ir, mas ao mesmo tempo não tinha, porque o que se faz aqui, aqui se paga, eu sofri muito quando o L. arrumou uma amante e agora eu vou fazer a mulher desse rapaz sofrer e eu não quero, mas acabou que a gente saiu, eu queria sentir, queria ser amante, queria saber o que um homem casado faz com uma mulher que não é sua esposa e depois ele até comentou que queria se separar da mulher, ficamos dois anos tendo um caso e depois terminei tudo, não queria mais aquilo pra mim, namorei outros homens até que namorei mais firme com um e ele foi morar lá em casa, moramos juntos uns meses, nessa época meu filho mais velho V. não maltratava e nem era maltratado, mas não gostava dele, tinha muito ciúme, o mais novo G. gostava dele, eles brincavam, mas não deu certo porque ele era separado já há algum tempo e

a ex-mulher dele continuava comandando ele e eu disse pra ele que queria ser a matriz e não a filial, namoramos por três anos e eu dei uma porção de chances pra ele, nós brigávamos e ele vinha atrás de mim, às vezes eu estava brigada com o V. e ficava sozinha no final de semana, ele me procurava e eu o aceitava de volta pelo menos tinha companhia pra sair, gostei muito dele mas chegou uma hora que não deu mais.

P) Você não seguiu as expectativas da sua família e como foi isso pra você?

B) Ela achava que ele não era homem pra ser meu marido e depois da separação então, eu me lembro um dia que a gente estava almoçando na casa da minha tia, aliás, a rotina era sempre essa, uma semana almoçando na minha tia e outra semana almoçando na casa da mãe dele, tocou o celular do L. ele atendeu e disse que estávamos lá e que dali a pouco ia pra lá, por mim normal, ele almoçou rapidinho e saiu nem deu tchau pra ninguém e naquele dia uma tia minha olhou pra outra e desconfiaram dele.

P) Quando você se separou, elas aceitaram?

B) Ninguém falou nada, mas olhou assim como quem me diz não avisei, falaram que já vinham percebendo alguma coisa estranha com ele, mas não disse nada se era pra eu me separar ou não, e eu decidi me separar, não ia ficar com uma pessoa assim.

P) Você teve medo com relação ao seu lado financeiro?

B) Eu sabia que ele ia ter que pagar pensão, então nessa parte eu não fiquei com medo não, a situação financeira dele já estava melhor quando a gente se separou, a gente nem conseguiu curtir essa fase melhor, a realização do nosso sonho que era a construção da casa.

P) Agora após a separação, você acha que a comunicação entre vocês melhorou?

B) Não, ele continua calado, só diz que não fez nada de errado, que eu fui atrás da conversa da minha família.

P) E quanto à educação dos seus filhos, vocês conversam?

B) Sim, ele me liga chamando a atenção das coisas que os meninos fazem de errado e eu digo que eles não são mais crianças, você não tem que cobrar de mim, cobre deles, mas ele cobra de mim e eu digo a ele que precisa dar o exemplo. Lembrei-me de mais uma coisa sobre a minha tia, ela não contou pra ninguém que eu tinha me divorciado, algumas pessoas ficaram sabendo só agora depois de tantos anos e quem soube foi pela boca de outras pessoas, dela não.

P) Você não falou nada de seus pais durante a entrevista, o que eles acharam de tudo isso?

B) Meu pai sempre foi ausente, ele era bicheiro e ele era mais ligado à família do sócio dele do que a nós, o Natal ele passava com eles e não com a gente, eu não tinha muito contato com a minha mãe, a gente era meio afastada, depois que comecei a fazer terapia que a gente se aproximou e ela acabou contando que no final de ano lá em casa era tudo simples e ele passava na casa do sócio comendo do bom e do melhor, que ele também ajudava a comprar, em relação à separação nunca falou nada, pra ele era tudo normal.

P) Sua mãe fez algum comentário no casamento ou na separação?

B) Não, até na época de casar, minha mãe não ia ao meu casamento porque eu e essa minha tia que me criou éramos tachadas de metidas, acho que porque a casa era sempre limpa e

arrumada, móveis antigos, mas conservados e uma outra tia já falecida comentou alguma coisa com a minha mãe e ela disse que não ia ao meu casamento, então eu não coloquei o nome dos meus pais no convite, pensei pra que eu vou colocar o nome e não coloquei, mas depois minha tia foi e conversou com a minha mãe e na última hora ela resolveu e foi, mas não ficou no altar, ficou assistindo sentada junto com os outros convidados, depois ela não ia me visitar, quando meus filhos nasceram foi pouquíssimas vezes visitar, hoje tenho um relacionamento melhor, mas ainda distante, até mesmo meus filhos consideram minha tia como avó ao invés da minha mãe e minha mãe também considera mais os outros netos do que meus filhos, os presentes deles são mais caros, ela nem lembra o dia do aniversário deles, ele ano até lembrou, mas ligou deu parabéns de uma maneira distante.

## ANEXO D – Parecer do Comitê de Ética



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP**  
**SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE**

Protocolo de Pesquisa nº 240/2008

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo

Autor(a): Silvana Negro Barbosa

**PARECER** sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado *Transgeracionalidade: para compreender a permanência no casamento em situação insatisfatória*

### CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

### CONCLUSÃO

Face ao parecer substanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 29/09/2008, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 240/2008.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea “c”, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 29 de setembro de 2008.

**Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende**  
**Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP**

Rua Ministro de Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001  
Tel.: (0xx11) 36708466 – Fax: (0xx11) 36708466 – e-mail: [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)